

A Imperatriz D. Leopoldina

(Mãe do Imperador D. Pedro II)

1.^a Edição em comemoração ao 1.^o Centenario
da morte da Imperatriz D. Leopoldina

POR

AMILCAR SALGADO DOS SANTOS

Official do Exercito, Socio Effectivo do Instituto Historico e
Geographico do Pará, e correspondente do da Bahia,
da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro e
da de Sciencias, Lettras e Artes de Campinas.



SÃO PAULO

Escolas Profissionais do Lyceu Coração de Jesus
Alameda Barão de Piracicaba, 36-A

— 1927 —

1. 3. 1
L 58 4
6

TRABALHOS DO AUTOR:

LUCIA (novella)	1917
A BATALHA DO ITUZAINGÓ	1920
A GUERRA DA INDEPENDENCIA	1921
A GUERRA ENTRE O BRASIL E RE- PUBLICA ARGENTINA em 1827	1922
A BATALHA DO LYZ (Aos soldados portuguezes)	1923
A BRIGADA POTYGUARA	1924
A IMPERATRIZ D. LEOPOLDINA	1926

A sair :

BRASIL-ALLEMANHA
O MARECHAL HERMES

E outros em collaboração no *Diario Popular*, *Diario da Noite*, *O Combate*, *Correio Paulistano*, na *Folha*, de Jundiahy; na *Defeza Nacional*, no *Boletim do Estado Maior do Exercito*, na *Revista do Club Militar*, etc.

DO SENADO FEDERAL

acha-se registrado

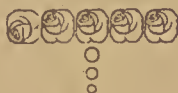
o 4892

1974

*Á memoria da Imperatriz D. Leopoldina e de seu filho
— o magnanimo Imperador D. Pedro II, de sauda-
dosa memoria.*



*As memorias das imperatrizes D. Amelia de Leuchet-
berg e D. Thereza Christina e da Princeza Izabel
— a Redemptora.*



*Á memoria de meu saudoso Pae, o Senador Gabriel
Salgado dos Santos, minha irmãzinha Zuleika,
do dr. José Maria de Beaurepaire Rohan Pinto
Peizoto e D. Isabel Figueredo Barata, digna Se-
nhora paraense de nobres virtudes e sentimentos
patrioticos.*

Ao PARÁ, meu querido e saudoso Estado natal, do qual estou ausente ha tanto tempo; — ao da Bahia, glorioso berço dos herócs da Guerra da Independencia e da batalha de ITUZAINGÓ; — e de S. PAULO, terra natal de minha querida esposa Luce e de meus filhinhos Napoleão Nelson e Milton Bolivar.



Á minha MÃE, e ás Exmas. Sras. D.D. Balbina de Albuquerque Souza e Vicentina de Azeredo Coutinho, e ás minhas antigas professoras das Escolas Publicas que cursei, D.D. Francisca Candida Lopes, Julia Dezouzar e Eldina Dias; ás senhorinhas Maria Rosalia, minha irmã e Celia de Oliveira Fausto e a minha querida esposa Luce e meus dois filhinhos Napoleão Nelson e Milton Bolivar.



Aos Exmos. Snrs. Drs. Affonso Celso, Max Fleuiss, Affonso Taunay, Paulo Setubal, Bernardino de Souza, Palma Muniz, Celso Ferraz Camargo, Mario da Veiga Cabral, Edmundo Auerning Burle, Francisco Gonçalves de Figueredo e Alexandre Max Kitizinger; e aos jornalistas Rudolph Toppmair, Ernesto França Ferreira, Aeylino Rangcl Pestana, Leopoldo de Freitas e João Gogliano, e finalmente aos virtuosos irmãos maristas, Marcello, Amancio, Ambrosio, José Renato, meus antigos mestres no Collegio Diocesano de S. José, no Rio de Janeiro, assim como ao Sr. Salvatore Marinaro, meu sogro.



A Imperatriz D. Leopoldina
1797 — 1826



Breves Palavras

A Imperatriz Leopoldina

“Reminiscencias”

Desde quando comecei a estudar a Historia do Brasil, isto quando ainda nem dez annos tinha, que ouvi as mais bellas e sublimes referencias á pessoa de D. Leopoldina, a primeira Imperatriz do Brasil, de cuja morte o primeiro centenario se commemorarã em Dezembro do corrente anno. Quem primeiramente me fallou nella foi a primeira professora que tive, a veneranda Sra. D. Candida Lopes, que regia uma escola primaria na antiga rua da Praia, quasi na esquina da rua de S. Carlos, em Nictheroy. Isto foi no anno de 1899.

Mais tarde, tive uma outra professora, D. Julia Candida Dezouart, que tal como a primeira, era possuidora de um alto grãu de nobres sentimentos patrioticôs, a qual, em suas lições de Historia do Brasil, fallava enthusiasmadamente sobre a pessoa de D. Leopoldina, não procedendo da mesma maneira para com o marido della — D. Pedro I.º — de quem dizia algo de desagradavel.

Tomei vivo interesse pela Imperatriz D. Leopoldina, e procurei conhecer pormenorizadamente a vida da nossa primeira Imperatriz, a virtuosa esposa de D. Pedro I, a mãe do saudoso e magnanimo D. Pedro II.

Em 1905, em companhia de outros meninos, depois de visitarmos o Museu Nacional, que está instalado na antiga residencia dos nossos Imperadores, na Quinta da Bôa Vista, onde justamente morara e fallecera D. Leopoldina, fui para a Estação de S. Christovão ao lado daquella quinta. Deviam ser mais ou menos umas dezesseis horas, quando se chegou-se a nós um velho africano de uns cento e quinze annos de idade, que se poz a cantar estrophes africanas, dizendo-nos em seguida, que conhecera D. João VI e D. Pedro I, «Este-disse elle-é o que tem a estatua a cavallo ali no largo do Rocio».

Veu-me logo o interesse de interrogal-o a respeito da virtuosa esposa de D. Pedro I. O velho africano informou-me: — «Ah! Conheci... pois se ella morava ali (e apontou para o edificio do Museu Nacional). Era ella muito linda, loura, olhos azues... Era muito bôa, quando passava por nós captivos, parava e dizia-nos palavras confortadoras. Seu marido era um moço arrogante, andava sempre com um chicotinho de cabo de prata, com o qual e por qualquer coisa batia «nos outros». Elle era um bilontra, pois gostava de qualquer mulher!... Um velho funcionario da Estrada de Ferro Central do Brasil, nos informara que realmente, aquelle africano, fôra dos muitos que trabalharam, na Quinta da Bôa Vista, no tempo de D. Pedro I. Continuei sempre a me interessar por tudo quando se prendesse á virtuosa Imperatriz D. Leopoldina. Por fim em Novembro de 1911 tive a oportunidade de visitar por tres vezes a sala do Convento da Ajuda, onde estava o ataúde daquella Imperatriz, assim como os de duas princezas, que iam ser trasladados para o Convento de Santo Antonio.

No dia 1.º de Novembro de 1911 deu-se uma feliz coincidência para mim, pois fui um dos soldados do 52 B. C. que tomaram parte na transladação daquelles restos mortaes.

Foi essa transladação, feita com grande solennidade, graças ao então coronel Agostinho Raymundo Gomes de Castro.

— Foi D. Leopoldina um modelo de virtudes, e vinda da faustosa Côrte de Vienna d'Austria, onde passara uma existencia de quasi 20 annos felizes, recebeu aqui como esposo um principe irascivel, e que cortejava toda casta de mulheres.


Documentos irrefutaveis, nos ensinam e provam o quanto os esforços da Imperatriz D. Leopoldina, encorajaram a acção de D. Pedro I e dos demais patriotas da nossa Independencia, e quanto esses esforços foram valiosos e efficientes.

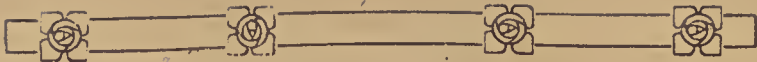
Em commemoração ao 1.º centenario da morte da Imperatriz D. Leopoldina, é que reñuni estas notas publicadas no «Combate» no «Diario Popular», e na «A Capital», estas da Capital do Estado de S. Paulo, na «Folha» de Jundiahy, e «Diario da Manhã», de Ribeirão Preto, a cujo directores e redactores apresento os meus sinceros agradecimentos. (1).

S. Paulo, 5 de Abril de 1926.

Amílcar Salgado dos Santos

(1) Para esta monographia, utilizei-me bastante para o II e III capitulo do trabalho do Exmo. Dr. Max Fleuis «A Paladina do Independencia», magnifico artigo publicado no «Correio da Manhã» por occasião do 99.º anniversario de sua morte; e tambem para o I, das notas publicadas no «Jornal» de 15 de Maio de 1927, extrahidas do trabalho do Sr. Tobias Monteiro.





BIB
SENAD

I

Os antecedentes de D. Leopoldina

Descendia a primeira Imperatriz do Brasil, D. Leopoldina, do ramo dos Habsburgos, tendo nascido no castello de Schönbrunn no anno de 1797.

O ultimo Habsburgo foi Leopoldo I, que nasceu em 1665, e falleceu em 1740. O 2.^o filho de Leopoldo I foi Carlos VI (José Francisco), tendo este sido o pae da imperatriz Maria Thereza. Esta casou-se com Francisco I, nascido este em 1708, em Nancy, tendo em 1723 ido para Vienna d'Austria, onde Carlos VI o educou para esposo de sua filha Maria Thereza, cujo casamento se realizou em 1736.

O Imperador Carlos VI morreu no dia 20 de outubro de 1740. Maria Thereza, que tinha apenas 23 annos de idade e estava já casada com Francisco de Lorena, succedeu-o no throno da Hungria e Bohemia, da Silesia, na Alta e Baixa Austria, da Súbia austriaca, Styria, Carinthias e Carniolas, das 4 cidades florestaes, O' Burgann, O' Brisgan, os Paizes Baixos, o Friul, o Tyrol, o Milanez, os ducados de Parma e de Placencia.

Esperava-se que a elevação ao throno de Maria Thereza se desse sem obstaculos da parte dos paizes estrangeiros, pois que esses haviam garantido a pragmatica sanção. Mas em pouco uma colligação formidavel se formou contra os direitos da herdeira dos Habsburgos: a Silesia lhe foi disputada pelos Prussianos e os Paizes Baixos pelos francezes.

«No cmtanto, Maria Thereza, com sua força de alma, sua mascula coragem, sua constancia heroica, soube resistir a tão poderosos adversarios, salvando os Estados hereditarios dos Habsburgos. As difficuldades que encontrou foram tremendas, pois era uma joven inexpe-

riente, seu marido não tinha os talentos necessários para o commando das forças, as finanças do Imperio estavam más, o exercito estava disperso e não havia nem um general capaz de substituir o celebre principe Eugenio de Saboia.

Maria Thereza compareceu na Dieta do congresso de Presburgo, com o seu filhinho José nos braços, fez ella um tocante appello á fidelidade dos palatinos e estes, com a espada na mão, exclamaram:

«Morreremos por nosso rei-Maria Thereza...»

Era, portanto, fanatica a dedicação que os hungaros lhe devotavam.

Foi em julho de 1741, que Maria Thereza foi coroada. Della disseram então: «que era uma das mais bellas mulheres da Europa». Diz um historiador: «Sua figura era elegante e seu aspecto magestoso; todos os retratos que vi provaram-me o mesmo. Seus olhos, apesar de cinzentos claros, eram expressivos e cheios de doçura. O calor, a emoção que lhe causou a cerimonia (da sua coroação), que foi muito prolongada, espalharam em seu rosto um rubor, que ainda mais a embellezou. Seus cabellos cahiam em anneis sobre os seus hombros e tudo, emfim, nella era encantador...»

A lucta que se travara foi terminada graças ao tratado de Aix-la-Chapelle, continuando os Paizes Baixos a pertencer á Austria.

Seu longo governo foi de paz e justiça, floresceram todos os ramos commerciaes, industriaes, as sciencias, a instrucção, etc.

Eis o retrato de Maria Thereza, feito pelo embaixador de Veneza junto á côrte d'Austria:

«A archiduqueza Maria Thereza é bella... Seu ar mōdesto e seu olhar, apesar de um pouco severo, não é falto de graça. Não se póde louvar bastante a exactidão com que satisfaz a todos os seus deveres da vida civil, regulando com perfeito methodo sua linguagem e suas acções. Teve optima governante, que era uma senhora instruida e sagaz, que comprehendeu e instruiu, como devia, as boas disposições da disciplina. Teve os melhores mestres de grammatica latina, geographia, historia, desenho, linguas hespanhola, franceza e italiana. A princeza fala perfeitamente todas essas linguas... Mas talvez o maior merito da joven archiduqueza resida na

elevação do seu espirito e certa força d'alma que a torna capaz de empregar grandes cousas. Ella já se mostra ao nivel de sua fortuna, e, quando chegar o momento de tomar posse da corôa, será certo que aquelles que forem um dia seus conselheiros não exercerão poder despotico».

Com effeito, as predicções feitas 14 annos antes de subir ella ao throno, tendo, portanto, 19 annos de idade, se realizaram totalmente.

A imperatriz Maria Thereza falleceu em 29 de novembro de 1770, depois de ter reinado 40 annos, tendo, ao expirar, pronunciado as seguintes palavras: «Se durante o meu reinado se commetteu alguma cousa de reprehensivel, isso foi certamente sem que eu soubesse, porque minha intenção foi sempre o dever e o direito».

Teve Maria Thereza 16 filhos, entre os quaes José II, que succedeu a seu pae como imperador allemão; Maria Antonietta, a infeliz esposa de Luiz XVI, de França, e Leopoldo, grão-duque de Toscana.

O marido de Maria Thereza, foi eleito, em 1745, imperador allemão, e fundador do ramo de Habsburgo. O seu filho Leopoldo foi pae de José Carlos, nascido este em 1746, em Florença, e fallecido em 1835, succedendo este a Leopoldo II, no ducado de Toscana, sendo este, mais tarde, o imperador Francisco II, pae das imperatrizes Maria Luiza, esposa do grande Imperador e soldado Napoleão Bonaparte, e Maria Leopoldina, esposa de D. Pedro I, imperador do Brasil.

O mesmo, em 1805, ao formar-se a Confederação do Rheno, tomou o titulo de imperador hereditario da Austria, com o nome já acima dito, — Francisco I, — tendo abdicado ao de imperador da Allemanha. Em 1810, teve que dar Maria Luiza como esposa de seu inimigo e vencedor Napoleão, com o qual rompeu em 1813, novamente. Era Francisco I de intelligencia mediocre. Quem governou seu paiz foi Metternich, o temivel diplomata que ditou suas ordens e vontades no Congresso de Vienna, em 1815. Este, contra as idéas revolucionarias, inaugurou um periodo de reacção violenta ás idéas revolucionarias, assignalado pela formação da Santa Alliança, repressão dos tumultos italianos em 1821 a 1822 e 1831 a 1832.

Desenvolvemos alguma cousa sobre a imperatriz Maria Thereza, a bisavó da nossa primeira imperatriz

D. Leopoldina, afim de recordar as optimas qualidades daquella soberana, da qual herdou D. Leopoldina tantas e tão bellas virtudes, transmittidas aos seus tataranetos D. Maria da Gloria, mais tarde D. Maria II, de Portugal, e a D. Pedro II, do Brasil, dois soberanos que por suas qualidades superiores fizeram a felicidade de seus respectivos paizes. (1).

II

A infancia de D. Leopoldina — O Marquez de Marialva — Seu noivado — Razões politicas do casamento do Principe D. Pedro — Sua viagem ao Brasil.

Foi no Castello de Schönbrunn, que a 22 de Janeiro de 1797, nasceu a archiduqueza d. Maria Leopoldina Josephã Carolina, que mais tarde foi a primeira imperatriz do Brasil.

A infancia de D. Leopoldina passou-se sob a impressão das causas resultantes da longa série de guerras entre a sua patria e a França, esta sob o governo de Napoleão, aquelle que depois veiu a ser seu cunhado em 1809.

No anno em que ella nascia, acabava seu pae, o imperador Francisco II, de ser vencido pelo pequeno e fatigado exercito francez, dirigido pelo ainda general

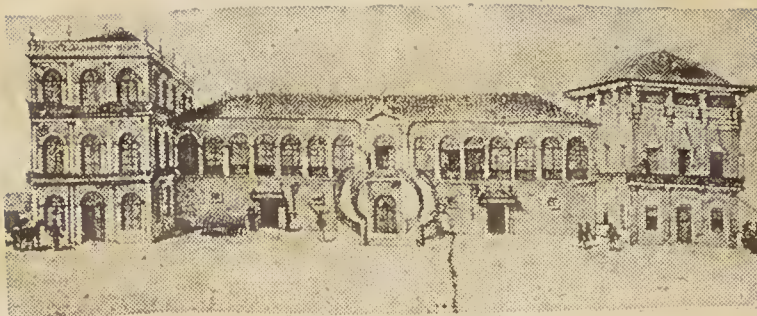
(1) *O castello de Schönbrunn* — Castello imperial nos arredores de Vienna, sobre o Wien, affluente do Danubio. — No lugar onde existia um castello de caçada construido em 1619 pelo imperador Mathias; Maria Thereza construiu o edificio actual (1744-1750); era, até 1914, residencia de verão do imperador Francisco José.

No castello de Schönbrunn foram assignados os Tratados Presburgo (26 de Dezembro de 1805) e de Vienna (14 de Outubro de 1809).

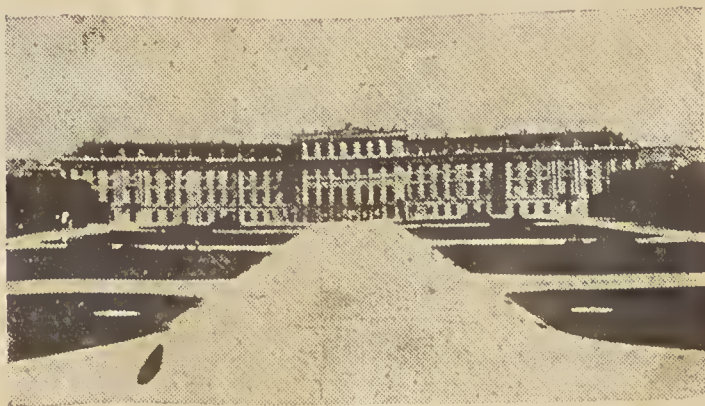
O duque de Reichstadt, filho de Napoleão I, falleceu em Schönbrunn em 1832.

O parque do castello tem 1.431 por 1.190 metros.

O castello possui 1.441 quartos e salas.



Palacio Imperial da Quinta da Boa Vista no tempo de D. Pedro I.
(*Desenho de Debret*)



O Castello Imperial de Schönbrum, perto de Vienna,
onde nasceu D. Leopoldina.

Bonaparte, sendo nesse mesmo anno assignado o Tratado de Campo Formio. Foi uma paz — pôde-se dizer — provisoria, pois a guerra novamente rebentou; foi quando Bonaparte voltando ao Egypto, atravessou inesperadamente os Alpes e como um raio cahiu sobre os austriacos e em pouco tempo desbaratou-os completamente em Marengo, onde perdeu a vida o general Dessaix (1).

Feita a paz, seguiram-se outras guerras, entre a patria de D. Leopoldina e os francezes. Durante ellas, travaram-se batalhas importantissimas, entre as quaes a de Austerlitz, onde seu pae e o Imperador da Russia estiveram presentes, achando-se tambem presente o já Imperador Napoleão, que os venceu.

Na de 1809, quando Napoleão vendo-se atacado por todos os lados, cahiu como um raio sobre os austriacos e seus alliados, e, dentro de poucos dias os derrotou, e chega no Castello de Schönbrunn, tendo nessa occasião D. Leopoldina apenas uns 12 annos de idade. Foi ella forçada a acompanhar sua familia, que abandonara Vienna, ficando no Palacio Imperial daquela capital, a archiduqueza Maria Luiza, que se achava enferma, atacada de variola, motivo porque não pudera acompanhar a familia (2).

Nesse mesmo anno, após a derrota de seu pae, viu d. Leopoldina partir para a França, sua irmã Maria Luiza, pois que aquelle se vira forçado a dal-a como esposa a Napoleão.

Como vimos neste resumo historico, teve a nossa Imperatriz Leopoldina uma infancia passada entre as maiores emoções, em consequencia da vida agitada que

(1) Dessaix fez o que alguns annos depois não quiz fazer Bento Manoel Ribeiro em Ituzaingó, isto é, reunir-se ao pequeno exercito brasileiro, que se batia contra o argentino.

(2) A artilharia franceza já bombardeava Vienna, quando granadas começaram a attingir o palacio imperial, onde estava a archiduqueza Maria Luiza; indo um portador á presença de Napoleão, que expoz a triste situação em que ficára a filha de seu inimigo; promptamente o imperador francez mandou que as baterias não mais hostilisassem aquelle palacio. No fim desse mesmo anno essa archiduqueza tornava-se esposa de Napoleão.

durante esse periodo teve sua patria assim como toda a Europa.

Vem o anno de 1815. Foi quando teve oportunidade de assistir na opulenta capital de sua patria, as imponentes festas em homenagem á queda do «inimigo commum» — seu cunhado, o Imperador Napoleão.

Eram tambem recebidos na imponente capital austriaca, as embaixadas que vinham tomar parte no celebre Congresso de Vienna.

Apezar dos agitados tempos por que passára sua patria, seu pae lhe dera esmerada educação. Foi educada tambem nos esportes, sendo para ella um dos mais predilectos passa-tempos — a caça. Tomou-se de interesse por tudo o que se prendia á Historia Natural (1).

(1) O Brasil scientifico deve-lhe ainda os mais notaveis serviços.

Na Fazenda Real de Santa Cruz, entre nós, graças á sua influencia, foi creado á moda européa, um pequeno posto zootecnico.

Tambem por ella foi fundada em aposentos do palacio imperial da Quinta da Boa Vista, em 1825, um pequeno museu de Historia Natural; tendo ella reavivado ao marido, o imperador D. Pedro I do Brasil, o gosto pelo estudo de tudo que se prendia ás sciencias naturaes.

«Em consequencia das negociações diplomaticas preliminares ao casamento de d. Pedro, achou conveniente Francisco I enviar-nos a grande missão naturalista de 1817, especialmente encarregada do estudo de nossa flora, fauna, estructura do solo e riquezas mineraes. Dessa importante embaixada scientifica que pretendeu completar a obra de cultura intellectual e artistica, incida no Brasil pelos condes de Linhares e da Barca faziam parte Von Schneiber, como director do museu artistico, o professor Mickau, de Praga, botanico e entomologista; professor E. Pohl, mineralogista; Natterer, zoologo; e além desses os artistas: Ender, pintor paizagista; Buckberger, pintor botanista; Schott horticultorista, além do grande numero de operarios e mineiros a serviço dos sabios excursionistas».

«O rei da Baviera mandou-nos tambem duas dentre as maiores notabilidades scientificas européas, Von Spix, Von Martius, este o grande physiologista e divulgador da Flora Brasiliensis, aquelle afamado zoologo.

Talvez com excepção de 1809, quando teve precipitadamente de fugir em companhia de sua familia, de Vienna, então prestes a cair em poder de Napoleão, que á frente dum exercito francez vinha victorioso, sabe-se que foram, sua infancia e sua adolescencia passadas de maneira feliz, principalmente os dois annos que se seguiram á Paz Geral, quando a politica internacional lhe deu um noivo.

Era nessa occasião de estatura media, muito loura, physionomia doce, de uma meiguice que captivava a todos com quem tratava; possuidora de uma intelligencia clara e bastante desenvolvida, nella dominava um bello e nobre coração.

«Ficou viva entre nós a tradição da extraordinaria doçura da Imperatriz Leopoldina; — sua intelligencia e instrucção constam das memorias do tempo», — disse o deputado federal José Bonifacio, descendente dos illustres Andradas, em seu discurso pronunciado na sessão de 5 de Setembro de 1922, na Camara dos Deputados». — (Dr. Max Fleuiss — Art. cit.).

«Antes de D. Pedro attingir a idade de dezoito annos, começou-se a cogitar do seu casamento, não só na sua côrte, mas também em côrtes estrangeiras. O duque da Calabria, principe herdeiro das Duas Sicilias, mandou revelar desejos de obter-lhe a mão para uma das filhas e passo identico deu a Rainha Regente da Etruria em relação á sua filha.

Em ambos os casos, as respostas foram adiadas, porque os olhos de D. João se voltavam de preferencia para a Casa d'Austria, conforme se communicou ao mar-

«A missão naturalista de 1817, é, pois, ainda, um extraordinario serviço que prestou ao Brasil D. Leopoldina.

«Além disso, promoveu a vinda ao paiz dos naturalistas alemães Frederico Sellow, que teve desventurado fim; e Roque Schuch, este ultimo bibliothecario da princeza, vindo da Austria fazendo parte da sua comitiva, e director do referido Gabinete de Historia Natural, por ella fundado em S. Christovam, e causa de reorganisação da primitiva Casa dos Passaros, depois Museu Imperial e hoje Museu Nacional, com séde no mesmo local da sua creação». (*Dum brilhante artigo do Dr. Max Fleuiss no «Correio da Manhã»*).

quez de Marialva, quando lhe foi dada a incumbencia de encetar negociações em Vienna. Antes disso, porém, houve tentativas junto ao Tsar, provavelmente com intuito de desviar-lhe as sympathias em pról da Hespanha, cujas relações com a cõrte portugueza eram então muito melindrosas, por causa das questões do Rio da Prata. Esta idéa já devia estar abandonada, quando se tratou da missão enviada ao Imperador Francisco I, porque então, para a hypothese de mallogro, lhe foi re-commendada a tarefa de colher informações ácerca da educação e prendas das princezas de Napoles.

Porque foi Leopoldina a eleita — «Qualquer das filhas do Imperador convinha para esposa de D. Pedro, e de accordo com tão elastica pretensão deveria o marquez receber tres cartas de plenos poderes, cada qual com o nome de uma das archiduquezas, afim de servir a que contivesse o da destinada pelo pae á ardua missão de levar tão longe o sangue dos Habsburgos. Mas quando se começaram a dar os primeiros passos, só Leopoldina estava nas condições adequadas; Maria Clementina já deveria estar casada com o Principe das Duas Silicias, Leopoldo, duque de Salerno, filho do duque da Calabria, e a mais joven, Carolina, nem talvez fosse pubere. Constava além disso estar uma dellas, ou esta ou Leopoldina, promettida a um dos sobrinhos do Rei da Saxonia.

«Tinha-se espalhado esta noticia em certos circulos da Europa. Marialva procurou apurar-lhe a procedencia e o ministro daquelle soberano em Paris informou-o de não ter recebido communicação alguma do seu governo, sendo entretanto verdade que a referida noticia se publicara em Dresde e merecera algum credito. O embaixador da Austria, porém, desmentiu-a, bem como outra, divulgada em Paris, a respeito do futuro casamento de uma das archiduquezas com o Principe herdeiro da Toscana. Havia entretanto precipitação no procedimento desse diplomata.

Razões politicas — «A alliança com a casa da Austria, que encabeçava á Santa Alliança e devido aos talentos de Metternich contrabalançava no mundo

a influencia da Grã-Bretanha, viria aliviar Portugal do peso da tutela ingleza, que se considerava cada vez mais legitima, após a queda de Napoleão e a libertação do territorio lusitano pelas hostes commandadas por Wellington. Das grandes potencias que disputavam predominancia no concerto das nações, nenhuma reunia tantas condições de preferencia. A Russia, além da sua approximação da Hespanha, apresentava o obstaculo da religião; a Inglaterra offerencia difficuldade identica e reforçaria a sua influencia, já tão onerosa; a França, sua rival de seculos e concorrente nos favores commerciaes, levantaria os ciumes e as prevenções de além-Mancha; a Hespanha era quasi inimiga, por causa das colonias do Prata, e não tinha bastado para attrail-a aos interesses portuguezes nem o casamento de D. José com uma filha de Felipe V, nem o de D. João com uma filha de Carlos IV. Tão estreito parentesco continuava a conduzir a novas allianças, mais por motivos de familia que em virtude de razões do Estado; duas Infantas acabavam de ser dadas como esposas ao Rei Fernando VII e a seu irmão, o Infante D. Carlos. Entretanto, taes ligações dynasticas concorriam para augmentar no animo dos portuguezes o velho reccio da fusão iberica em beneficio dos Bourbons.

«Havia pouco mais de um seculo, D. João V desposara em 1708 a archiduqueza Maria Anna, filha do Imperador Leopoldo. A lembrança da solidariedade criada por essa alliança, que envolveu Portugal na luta sustentada pela Austria contra Luiz XIV, por causa da successão do throno de Hespanha, deveria ser guardada em Vienna, com bastante sympathia para favorecer o projecto de agora. Os planos de D. João eram ainda mais vastos. Era seu intuito não só casar o herdeiro da corôa com uma filha de Francisco I, mas ainda obter a mão do seu successor para a Infanta Izabel Maria».

«Restabelecida a paz na Europa, e desaparecidas todas as difficuldades, que a principio surgiram, negociou-se na côrte de Vienna, em Novembro de 1816, o casamento da archiduqueza Leopoldina, com d. Pedro de Alcantara, principe herdeiro da Casa de Bragança, pelo encarregado dos negocios de Portugal, commendador Rodrigo de Navarro de Andrade, depois barão de

Villa Secca, pessoa bemquista na opulenta capital austriaca». (1).

Em principio de 1817, o Marquez de Marialva (2) que se achava em Paris como embaixador do rei d. João VI, junto á côrte de França, recebeu ordens de se passar a Vienna, em character de embaixador extraordinario, pedir a augusta mão da archiduqueza d. Maria Leopoldina.

Eis o que diz Oliveira Lima, em sua monumental obra em dois volumes: «D. João VI no Brasil — 1808 a 1821»:

«Essa união era mesmo o fructo de uma velha combinação dynastica, que apenas razões pessoas ameaçaram um instante comprometter; e a sua realisação causou, no dizer — que nunca seria outro — dos officios de Marialva, grande satisfação á casa Habsburgo-Lorena, na qual abundavam archiduquezas. A nobreza da casa de Bragança, a vastidão e apregoada riqueza do imperio portuguez, a propria garbosa pessoa do noivo que já em 1803 dizia a duqueza de Abrantes ser a unica bonita cara, num concurso monstro de fealdades que cabiam os primeiros premios ao principe regente e a d. Carlota, faziam o prisma palaciano, o consorcio parecer particularmente auspicioso.

«Assim que ficou decidido o seu casamento, entrou com toda a consciencia de uma boa allemã que toma ao serio suas obrigações, a estudar não só a lingua portugueza, como historia, geographia, producções, etc. do paiz que ia adoptar.

«Especialmente affeição da á mineralogia e á botanica, logo falou em carregar para o Brasil uma coleção mineralogica e aclimar nesse paiz diferentes plantas européas, exultando com certeza, que, na sua men-

(1) Era irmão do Barão de Inhomerim, dr. Vicente Navarro de Andrade, cirurgião do Paço e medico assistente da imperatriz d. Leopoldina e do 1.º Barão de Saude (João de Campos Navarro de Andrade) e genro de d. Anna Romana de Aragão Calamão, condessa de Itapagipe.

(2) D. Pedro José Joaquim Vito de Menezes Coutinho, (marquez de Marialva) era estribeiro-mór do Reino.

dacidade cortezã, lhe deu sem titubear Marialva, de que o Príncipe d. Pedro também se dedicava com fervor a semelhantes estudos».

— Além da missão diplomática altamente importante para a política internacional, isto é, a união pelos laços matrimoniaes da Casa Habsburgo com a de Bragança, havia a espinhosa missão relativa aos negócios da intervenção militar que se estava preparando no Rio da Prata; ainda havia a negociar o enlace matrimonial das pessoas do príncipe imperial da Austria com a Infanta d. Izabel Maria e do Grão Duque de Toscana com a princeza D. Maria Thereza, ambas irmãs de D. Pedro, sendo esta última viuva do infante de Hespanha, d. Pedro Carlos (1).

Com o malogro dessas negociações para este matrimonio, trabalhou-se portanto em se unir fortemente as casas de Habsburgo-Lorena, com as de Bragança, pelos laços matrimoniaes do príncipe d. Pedro de Alcântara com a archiduqueza d. Maria Carolina (2).

(1) D. Pedro Carlos fallecera em 1817, no Rio de Janeiro, victimado da tuberculose, um anno e meio depois de seu casamento, estando os seus restos mortaes no Convento de Santo Antonio, daquella cidade.

Affirmam alguns historiadores que o corpo de D. Pedro Carlos, foi transportado em 1821, com a côrte para Lisboa (Dobret etc.), juntamente com o de D. Maria I, Mãe de D. João VI e o de D. Maria Benedicta, tia desse ultimo, viuva do Príncipe D. José.

(2) «Leopoldina consentiu. Teria ella talvez presentido que era esse o desejo paterno e havia interesse dynastico no casamento proposto. O amor de Francisco I para as filhas e o respeito que lhes tributava á vontade, deixando-lhes a independencia da decisão na escolha dos noivos, levava-as a retribuir até com prejuizo proprio tão tocante bondade. Metternich convidou Navarro de Andrade a jantar e após a refeição, em passeio nos jardins da casa, fez-lhes confidencias destinadas a exaltar esses traços generosos do character das princezas. Quando «nos tempos calamitosos» que a Europa acabava de atravessar, se tornou necessario, para evitar a ruina da Monarchia, sacrificar a archiduqueza Maria Luiza no thalamo de Napoleão, elle recebeu a incumbencia de sondar as disposições da victima, a qual não hesitou um só instante em

Era o marquez de Marialva, um fidalgo da mais alta linhagem e representava pelo seu sangue a mais antiga nobreza de Portugal.

O mesmo ia como embaixador extraordinario de d. João VI, rei de Portugal, então emigrado com sua côrte no Rio de Janeiro.

O marquez de Marialva ia com plenos poderes pa-de gastar á larga, contanto que o nome de Portugal na aristocratica, culta e opulenta côrte de Vienna não ficasse mal representado.

«As ordens do Rio de Janeiro, eram para fazer figura, gastar muito para parecer bem». Oliveira Lima — «D. João VI no Brasil — 1808 a 1821»).

O marquez de Marialva escrevendo a d. João VI, dizia: — «que ainda se não havia visto em Vienna uma tão apparatusa embaixada, como aquella que S. M. me confiou».

responder por estas formaes palavras: «Se isso pôde ser util ao bem do Estado e salv-o, estou prompta». (Tobias Monteiro, Ob. cit.).

.....

«A duvida ácerca da demora da familia real em paiz tão distante era a primeira objecção esperada pelo negociador e realmente foi levantada, apenas se iniciou a conversa com Hudelist. Suppunha o conselheiro que o Imperador não consentiria em deixar partir a filha para tão longe; mas o agente brasileiro acudiu com a resposta recommendada nas instrucções vindas do Rio e obteve auxilio do prestante collaborador de Metternich, que a este explicou a delicadeza do diplomata portuguez de não o querer surprehender com assumpto de tanta relevancia.

«O primeiro passo estava dado com bom exito. O principe acolheu muito bem o desejo de D. João e prometeu transmittil-o quanto antes ao seu Soberano. Nada porém adiantou Francisco I, nesse primeiro momento. O assumpto lhe exigia muita reflexão e antes de tudo não disporia da mão de sua filha sem o seu consentimento. Só Leopoldina estava em condições de casar, pois tinha dezenove annos feitos. Carolina tinha apenas quinze, apesar de ninguem lhe dar mais de doze ou treze, tão devagar se lhe desenvolvia o physico. (Tobias Monteiro — Ob. cit.).

«Tambem no preparo das ceremonias do casamento dispndia Márialva grande actividade. Installou-se numa casa admiravel e começou a mandar vir de Paris e Lisboa tudo quanto lhe podia augmentar a sumptuosidade; parecia redobrar em mostras de dedicação, desde que o amo esquecera e lhe perdoara a fraqueza de ir em bando a Bayonne pedir a Napoleão um monarcha da sua estirpe para reinar em Portugal.

Ninguem seria escolhido com mais acerto para tão apparatusa missão. A sua casa era das mais ricas de Portugal e recebera sempre do Soberano valiosissimos favores. Nem durante o dominio de Pombal diminuiu para ella a munificencia da Corôa. D. José deixara ao poderoso ministro a liberdade de acção contra toda a nobreza, salvo os Marialvas. D. Maria acostumara-se a respeitar a preponderancia do velho D. Pedro, a quem ás vezes com toda a familia real dava o nome de pae. Era elle o 4.^o marquez daquelle titulo, instituido por carta de 11 de junho de 1661 e extincto por morte de seu neto embaixador do qual não ficou descendencia. O seu solar de Belem abrigava uma multidão de criados e aggregados, a quem se distribuiam diariamente mais de trezentas rações: capellães, poetas, musicos, fadistas, toureiros, lacaios, valentões, bobos, corcundas, anões, e crianças de ambos os sexos e de rara formosura, de quem recebia tudo quanto a innocencia e o frescor da vida podem dar á velhice, revoltada contra a própria decadencia». (Tobias Monteiro — Ob. cit.) (1).

A' archiduqueza Leopoldina, é que devia ser uma surpresa em ficar noiva dum principe, que estava numa côrte estabelecida no outro hemispherio. Porém ella pensou logo que esse casamento lhe traria a felicidade.

(1) «O inglez Beckford, admittido mais de uma vez naquella morada senhorial, poude admirar-lhe o esplendor e tambem os contrastes. Do pateo atulhado de seges velhas, onde havia montes de estreme e ás vezes grunhia alguma porca, cercada da sua prole, a lembrar «uma estação de posta em França», chegava-se á escada principal. Ahi começava o aspecto grandioso. O visitante era esperado por mais de cincoenta criados. Além de brandões de cera, levados pelos homens, a indicar-lhe o caminho, ardião nas salas mais de cem cirios de tamanhos differentes; «brazeiros de prata e cassoletas espalhavam

Quem era seu noivo? — Apenas sabia ser jovem e pertencer a uma illustre Casa Real.

Entre as circumstancias que a levaram a accceitar com agrado o noivo que a politica lhe dava, estavam:

no ar delicioso perfume». Lá estava o velho marquez, cercado como um patriarcha da veneração de toda a descendencia, e dos parentes, até dos mais velhos e graduados, fossem Vice-Rei, como o de Algarve, ou herdeiro de grande casa, como o conde de Villa-Verde futuro senhor da Angeja, que todos, ao approximarem-se d'elle, ajoelhavam e lhe beijavam a mão, ou ficavam de pé a fazer-lhe roda. Em certos dias, era servido á mesa por cavalheiros e capellães, alguns delles condecorados com o habito de Christo ou S. Bento de Aviz, á semelhança daquelles senhores da época da cavallaria, quando os grandes chefes recebiam, como os reis, identica homenagem dos seus nobres vassallos.

«Nascido e criado entre tanta riqueza, D. Pedro aprimorava o gosto no contacto de civilizações mais apuradas. Paris fôra escola para habilitar-o a impressionar Vienna. A' preocupação de deslumbral-o com o fausto da embaixada, juntava-se proposito identico de D. João, que em se tratando de gastos á custa do Erario, não hesitava em ser liberal. Empenhado na conquista do herdeiro da corôa da Austria para marido da Infanta Izabel, não queria diminuir a fama deixada ás margens do Danubio, havia um seculo, pela embaixada do conde de Villa-Maior. Era preciso fazer acreditar que a opulencia do reinado de D. João V continuava e se mantinha nas mesmas proporções alimentada pelas minas inexgotaveis e lendarias do Brasil. (Tobias Monteiro — Ob .cit.)».

Idade de Ouro de Portugal — «Fôra aquelle reinado a idade de ouro de Portugal. Só assumidos na maior parte para gaudio da igreja. Das 1722 a 1745, no auge da produção mineira, o Erario recebeu só em dinheiro cerca de 116 milhões de cruzados; em direitos de diamantes e ouro, 6.417 arrobas e 23 arrateis deste metal; em direitos de prata, 324 arrobas; de cobre para cunhar e ligas de ouro e prata, 15.679 arrobas e 24 arrateis; diamantes brutos, 2.308 quilates. O titulo de Majestade Fidelissima, e criação do patriarchado de Lisboa, a construcção de igrejas, conventos, deve-se a essas riquezas.

o ser filho de um soberano que fôra inimigo do maior inimigo de seu pae; o gozarem os principes da Casa de Bragança a fama de cavalheiros.

A concisão de Marialva — «Durante o beija-mão e durante o jantar de gala, poude o marquez vêr de perto a Archiduqueza. A sobriedade da informação, que mandou a seu respeito, traduz as reservas do juizo, relativo aos seus dotes physicos. Não poderia haver mais expressiva concisão: «Em sua presença resplandece soberania a par da mais rara bondade». Era tudo. Essa reserva de opinião nunca mudou. Quando remetteu a D. Pedro o retrato da noiva, apenas escreveu que era «bastante parecido».

«Navarro tinha sido indulgente e embora sem mestria de cortezão, em que primava o seu chefe, achara phrases menos secas para encobrir a verdade. Elle já vira Leopoldina algumas vezes antes, entre outras, no casamento de sua irmã Clementina com o Principe Leopoldo José e achou-a de «agradavel presença, côr de carne admiravel, muita frescura, todas as indicações de prospera saude». Quanto á amenidade do genio, á amabilidade, á solidez da instrucção, aos principios religiosos e mais prendas e virtudes, indagou e logrou saber que tudo isso ella possuia para preencher as esperanças do Rei e do Principe Real.

«Na primeira audiencia, em que ambos foram recebidos juntos, Leopoldina perguntou quaes os estudos predilectos de D. Pedro, e como conhecesse quaes os della, sem titubear, e só para lisongeal-a, respondeu Marialva que a despeito de muito applicado aos mais convenientes á illustração de um principe, D. Pedro tinha grande inclinação pelas sciencias naturaes. Era o primeiro engano a que sujeitavam-n'a, pois logo, muito agradecida da noticia, prometteu levar ao noivo preciosa collecção de mineraes da Europa e tambem profusão de plantas vivas para serem acclimadas no Brasil.

Identificando-se com a nova patria — «Cada semana essa audiencia repetia-se uma vez, e a Archiduqueza ia mostrando como tomava a sério preparar-se para a identificação da sua vida á nova patria. Estudava portuguez, pedia livros de literatura e de historia, e para mostrar os seus progressos, lia alguma pagina de autor nacional e traduzia em francez.

«A tia era posta ao corrente de tudo: «Occupo-me muito agora de estudar a lingua portugueza e assegura-me a embai-

Sabia que ia empreender uma longa viagem para o outro hemispherio; ia partir para um longiquo paiz, naturalmente de costumes tão differentes aos do seu.

xada que tenho feito grandes progressos; mas apesar disso ainda não estou satisfeita, pois já queria falar, embora reconheça quanto isso é difficil, por causa de muitas palavras arabes que ha no idioma portuguez. Tambem cultivo a musica, pois me asseguram ser uma arte muito apreciada de toda a familia real, motivo para animar-me a vencer todos os obstaculos, que talvez de outro modo me venceriam».

«Havia muito tempo para decorrer até chegar o dia dos esponsaes. A correspondencia por trocar como o Rio de Janeiro consumia mezes. Marialva aproveitava essa circumstancia para ferir a questão do casamento do Principe Imperial, que parecia posta de lado pelas declarações de Metternich a Navarro. Desde 1814 era ella objecto das cogitações de D. João. D. Joaquim Lobo da Silveira, ministro em Vienna, tivera naquelle anno ordem de sondar a côrte austriaca e fazer aberturas para offerta da mão de uma das infantas; mas fê-lo levianamente e recebeu um não redondo do primeiro ministro, sob o mesmo fundamento da debilidade organica. Parece que depois desse mallogro os olhos de D. João se voltaram para a Casa de França, mas tambem sem bom exito. Constava agora no Brasil que o Principe estava revigorado e por tal motivo o marquez recebia ordem de voltar ao assumpto geitosamente e de continuar a tratá-lo, se encontrasse bom acolhimento. A pretendente era a Infanta Izabel Maria, «não sómente de belleza rara e muito analoga á belleza allemã, mas tambem de uma viveza decente e suave, de um genio docil e de um modo ingenuo e engraçado».

«Marialva seguiu o exemplo de Navarro e começou por apalpar Hudelist, a quem revelou os seus receios de pretender a Rainha da Bavieira, como constava, á mão do herdeiro do throno uima de suas filhas e de poder essa senhora dispor do apoio da nova Imperatriz, originaria daquella familia real. Era porém, para considerar que essas princezas haviam nascido gemeas e só tinham onze annos de idade.

«Hudelist desvaneceu Marialva desses cuidados e poude garantir-lhe a inexactidão de taes rumores. A debilidade do Archiduque levava o Imperador a não cogitar por ora de casal-o. Quer elle, quer Metternich tinham pessima opinião a respeito do desenvolvimento mental do Principe e consideravam-no incapaz de pronunciar-se com acerto acerca de qualquer propos-

Tão distante da patria querida seria feliz como fôra nã sua? Era bem provavel que sim.

Differentemente de sua irmã Maria Luiza, ficou satisfeita de seu noivado, mesmo sabendo que ia partir para tão longe e ia viver entre gente extranha á sua.

Estava ella com cerca de 20 annos de idade; e mal sabia que ia unir-se a um principe de genio irascivel, mal educado, indigno da esposa exemplar que lhe era dada.

Como foi diferente de sua irmã Maria Luiza, que ternamente amada por Napoleão, esta não lhe correspondeu como devia. E' verdade que esta se casou pouco satisfeita — pela antipathia que lhe causava, antes mesmo de conhecer, o inimigo de seu pae.

ta nesse sentido. Hudelist, porém, não pensava assim: observava no desventurado joven certo progresso intellectual que devido á sua timidez outros não logravam perceber.

Metternich conservou-se irreductivel, tivesse-o ou não predisposto o seu amigo e collaborador, conforme promettera a Marialva. Quando este lhe falou claramente, respondeu com phrases polidas, mas sem nenhuma clareza para alimentar esperanças. Comtudo, o marquez não podia descreer para sempre; queria suppor que o Imperador desejava colher informações particulares a respeito da Infanta, por intermedio do barão Neven, ou pela propria filha; mas ninguem da embaixada, mandada no Brasil, tinha tal incumbencia. Só no Rio, Neven ouviu falar nossa alliança em que custava a crêr, pois o embaixador não recebera instrucções a tal respeito. Izabel era realmente muito bonita, como se propalava, e dizia-se que era muito boa de indole; mas infelizmente soffria da mesma «inolestia de nervos», que affligia D. Pedro.

Marialva e Navarro — «Não convinha que Marialva se ausentasse da embaixada de Paris antes de ser sondado o terreno e vêr se havia bons auspicios para iniciar as negociações. Desses trabalhos foi incumbido Navarro de Andrade, encarregado de negocios em Vienna, cuja tarefa não era facil. Apesar da natural affabilidade do Imperador e da maior thaneza da parte da gente da côrte nos ultimos tempos, elle mesmo reconhecia quanto os restos da tradicional etiqueta ainda difficultavam todas as negociações, mórmente dessa especie.

D. Pedro I, differentemente de Napoleão, nunca fôra carinhoso para com a esposa, merecedora do maior affecto, pela sua fidelidade, e por ser uma mulher superior na intelligencia e nas virtudes.

Emquannto Maria Luiza teve conducta indigna para com seu marido, quando se deu a quêda do mesmo e a prisão delle no inhospito rochedo de Santa Helena, d. Leopoldina, ao contrario mostrou-se uma esposa abnegada e amou muito ao seu infiel e máu marido, até á hora da morte.

«O accesso e contacto dos membros do corpo diplomatico com os principaes cortezães e pessoas empregadas no paço, sempre tinha sido por demais difficeis. A esses embaraços accresciam os ciumes de Metternich, que não admittia concurrencias perante o Soberano e pretendia ser junto a elle o unico intermediario e unico conselheiro. Gozando da sua exclusiva confiança e desfructando a preponderancia que lhe vinha do manejo dos mais graves assumptos, juntando ao cargo de ministro dos negocios estrangeiros as attribuições de ministro da casa e da familia imperial, tinha de ser o poderoso Principe elemento decisivo do bom exito da missão. Ir por qualquer outro caminho seria a certeza de vê-a mallograr-se.

Havia dezoito annos, cultivava Navarro muito boas relações com de Hudelist, conselheiro de Estado e de conferencia, director da secretaria dos negocios estrangeiros e da chancellaria do Imperio. Tinha Metternich em alta conta a esse serventuario e dispensava-lhe inteira confiança, «pela carencia que tinha dos seus prestimos»; era quem o substitua nas ausencias e então despachava com o Imperador. Pedindo-lhe auxilio e conselhos, não incorreria Navarro nos ciumes e desagrado do Principe». (Tobias Monteiro — Ob. cit.).

Sacrifício da Princeza — «O sacrificio de Leopoldina, atravessando o oceano, para encontrar o esposo promettido, estava bem longe de ser comparavel ao de Maria Luiza. Naquella, a paixão da natureza, a predilecção das sciencias naturaes accendiam-lhe n'alma a chamma da ventura. Essa terra do Brasil, recheiada de ouro, de gemmas, de mineraes de toda especie, dos mais nobres, pela belleza ao mais cobiçado pela raridade; coberta de florestas virgens, que os sabios descreviam como pedaços do paraíso onde vagava tudo quanto a vida animal reunia de delicado e bravio, da borboleta ao jaguar; com rios que pareciam mares e quêdas

O marquez de Marialva era um fidalgo de fino trato; suas distinctas maneiras impressionaram a faustosa Còrde de Vienna; todos concorreram, na altura de seus esforços, para que fosse com grande deslumbramento festejado o noivado de d. Leopoldina, assim como para que fosse brilhantemente homenageado o embaixador de S. M. o rei d. João VI — o marquez de Marialva. (1).

d'agua que rugiam nos pedrouços e abalavam o ar como o ronco dos trovões; toda essa região tropical, cuja luz deslumbrava, quando o sol no zenith, e adoçava e amortecia, quando vinha o crepusculo, desdobrando-se em suavidades que convidavam á extases, toda essa terra de sonho e de lenda podia num momento attrail-a, chamal-a, para encontrar um principe que lá se formára e crescera e devia guardar na frente, tostada daquelle sol, um raio da estoante poesia, que as nymphas do Danubio e do Rheno não saberiam inspirar.

«Para Maria Luiza, porém, só haviam perspectivas lugubres. A sombra de Maria Antonietta ainda enchia de terror e de magoa a dynastia dos Habsburgo. A tia, aliás, casara na Casa de França e compartilhara a sorte que a revolução impoz á monarchia. A' ella, entretanto, offerciam um throno precario, improvisado por um soldado aventureiro e feliz com os destroços do solio onde se assentara São Luiz e sobre os escombros de um regimen, mantido durante oito seculos por mais de trinta reis. Unindo-a ao usurpador, que arrebatara as corôas a tantos soberanos, para dal-os aos irmãos como mimos de familia, e a generaes plebeus como trophéos de guerra, impunham-lhe o quasi sacrilegio de associar-se á obra de destruição realizada pelo Corso detestado. Não havia esperanças de vêr surgir amor do leito vasio de um divorcio, afogaço em lagrimas. Até a religião parecia criar obstaculos a essa alliança humilhadora... Mas a razão de Estado levantava o seu imperio sobre todas as razões do coração, da familia, da tradição e do orgulho dynastico. Apresentada por Metternich, parecia ao mesmo tempo contradictoria e irresistivel. Desde o inicio da luta com a revolução franceza, perdia o pae provincias e mais provincias; a Galicia fôra a ultima a desmembrar-se e já lhe tinham arrebatado tambem a corôa de Imperador da Allemanha. Talvez ainda houvesse riscos maiores para correr, se ella não fosse immolada ao capricho e ambição do vencedor. Era preciso ceder...

Esse embaixador installou-se desde 7 de Novembro no Imperio Austriaco, só a 17 de Fevereiro seguinte é que realizou solememente sua entrada em Vienna

«Nem por exigir-se muito menos de Leopoldina, ella deixava de inclinar-se tambem deante de uma razão de Estado. O seu coração abria-se no regaço da carissima tia: «Confesso que o sacrificio, que devo fazer, de deixar minha familia, talvez para sempre, me será muito penoso; mas essa alliança faz prazer a meu pae. Separando-me d'elle, terei o consolo de dizer que me conformei com os seus desejos, persuadida que a Providencia dirige de modo particular a sorte de nós, princezas, e constitue obediencia á sua vontade submettermo-nos á dos nossos paes». Poucos dias antes de deixar a Europa, ainda escrevia de Florença áquella mesma confidente: «Sendo a vontade de meu pae a minha regra de conducta, estou convencida que o céu me protegerá e me fará encontrar a felicidade nessa união».

Naquella noite calida de agosto, respirando a fragancia dos seus vergeis e sob a inspiração das franquezas de após refeições, Metternich, todo poderoso, falava ao modesto diplomata portuguez como talvez não falasse a um igual. Antes que este, ou mais tarde Marialva, o sondasse, abordou desde logo a pretensão do casamento do herdeiro do throno com a Infanta Izabel: Como a côrte portugueza, tambem outras já tinham revelado o mesmo desejo: mas tão cedo não seria possivel pensar em tal assumpto. Era pasmoso o atrazo physico do Principe Imperial, que aos vinte e tres annos, «nem por sombras annunciava disposições e inclinações viris, proprias de semelhante idade». Ninguem lhe daria pela apparencia mais de dezeseis annos; dir-se-ia apenas entrado na puberdade.

Acerto Precoco — «Metternich ajuntou ainda informações minuciosas da conversa entre o pae e a filha, cuja attenção foi despendida a respeito de quanto havia para meditar ácerca da alliança proposta. Longa e penosa era a viagem para fazer e seria indeterminada e talvez permanente a residencia no Brasil. Navarro procurou guardar as páavras da Princeza, reproduzidas por Metternich: «Desde que minha sorte seja ligada á do Principe, que o céu me destinou, meu dever e meus sentimentos me ditarão a lei, a que me devo submitter sem pezar, de segui-lo por toda a parte, de permanecer onde elle estiver e de nunca de-sejar que por minha causa a politica da Monarchia Portugueza tenha outra direcção, a não ser a que possa convir ao bem e

para pedir em audiencia publica a mão da Princeza Leopoldina. (1).

Marialva estava ainda em caminho e aproximava-se da porta da cidade, conhecida por «Carinthia». Lhe havia sido emprestado pelo Principe José de Schwartzemberg seu palacio situado em arrabalde visinho, onde o mandou avisar o conde Wilchek, marechal da côrte, de haver partido, ás 2 horas da tarde ao seu encontro em companhia de um gentil homem da côrte, afim de acompanhal-o á capital.

á prosperidade do Estado. Aos dezoito annos de idade falava a Archiduqueza com admiravel e precoce acerto.

«Avisado do bom exito desses primeiros passos, Marialva autorizou Navarro a communicar a sua proxima partida de Paris, armado dos plenos poderes já recebidos; mas só deixou aquella cidade aos 24 de outubro e só chegou a Vienna a 7 de novembro. A esse tempo tinha-se divulgado o projecto em andamento e aquelles a quem elle podia de qualquer modo desgostar procuraram amêndrontar a noiva com perfidias, insinuações e astucias a respeito do clima e distancia do Brasil. Leopoldina, porém, não dava ouvidos á intriga e até procurava insfuir-se na historia do Reino-Unido e das descobertas maritimas dos portuguezes. «Os ministros da familia Bourbon, que aqui residem», escrevia Navarro a dar estas informações ao governo, «mal encobrem o ciume que lhes causa o projectado enlace, que muito desejariam vêr mallogrado».

No dia 10 casava o Imperador pela quarta vez, agora com a princeza Carolina, irmã do Rei da Baviera, e por isso dignouse de receber ainda naquella manhã a Marialva em audiencia particular, afim de poder tel-o por conviva, horas depois, na celebração daquelle acto. Ficaria adiada a entrada solemne do embaixador na capital.» (Tobias Monteiro ob. ct.)

(1) «O embaixadores acreditados junto ao Imperador eram sempre dispensados de tão custosa cerimonia; mas dada a natureza da missão de Marialva, quiz elle submeter-se ao rigor da pragmatica, certamente com intuito de causar impressão capaz de favorecer o projectado enlace do herdeiro da côroa com a Infanta Izabel. Ao demais, a 18 de Fevereiro celebrar-se-ia o anniversario natalicio do Imperador e desse modo o novo embaixador poderia apparecer no respectivo cortejo, já cercado da aureola de toda a pompa admirada na vespera». (*Historia do Imperio — Tobias Monteiro*).

«Foi a 17 de Fevereiro que fez o exmo. marquez de Marialva, embaixador de S. M. Fidelissima, a sua entrada publica na capital do imperio austriaco com uma pompa e esplendor, que encheu de admiração os habitantes das margens do Danubio, que altamente confessaram não terem visto ha mais de um seculo um espectáculo tão brilhante, depois que o conde de Villa Maior, embaixador de Portugal, conduzia a virtuosissima senhora d. Marianna d'Austria para esposa do sr. Rei dom João V, no anno de 1708. Mas, essa scena, foi agora renovada com egual ou mais lusido esplendor, não só pela natural magnanimidade do exmo. marquez de Marialva, como tambem pela honra da nação portugueza, sempre briosa nas acções publicas, e sobretudo para dignamente sustentar a representação do excelso monarcha que o enviára a tão sublimes funcções.

Deante do palacio organisou-se o sumptuoso cortejo. Abriam caminho dois archeiros a cavallo.

«Procediam o estado do exmo. embaixador, 17 carruagens dos principes e magnatas da corte imperial, com os seus criados de um lado e outro com ricas librés; tanto estas como outras carruagens, que eram 26, iam puchadas a 6 cavallos. Seguia-se o estado do exmo. embaixador, composto de 77 individuos, entre pagens, criados e officiaes da casa de S. Exc., todos ricamente vestidos e agaloados, e grande numero delles montados em formosos ginetes, e outros com cavallos á dextra, com telizes de velludo carmezin, com mui largas bordaduras de ouro, os quaes mostravam no meio, as armas de S. Exa. bordados em relevo. Seguiam-se dois coches magnificos da casa imperial; no 1.º ia o exmo. embaixador de S. M. e no 2.º, o secretario da embaixada como introductor dos embaixadores e um camarista do Imperador.

«Faziam alas aos coches muitos criados da Casa Imperial, atrás destes coches, vinha a berlinda de estado de S. Exa. que, pelo seu primor, elegancia e riqueza enlevava os olhos dos espectadores; era seguida por outra tambem de S. Exa. em que iam dois criados particulares seus, era esta puxada por 6 cavallos castanhos, com arreios de prata; aquella por 6 cavallos pretos, com arreios dourados; estes dos tiros e os outros cavallos que serviam eram das cavallariças imperiaes.

«Cada berlinda levava um cocheiro, um sóta, um moço de estribeira e 14 moços, todos em librés ricas; os primeiros com fardás da casa real portugueza, e os segundos com as da casa de S. Exa.

«Fechavam este pomposo cortejo, para dar-lhe o ultimo realce, as carruagens dos embaixadores de Inglaterra, França e Hespanha, no mais luzido accio trazendo um official da casa de cada um delles. O nuncio e o arcebispo de Vienna, faltaram por não estarem em condições de figurarem em tão rico cortejo. Duas carruagens de Marialva fechavam o cortejo; uma de Estado, que elle mandara vir de Paris, toda magnifica em sua douradura, como pelas pinturas e forros do interior. A outra, onde iam 2 gentis-homens, pela sua elegancia, causava grande admiração.

«O aparatoso cortejo avançava lentamente «como se o passo dos homens e dos cavallos fossem medidos sem falha de pollegada. Era o desfilar dos comparsas de scena raramente vista, no incomparavel theatro de Vienna, sorridente no aspecto topographico, imponente no quadro architectonico, reintegrada ao demais na grandeza do poder imperial, tantos annos supplantado pela bota de Napoleão. Marialva parecia inundar-se de jubilo e imaginava vêr resurgir a passada grandeza lusitana, que as caravellas do oriente e do occidente entretinham com caudaes de ouro e gemmas. Parecia-lhe inconcebivel pesadello aquelle caminho vergonhoso, um dia percorrido de Hespanha até Bayonne. A unica realidade, redi-viva em sua memoria, era a gloria «daquelles reis que tinha dilatado a Fé, o Imperio», cujo neto, ainda agora, o mandava renovar a cerimonia deslumbrante, da qual havia mais de um seculo, ali se guardava memoria para lembrar a opulencia de D. João V. Exaltou-se-lhe ainda o encanto, quando ao chegar á porta de Carinthia, divizou na casa do conde de Althan o Imperador a Imperatriz, a Archiduqueza Leopoldina e outras pessoas da familia imperial, reunidos para verem-no entrar na cidade.

«Dir-se-ia que toda Vienna tinha imitado o Sobe-rano, e affluido ao caminho do palacio Schwartzemberg á praça dos Minoristas (Minoritenplatz), onde era a morada do Marquez. Em toda a extensão do longo tracto, a tropa que guarnecia as ruas augmentava com o apparatus militar a imponencia do cortejo. Informando

ácerca desse acto, escrevia orgulhoso Marialva terem todos convindo em que desde muito tempo não se vira mais pomposa entrada de embaixada. (*Tobias Monteiro — Ob. cit.*)

«Com esta grande pompa entrou o exmo. Marquez de Marialva, embaixador de S. M. Fidelissima, pela porta de Carinthia, na Côrte Imperial da Austria, entre os applausos e prazer do immenso povo daquella capital, que occupava as ruas por onde passou, até á sua residencia.

«No dia seguinte, 18 de Fevereiro, foi o exmo. embaixador com a mesma pompa e estado ao palácio imperial, que o esperava com toda a sua côrte e ali pediu em publico, com as formalidades do costume, a augusta mão da imperial archiduqueza para o filho de seu augusto amo, o sr. D. João VI, rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve, o serenissimo Principe Real do mesmo Reino Unido, que 'graciosamente lhe foi concedida pelo augusto Imperador, com satisfação da Côrte e povo de Vienna e de todo o imperio austriaco. *«Memorias para servir á Historia do Brasil.» (Vol. II, pags. 131 a 135, publicadas pela Imprensa Regia de Lisboa em 1825).*

Como já dissemos, Marialva tinha carta branca de seu governo, para gastar a larga, pois era preciso que o nome de Portugal ficasse bem representado na faustosa, opulenta e culta Côrte de Vienna d'Austria.

Com a apparatusa embaixada despendeu o thesouro real de Bragança a fabulosissima somma de um milhão e meio de francos (1.573.443\$800) sem contar outros valores, como os diamantes provindos das minas do Brasil, e a lapidação e demais preparos dos mesmos. (1)

(1) Marialva indicava ao Governo tudo o que era preciso fazer para que o nome de Portugal ficasse optimamente figurado. Foram do Rio, além de varias joias e veneras das ordens honorificas por distribuir, avaliadas em 5.800 libras esterlinas, 167 diamantes no valor de 6.873 libras esterlinas, 17 barri-nhas de ouro, valendo 1.100 libras esterlinas. Marialva tinha poderes de por ás ordens de D. Leopoldina as sommas que precisasse, offerecimento só feito após a certeza de não melindrar o Imperador. Depois de realizado o casamento, D. Leo-

Para d. Leopoldina foi entregue um retrato do príncipe d. Pedro, artisticamente emoldurado em um medalhão cercado de niveos brilhantes brasileiros, da mais pura agua.

A respeito dessa offerta, eis como Marialva faz referencia num officio ao conde da Barca, cav. Antonio de Araujo de Azevedo, em 8 de Abril de 1817:

«Ser-me-ia difficil expressar a V. Exa. o jubilo de «S. A. I. vendo o retrato de seu augusto futuro esposo; immediatamente 'o poz ao peito, e nessa occasião lhe ouvi as mais lisongeiras expressões sobre a «felicidade que tão alto e bem acertado consorcio lhe «fazia esperar.

«Por extremo agradou á serenissima senhora archiduezza a physionomia de S. A. o Principe Real, «dizendo-me a mesma senhora que muito coincidiam as «feições que observa naquelle retrato, com a idéa que «ella formava das virtudes Moraes possuidas pelo augusto original dellas.

«Sem duvida, foi grande a impressão, que fez no «animo de S. A. I. a magnificencia da cercadura que «guarnecia o retrato; e ainda que a serenissima senhora «rá mais attentasse, sem affectação, á imagem do seu «real futuro esposo, do que ao riquissimo ornato que «a adornava, não deixou comtudo de expressar-me o «quanto a enchia de satisfação e reconhecimento um tão «magnifico presente; porém a camareira-mór da mesma «senhora (condeessa de Kumburg) e o seu mordomómór, (conde de Werbna), que se achavam presentes, «estavam surpreendidos de ver a belleza daquella joia, «asseverando-me que jamais se tinha visto aqui, nem «mesmo se havia formado idéa de tal riqueza.

«O príncipe Metternich, a quem depois mostrei aquelle «precioso donativo, me observára que, só nas fabulosas chronicas orientaes, é que se poderia encontrar «a descripção de algum objecto analogo». (Officio de (Marialva). (1).

poldina accitou 6.000 ducados em Vienna e depois, em Florença, 4.000». (Tobias Monteiro, Ob. cit.).

(1) «Entretanto ao passo que Marialva conta tantas maravilhas do effeito produzido pela cercadura, a Princeza palayra alguma teve a seu respeito; quando communicou á tia de sua predilec-

Entre as homenagens a Marialva, contam-se bailes sumptuosos no Palacio Imperial, onde as salas de recepção eram ricamente ornamentadas a velludo, seda e prataria.

Foi em seguida que Marialva, pediu officialmente a Francisco II, para o Principe D. Pedro, a mão da archiduqueza Maria Leopoldina.

O casamento — Ajustado o casamento, foram as nupcias celebradas a 13 de Maio de 1817, debaixo de grande pompa na capella do Palacio Imperial.

A cerimonia effectuou-se em Vienna d'Austria, ás 19 horas, na Cathedral, e na presença de S. M. o Imperador Francisco I, e de toda a familia imperial, sendo o principe D. Pedro representado pelo archiduque Carlos. (1)

ção o recebimento do retrato que achou agradável; era uma physionomia expressiva de muita bondade e tambem de intelligencia. Parecia confirmar a opinião geral de ser o Principe bom, querido do povo e applicado ao estudo». (Tobias Monteiro — ob. cit.).

(1) «Embora infringisse a etiqueta da côrte austriaca tratar contracto do casamento antes da entrada formal do embaixador e do pedido solemne da mão da Archiduqueza, em attenção á consideravel distancia em que se achava a côrte portugueza e «mui particularmente em razão do grande contentamento que lhe causava esse enlace», dignou-se o Imperador de permittir o ajuste, a redacção e até a assignatura daquelle documento, logo após a chegada de Marialva a Vienna. Entre homens affeitos a negocios de dinheiro não se trataria com mais segurança e mais minucia ajuste de interesses reciprocos. Quer o marquez, quer Hudelist consentiram clausula por clausula e amarraram do melhor modo os compromissos de uma e outra parte. Francisco I constituiu para a filha o dote de 200.000 florins do Rheno, mais ou menos equivalente a réis 67:520\$000, ou 16.880 libras esterlinas, dote que devia ser pago em moeda, antes da celebração do casamento. Além disso dar-lhe-ia não só o enxoval, mas igual importancia em joias, pedraria, vasos de ouro e de prata, como era de uso na Casa de Austria. Por sua vez D. João concederia a mesma quantia, como contradote. A somma total de 400.000 florins, formada deste e do dote, seria

A comitiva de Marialva, sobresaia-se no cortejo imperial, pela pompa e deslumbramento da equipagem.

«Foi o velho cardeal^o Carmelengo, com suas vestes sumptuosas de brocardo vermelho, quem abençoou aquella união, pelos laços matrimoniaes, entre as Casas de Habsburgo e de Bragança». (*Paulo Setubal — A Marquessa de Santos*).

Tal cerimonia realisou-se entre os brilhos imponentes da grande e imponente Côrte de Francisco II.

A' noite, no Palacio Imperial, houve imponente banquete, sendo toda a capital illuminada féericamente. Para esse dia foi decretada a grande gala. Nesse dia D. Leopoldina, renunciou á nacionalidade austriaca.

No dia 14, os principes e toda a Côrte, foram seguidos duma deputação dos estados austriacos, congratular-se com SS. MM. os Imperadores d'Austria e com D. Leopoldina, agora reconhecida Princeza do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves.

Para o Brasil mandou-se logo o conde de Werbna, afim de communicar a D. João VI a noticia do casamento de D. Pedro com D. Leopoldina; assim como tambem «que nos primeiros dias de Junho proximo, partiria de Vienna para o Rio de Janeiro, a princeza Leopoldina com sua comitiva».

.....

A 1.^o de Junho, o marquez de Marialva déra um imponente baile em homenagem ao casamento do Prin-

garantida por hypotheca das rendas do Reino; entregaria tambem 60.000 a titulo de presente de casamento assegurava ainda á joven esposa 5.000 por mez para os seus «alfinetes» e ao casal o custeio da casa e da côrte, com mobilia, mesa e cavalariças. Em caso de viuvez a princeza teria a segurança das arrhas de 80.000 florins do Rheno, pagos em prestações semestraes, e tambem palacio guarnecido do necessario, se ficasse na séde do Governo Portuguez. (*Tobias Monteiro — Ob. cit.*).

— O Marquez de Marialva, além da formidavel somma posta á sua disposição pelo governo de seu paiz, ainda lançou mão da herança paterna, para que o nome de Portugal ficasse em Vienna, bem elevado.

cipe D. Pedro e D. Leopoldina, nos jardins da Quinta Imperial de *Augarten*, sendo para tal fim construidos espaçosos e magnificos pavilhões que foram esplendorosamente ornamentados.

Tal baile, nos jardins de *Augarten*, ficou celebre nos annaes da diplomacia!... Foi um encanto deslumbrador!... Jamais fôra visto cousa igual na faustosa capital austriaca...

Esta festa começou ás 18 horas, e foi deslumbrante!... Os jardins e palacetes de *Marialva* estavam vistosamente ornamentados e illuminados.

Esteve presente a essa festa S. M. o Imperador, que era acompanhado da Imperatriz *Maria Thereza*, os archiduques e archiduquezas de *Habsburgo-Lorena*, o Principe Real da *Baviera* e esposa, duque de *Saxe Tescheon*, diplomatas, sendo ao todo mais de 2.000 pessoas!

Rompeu o baile o marquez de *Marialva* que dançou uma «polaca» com a archiduqueza *D. Leopoldina*.

A's 11 horas serviu-se a ceia. *Francisco II* e a familia imperial cearam em uma mesa de honra, de 40 talheres e baixellas de ouro. Todos os demais convidados foram servidos em baixellas de prata de lei.

Mais de 1.000 pessoas tomaram parte no banquete imperial, além de outras que estavam assentadas em mesas separadas.

Nos jardins, conforme o costume viennense, por entre a folhagem das arvores havia orquestras ao ar livre.

A' uma hora recommçou o baile. O Imperador e sua esposa se retiraram para sua residencia ás 2 horas; as danças se prolongaram até 4 da manhã.

Estiveram presentes ás festas o marquez e a duqueza de *S. Carlos*, embaixadores da *Hespanha*. Não só todos os jornaes de *Vienna*, como das demais localidades austriacas, referiram ser essa festa uma das mais sumptuosas que se fizeram na capital austriaca, e que nella houvesse *Marialva*, gasto mais dum milhão de florins.

Naquelles jardins de *Augarten*, tinham sido construidos imponentes pavilhões com magnificas salas de recepções, depois cedidas generosamente aos pobres do Imperio Austriaco, para um festival de caridade.



O Marquez de Marialva

38/29

A viagem para o Brasil — Permaneceu ainda D. Leopoldina uns 20 dias em companhia de seus paes na capital austriaca, até que a 3 de Junho, se poz a caminho afim de empreender a longa viagem, deixando para sempre a patria!

Deixava D. Leopoldina a patria, sob as mais bellas impressões que lhe vinham do Brasil, para onde partia.

La ella afastar-se de uma grande capital, na qual passou uma existencia de quasi 20 annos felizes, para vir passar os 9 que apenas teve de vida, na capital brasileira, fallecendo em fins de 1826, em terra extranha, é verdade, porém cercada de todo o conforto e carinho por parte dos brasileiros, que assistiram os seus ultimos momentos.

No dia 12 de Junho, fez D. Leopoldina suas despedidas á familia, partindo para Florença, a linda cidade italiana, onde chegou a 13 de Junho, sendo ahi recebida pela gran-duqueza toscana, no Palacio Pitti, onde se encontrava com uma pessoa de sua familia, que era sua irmã, a archiduqueza Clementina, acompanhada do esposo, o Principe das Duas Sicilias, Leopoldo João.

Continuando a sua viagem por terra, chegou em Liorne, onde aguardava a chegada da esquadra portugueza, que deveria conduzir D. Leopoldina ao Rio de Janeiro, além do embaixador estribeiro-mór: o chanceller principal de Metternich, ministro de Estado dos Negocios na Austria, na qualidade de commissario imperial, para a entrega da Serenissima Senhora D. Leopoldina, o conde de Funchal, embaixador lusitano em Roma (comendador José Manoel Pinto), além de muitas outras pessoas que foram cumprimentar a futura Imperatriz do Brasil.

Foi a 12 de Agosto que realizou-se no salão nobre do Palacio de Pitti, a entrega solenne de D. Leopoldina, pelo Principe Metternich, em nome de Francisco I, ao commissario do governo portuguez, o marquez de Castello Melhor, commissario d'El-Rei, acompanhado do escudeiro-mór, conde de Louzã, e do veador, conde de Penafiel, investido dos plenos poderes para recebela e conduzi-la ao Rio de Janeiro.

Foi uma bella solennidade; D. Leopoldina, ricamente vestida e ornamentada com as ricas joias que lhe en-

viára D. Pedro de Alcantara, se assentou num throno e recebeu as homenagens do mundo official de Florença e de Liorne.

Nessa ultima cidade demorou-se bastante, pois que um contratempo inesperado succedeu.

Diz Oliveira Lima em sua já citada obra:

«O seu embarque não foi immediato; houve certa demora devido as difficuldades com que teve de lutar a Regencia de Lisboa, e ao mesmo tempo, guardar e reunir os navios da esquadilha, com a costa lusitana e aguas das possessões da Africa contra os insultos dos corsarios americanos, que as infestavam sob a bandeira do glorioso libertador Artigas; e, além disso, de mandar reforços maritimos ao bloqueio do Recife».

A 13, deixou D. Leopoldina Liorne; á tarde, ella embarcava com sua comitiva no escaler que a conduziu a bordo da náó de linha «D. João VI», que tal como a outra, a «São Sebastião», (na qual embarcou o embaixador extraordinario conde de Eltz e sua comitiva) salvou em continencia.

Em companhia de D. Leopoldina, embarcaram algumas damas austriacas, que ficariam á sua disposição no Brasil; separou-se ella ahí para sempre de algumas pessoas caras que a acompanharam desde Vienna. (1).

(1) Era praxe na côrte não levarem criados austriacos as archiduquezas que casavam com principes estrangeiros. D. João VI providenciou para o caso de applicar-se essa regra á sua nora e nomeou a condessa de Linhares para ir esperar Leopoldina em Livorno, recommendando entretanto que ella não partisse de Lisbôa, se a Archiduqueza desejasse trazer criadas allemãs. Indo, porém, sua filha para tão longe, o Imperador mostrou desejos de ser-lhe permittida a companhia de alguém do seu conhecimento. El-Rei não punha limite algum ás pretensões dessa natureza e concordou na escolha de quanta gente fosse necessaria. Antes disto, as pretensões reduziam-se a uma açafata e depois, estenderam-se a uma camareira-mór e duas damas, cuja companhia foi motivo de alegria para a Princeza, de quem todas eram amigas. Quando a noticia desse facto chegou áquella capital, já a condessa tinha recebido ajuda de custo e o Governo da Regencia lhe havia perguntado quantas pessoas levava em sua companhia, afim de se lhe designarem

Sendo na «D. João VI (que era a capitanea) arvorado o pavilhão lusitano, a artilharia da mesma, assim como a «São Sebastião», saudaram a D. Leopoldina, fazendo o mesmo a não inglesa «Albion», que estava ancorada em Liorne.

A' noite desse mesmo dia, veio á «D. João VI» Maria Luiza, ex-imperatriz dos francezes — a má esposa do Grande Imperador e Soldado que na occasião jazia como aguia enjaulada no inhospito rochedo de Santa Helena; — nessa occasião era ella Duqueza de Parma, a qual foi levar as suas ultimas despedidas á futura Imperatriz do Brasil.

Em companhia de D. Leopoldina vieram, o Conde de Castello Melhor, os condes de Louzã, D. Diogo de Menezes, mordomo-mór da Princeza; e de Penafiel, seu veador; e as damas austriacas da côrte imperial de Vienna; as condessas de Kumburg, como camareira-mór; e de Sarenthem e Londron, como damas de honor. Vieram tambem retretas, açafatas, creados, um capellão, serviçaes e Von Schuch, como bibliothecario.

Como medicos da comitiva, se achavam os Drs. Francisco de Mello Franco, illustrado e muito competente, e Bernardino Antonio Gomes, clinico.

A não «D. João VI», tinha sido preparada a capricho, afim de receber a esposa do principe herdeiro da Casa de Bragança. Os seus camarotes foram transformados, em camarões forrados a seda; os seus marinheiros fizeram toda a viagem em uniforme de gala; — a sua officialidade formava a elite da marinha lusitana!... Era seu commandante, o grave capitão de mar e guerra Farinha, mais tarde Barão de Souzel, e ministro da marinha do Brasil.

Duroza a viagem de Vienna a seu destino cerca de 3 mezes, chegando D. Leopoldina á capital do Brasil no dia 5 de Novembro de 1817. (1).

logares a bordo da esquadra. Foi preciso tudo desfazer, com grande irritação daquella fidalga, que immediatamente pediu passagens para o Brasil.

(1) «Diz Tobias Monteiro, em sua cit. ob.: «Os austriacos acharam as náos portuguezas muito sujas, e com gente de mais,

A viagem por mar — A 14 de Agosto, a esquadra portugueza levantou ferro de Liorne, rumo ao Rio de Janeiro.

Passando pelo estreito de Gibraltar, encorporou-se aos navios portuguezes a fragata austriaca *Augusta*; isso depois da travessia do Mediterraneo.

A 11 de Setembro, chegou a esquadriha a Funchal, na Ilha Madeira, onde esteve ancorada tres dias.

A bordo foram beijar a mão e receber ordens de D. Leopoldina, o general-governador e o bispo-vigario-apostolico. Graças ás insistencias do governador, D. Leopoldina desembarcou e foi magnificamente recebida pela população, que fôra pouco antes avisada da sua proxima chegada.

Effectuou-se seu desembarque ás 4 horas da tarde, num cães de madeira improvisado para esse fim, conformé ordem da Camara Municipal, a qual encorporada veio buscal-a debaixo de rico pallio, por entre salvas das fortalezas e grande alegria popular.

Proximo ao cães de desembarque, armara-se um arco de triumpho, á entrada da cidade, onde aguardavam D. Leopoldina, o bispo, com seu cabido e cléro, o qual apresentou-lhe um crucifixo, que ella beijou de joelhos com todo o respeito.

— Durante os tres dias em que permaneceu a esquadriha em Funchal, aproveitou D. Leopoldina em fazer excursões a cavallo pelos logarejos proximos; visitou as melhores quintas; entregou-se durante esse tempo á sua paixão de naturalista-amadora. Consigo levou plantas, flores, animaes pertencente á flóra e a fauna africana. (*Isso pôde-se lêr numa carta de 12 de Novembro de 1817, de Luiz Joaquim dos Santos Marrocos.*)

que em geral lhes pareceu malcriada. Era tambem excessivo o numero de animaes, sobretudo de cães, que exhalavam muito máo cheiro. No momento de ser alçada a ancora, demorou extraordinariamente em subir e a resistencia por ella opposta ao esforço da maruja, foi considerada de máo agouro. Quando por fim surgiu á flôr d'agua, trazia presa outra ancora do tempo dos etruscos, recolhida a bordo e levada pelo navio que a pescou». (*Tobias Monteiro, ob. cit.*).

O general-governador, além de outras pessoas, insistiu para que D. Leopoldina se demorasse algumas horas, afim de jantar em terra, isso no dia 13, quando ella á uma hora da tarde embarcava novamente com sua comitiva na *D. João VI*.

Affirmou-se, que ella respondeu: «Snr. General, é necessario que eu parta o mais depressa possivel, para me ser menos sensivel á separação da ilha da Madeira». (*Gonçalves dos Santos*).

D. Leopoldina deu largas em Funchal, de seu nobre coração; pois tanto que a um pedido della, ao partir de Funchal, e em consideração e homenagem á sua estadia naquella provincia ultramarina portugueza, foram perdoados todos os presos da mesma, que não tinham parte accusatoria, bem como os soldados réos de primeira e simples diserção. Além dessas, outras acções nobilitantes praticou D. Leopoldina em Funchal.

— Continuando sua viagem passou perto dos rochedos S. Pedro e S. Paulo, os quaes em 1922, iam popularisar-se, graças ao atrevido feito dos audazes aviadores portuguezes Sacadura Cabral e Gago Coutinho, que com o seu emprehendimento elevaram mais uma vez, de maneira tão gloriosa o nome lusitano. Passou perto, porém, bastante ao largo da Ilha Fernando de Noronha; o que queria dizer que já estava proximo ás terras brasileiras.

Durante a viagem receberam na esquadilha a noticia de ter rebentado a Revolução Pernambucana em 1817. (*Officio do Marquez de Marialva a João Paulo Bezerra, ministro interino dos negocios Estrangeiros*).

Sentiu D. Leopoldina, nessa occasião, o desejo de chegar o mais depressa possivel ao termo da viagem, pois anciava reunir-se á sua nova familia, afim de compartilhar ás angustias desta, em consequencia áquella phase por que passava o Brasil. — Diz o *Dr. Oliveira Lima, obra citada*: «Que nem o espectro de Maria Antonieta, sua tia, demoveu um instante a archiduqueza, do cumprimento desse regio dever, só involuntariamente adiado». (1).

(1) Affirma-se que a diplomacia britanica procurou impedir a vinda de D. Leopoldina ao Brasil, pois a Inglaterra estava empenhada em installar a Côrte de D. João VI em Lisbôa:

— Já navegava a esquadriha parallelamente á nosa costa, tendo certamente D. Leopoldina avistado o Monte Paschoal, o 1.º ponto visto por Cabral em 1500; passou depois em frente aos «Abrolhos», onde quasi um seculo depois, um navio de guerra auxiliar allemão, foi mettido a pique, depois de ter sustentado glorioso combate com navios inglezes, preferindo sua guarnição aquelle fim a ter que arrêar o glorioso pavilhão do Imperio de Guilherme II.

Por fim, nos primeiros dias de Novembro, começou a avistar, as costas do Rio de Janeiro, a «Pedra da Gavea» o «Gigante de Pedra», por fim o «Pão de Assucar». — Nove annos antes, D. João VI ficára extasiado ao chegar em frente do maravilhoso panorama que a natureza apresenta aos olhos do viajante que chega ao Rio de Janeiro. Naturalmente, D. Leopoldina tambem ficou maravilhada ao vêr tão deslumbrante espectáculo.

— A proposito, lembramos de que quando em Junho de 1919, regressavamos da Bahia de volta da expedição a Goyaz, um passageiro que vinha no mesmo vapor em que viajavamos — o «Itaquêra» — ao avistar essa costa cheia de rochedos graniticos, que occultam á vista, o porto do Rio de Janeiro, e quando na margem occidental da bahia de Guanabara se vê o phantastico rochedo conico — o *Pão de Assucar* — no mesmo momento apparece em volta essa luxuriante natureza, pronunciou o mesmo passageiro, que era inglez estas pa-

— reforçava isso em vista da Conspiração de 1817 em Lisbôa, da qual resultou ser cobarde e vilmente, graças aos auspicios de Beresford, que na occasião era o verdadeiro domno de Portugal, — enforcado o mais illustre, distincto e valente general portuguez dos tempos modernos — tal foi Gomes Freire de Andrade. — Tambem pela Revolução desse mesmo anno em Pernambuco, foram motivos para a chancellaria ingleza achar que D. Leopoldina deveria permanecer em Vienna, ou então que fosse para Lisbôa aguardar o regresso da familia real portugueza. — Francisco I respondeu «que sua filha passara a sel-o de D. João VI, e que este é quem cumpria fixar-lhe a residencia. — O Chanceller Metternich, fora em pessoa a Liorne, fazer entrega da archiduqueza ao commissario de S. M. Fidelissima, o Conde de Castello Melhor.

lavras: «Mas que maravilha!... Nem na Asia, Africa ou mesmo na Europa vi tão soberbo espectaculo da natureza!...»

III

A chegada da Archiduqueza D. Leopoldina ao Rio de Janeiro. — Benefícios que trouxe a vinda de D. Leopoldina ao Brasil. — A sua primeira filha. — O Duque de Luxemburgo. — As festas e recepções no Rio de Janeiro. O celebre baile offerecido pelo General Avilez Zusarte. — Vantagens que teve o Brasil com a vinda de D. Leopoldina.

.

Nó Rio de Janeiro esperava-se anciosamente a chegada de D. Leopoldina. Já o dia 26 de Maio foi de festas no Rio de Janeiro, pois chegára a noticia de que se havia ajustado o proximo casamento do herdeiro de Portugal, com grande enthusiasmo. Felicitou-se a familia real, pela escolha da archiduqueza austriaca que em breve viria unir-se á mesma.

A 14 de Julho aportaram ao Rio de Janeiro a fragata allemã *Imperador da Austria*, na qual vinha o barão Neveu Windschlag, encarregado de negocios de S. M. Imperial e Real; o barão Hugel, secretario de embaixada; o conde Schouteld e o conde Oalffi; esta fragata sahira do porto de Trieste; assim como uma outra na qual vieram as duas commissões de naturalistas, entre estes Von Scheibers, Von Spix e Von Martins, que precederam, D. Leopoldina, enviados ao Brasil por Francisco I e pelo rei da Baviera.

— Tambem chegára por um navio inglez, o conde Fleming, enviado extraordinario do ministro plenipotenciario da Prussia, este teve a sua primeira audiencia em 9 de Agosto, quando apresentou ao rei as suas credenciaes.

Tambem nesse mesmo dia obteve o barão de Neveu audiencia regia para a apresentação do barão de Hugel e dos condes de Palff e Schouteld, que foram recebidos por S. M. e por toda a côrte com a maior cordialidade.

Num outro navio, tambem inglez, chegou a 18 de Agosto, o conde Warbna, filho do titular do mesmo nome e mordomo-mór da archiduqueza Leopoldina, trazendo a noticia de ter se realizado o casamento de D. Pedro e D. Leopoldina a 13 de Maio. Era esse dia (13), o anniversario natalicio de D. João VI. Este encheu-se de louca alegria ao receber essa noticia; immediatamente, o Senado da Camara sahi em lusido bando, de cavalgata, composto de seus almotacés e officiaes da Camara, precedidos e seguidos de uma escolta de cavallaria da Guarda Real da Policia, revestidos de capas bordadas e chapéos de plumas, acompanhados por bandas de musica e criados do Paço, levando as montarias á dextra, a proclamar, entre foguetes e vivorios, ao povo do Rio de Janeiro, os desposorios de D. Pedro; e a todos os moradores da cidade e suburbios, nas noites de 21, 22 e 23 de Agosto, darem as manifestações de geral prazer, illuminando as fachadas das construcções.

Nas noites daquelles dias, houve espectaculo de gala no theatro S. João, exhibindo-se no prosenio os retratos de D. João VI e de D. Pedro, que foram victoriados com enthusiasmo pela platéa.

As fortalezas e os navios deram as salvas e se embandeiraram. As salvas eram as do estylo: ás 6 horas, ás 12 e ás 18. Os mosteiros e as egrejas repicaram os sinos.

A' noite houve na cidade illuminação, assim como nos navios, inclusive na fragata austriaca surta no porto.

No dia 21, houve solemne *Te Deum*, ao qual assistiu D. João VI, acompanhado de sua familia e do corpo diplomatico, além dos representantes de todas as classes sociaes.

No dia 23, apezar de D. João VI, estar enfermo de uma perna, deu recepção na sua residencia na Quinta da Bôa Vista, onde houve imponente concurrencia.

Estamos a 5 de Novembro, quando ao raiar do mesmo dia foram avistadas pelos altos postos de vigia dos morros do Rio de Janeiro, as náos lusitanas e as fragatas austriacas, que compunham a esquadrilla de S. A. a Serenissima D. Leopoldina.

Immediatamente se espalhou a noticia anciosamente esperada; o povo correu aos morros e ás praias.

D. João VI ordenou ao gentilhomen da sua camara, conde de Vianna, que, afim de cumprimentar S. A. em seu nome, fosse ao encontro da esquadilha, que por falta de ventos, fundeára em frente á barra.

Somente ás 17 hs. é que os navios começaram a entrar escoltados por dois navios lusitanos, vindo á frente a *D. João VI*, toda enbandeirada e orgulhosa do precioso thesouro que trazia consigo; seguiu-se a *S. Sebastião* e a *Augusta*.

— A fortaleza «*S. João*» foi a primeira quem salvou com 21 tiros, saudando a nossa futura Imperatriz, e ao glorioso pavilhão lusitano, que ao alto do mastro da *D. João VI*, tremulava ao vento. Em seguida as outras fortalezas, Sta. Cruz e Lage, tambem salvaram á proporção que por ellas passavam os navios que correspondiam ás salvas.

Entrando na barra, por entre as fortalezas de Sta. Cruz, Lage e S. João, deparou-se aos olhos de D. Leopoldina o deslumbrante espectáculo que apresenta a bahia de Guanabara; aos seus olhos iam surgindo novas maravilhas naturaes; na entrada da barra, a formidavel lage, que a separa em duas, e na qual pela primeira vez pisaram os francezes commandados por Willegaignon, ahi estabelecendo o seu 1.º posto de occupação; á esquerda, surgiu ás suas vistas a capital do immenso paiz que outr'ora Cabral descobrira, a qual se espalhando pelas brancas praias, parecia uma fada bemfazeja a beijar as verdes aguas da magestosa bahia; na margem opposta, via-se a então villa da Praia Grande, a povoação de Ararigboia.

Uma multidão de embarcações de todos os tamanhos veio ao encontro da *D. João VI*, e dos outros navios; á frente destes vinha a fragata austriaca *Carolina*, que se achava no Rio de Janeiro, toda embandeirada em arco; aquellas embarcações, embandeiradas, estavam repletas de pessôas que agitavam lenços; chegou a vez de salvarem tambem as fortalezas de Willegaignon e do Castello, esta ultima com uma salva real de ronqueiras, como simulacro de artilharia. Ao ser dado o ultimo tiro, estrugiram nos ares girandolas, por longo espaço de tempo.

A ultima fortaleza que salvou foi a da Ilha das Cobras, por trás da qual veiu a *D. João VI*, fundear,

na parte inferior dessa ilha, quasi em frente ao mosteiro de S. Bento. Foi quando salvaram por fim todos os navios e fortalezas.

As egrejas e mosteiros repicaram os sinos; o povo que se achava em massa pelas praias, acenava os lenços, a cidade respirava immensa alegria com a chegada da archiduqueza austriaca, que deixara a Patria para vir á nossa, onde 5 annos depois veio a ser a nossa primeira imperatriz e passar os ultimos annos de sua vida, uma existencia cheia de amarguras, graças ao mão esposo, que se enchera de amores por uma bella paulista, sua concubina, digna emula de Mme. Pompadour.

A's 19 hs. D. João VI em companhia de seus 2 filhos, partiu por mar, na galeota real, toda refulgente de douraduras e tendo occupada a camara envidraçada, dirigindo-se ao Cães do Arsenal Real (hoje de Marinha), recebendo ahi D. Carlota Joaquina e as infantas. Em seguida partiu a galeota para a *D. João VI*, a cujo costado atracou; aquella era comboiada por outras, que conduziam pessoas da mais alta linhagem.

Logo que atracou a galeota á não, D. Leopoldina, desceu pelo braço do Conde Castello Melhor, sendo ella acolhida com immensa alegria por toda a familia real. Subiram em seguida todos para a não, onde a princeza recebeu-os em sua camara.

— A's 21 hs. toda a familia real retirou-se, debaixo das salvas, e, chegando a galeota ao cães do Arsenal Real, desembarcaram D. Carlota Joaquina e suas filhas, regressando D. João VI e os principes para S. Christovão. Fôra marcado o desembarque de D. Leopoldina para o dia seguinte.

— Durante o resto da noite, os sinos continuaram a repicar, havendo illuminação.

E' interessante a seguinte passagem que se lê na «*Ct. Ob. do Dr. Oliveira Lima*, referente á chegada da archiduqueza D. Leopoldina ao Rio de Janeiro: «Turmas de escravos prepararam fogueiras nos morros que circundam a bahia do Guanabara, como effeito illuminativo».

— O Senado da Camara havia, já ha um mez, como de costume sahido, com o seu lusido bardo, de calgata, pelas ruas da cidade, a avisar os habitantes da cidade da proxima vinda de D. Leopoldina, ordenando-

lhes que, na noite da chegada daquelle princeza e nas tres seguintes ao desembarque, toda a cidade e seus suburbios illuminassem; e os moradores da rua Direita, desde a ladeira de S. Bento, até ao largo do Paço, cobrissem o leito e passeios da rua com areia fina, junçassem as portas de flores eervas odoríferas, como de uso, e bem assim ornassem as suas portas e janellas», com a possível magnificencia».

— Chegára o dia 6, que fôra de sol ardente e atmospherá limpida, annunciando logo ao amanhecer por salvas no mar.

Para o desembarque de D. Leopoldina e para a recepção foram preparadas brilhantes festas, tendo sido dirigidas as principaes ornamentações ou decorações, por artistas de nomeada, taes como Debret e Grand-Jean de Montigny.

No Arsenal de Marinha construiu-se um pontilhão de madeira para o effeito de tornar mais amplo e mais commodo o desembarque; erigiu-se um pavilhão junto a escada e (que dava para o mar, por onde havia de subir D. Leopoldina. Esse pavilhão era sustentado por grande numero de lampeões, e ostentava decoradas ás frentes e no tecto, as armas do Reino-Unido e bandeiras austriacas e portuguezas entrelaçadas, com duas elegantes pyramides, nos angulos dos quaes se achavam 4 aguias, sustentando no bico festões de flores. Era o parapeito que dava para o mar forrado de custosos pannos de Araes, por entre palmeiras, o que emprestava um aspecto bem alegre.

O sólo da parte de desembarque estava ricamente tapizado e o local por onde passariam as carruagens, fôra revestido por uma espessa camada de cascalho vermelho.

A entrada da rua Direita, bem em frente ao Arsenal o Corpo do Commercio, representado pelos negociantes Joaquim José Pereira do Faro e Francisco Pereira de Mesquita, mandára erigir um arco romano, confiado a Augusto Henrique Victorio Grandjean de Montigny, notavel architecto da celebre missão artistica franceza, que viera para o Brasil em 1816, e do pintor J. Debret, tambem da mesma missão.

Ainda na rua Direita, em frente a Egreja da Cruz dos Militares, fôra por Grandjean de Montigny, cons-

truido um «triumpho romano» que se compunha de 8 estandartes, fincados no solo e presos por grinaldas de flores e palmas, ostentando a Aguia bifronte da Austria, tendo nos medalhões inscripto o seguinte: — «Bondade — Amabilidade — Sensibilidade — Beneficiencia — Constancia — Espirito — Encantos — Graça — Talento — Sciencia — Modestia, e na base Felicidade publica». Representavam justamente as qualidades moraes e intellectuaes de D. Leopoldina.

Da Ladeira de S. Bento, até a Capella Real, o leito da rua apresentava uma fina camada de areia rubra, flores e hervas aromaticas; pelas janellas e pórtas das casas dessa rua viam-se cortinas das mais ricas. As fachadas do Paço Real, Capella dos Terceiros do 'Carmo e Casas do 'Carmo e casas proximas, estavam ricamente ornadas; havia ali proximo uma grande varanda que fôra mandada construir, afim de servir a acclamação de D. João VI, tinha os seus arcos tambem vistosamente ornados.

Descortinava-se do morro de S. Bento, o mosteiro do mesimo nome, edificio magestoso, tendo as suas tres ordens de janellas, tambem ornamentadas a capricho com cortinas de seda.

Ainda na rua Direita, em frente a do Sabão (hoje General Camara), havia um arco, — planta do machinista do Theatro S. João, Luiz Xavier Pereira, e de Francisco José Pinheiro Guimarães, que o erigiram, ás suas custas, tendo tambem recebido auxilio dos moradores.

A Capella Real, estava internamente ornamentada com grande sumptuosidade, para que nella fossem realizadas as benções nupciaes.

O desembarque — Desde muito cedo, que o povo formando uma immensa massa, enchia as ruas, largos e tudo o que se achava proximo, ao ponto de desembarque. No mar tambem, pelas ilhas, nas innumeras embarcações embandeiradas, havia muita gente afim de assistir ao desembarque. Os morros tambem estavam apinhados de curiosos. Pelas sacadas e janellas das casas onde deveria passar o cortejo nupcial, estavam repletas de senlhoras ricamente vestidas.



Desembarque da Archiduqueza Leopoldina no Rio de Janeiro a 6 de Novembro de 1817.

Desde ás 8 hs. que no pateo do Arsenal Real, já se achava formada uma guarda de honra, composta do 15.º Batalhão; extendendo-se outras forças militares, desde a ponte de desembarque ao Paço da Cidade. — Em frente a Capella Real estava estendido em linha desenvolvida, dando guarda de honra, o 1.º Regimento da Côrte, enquanto o 3.º de Caçadores e mais alguns outros contingentes foram se postar em S. Christovão.

A's 11 hs. D. Carlota Joaquina, sahia do Paço da Cidade, em companhia das infantas, precedidas de seus batedores, moços da estribeira e do estribeiro-menor. Depois vinha o primeiro coche com os veadores e altezas; depois D. Carlota Joaquina com as princezas D.D. Izabel Maria e Maria Thereza. — Vinha um outro coche com a princeza D. Maria Francisca Benedicta e as infantas D.D. Maria d'Assumpção e Anna de Jesus Maria; no 4.º coche, iam as camareiras mões; no 5.º as damas e no 6.º as açafatas; uma guarda de cavallaria fechava o prestito.

D. Carlota Joaquina e sua comitiva encontrou-se com D. João VI no Arsenal Real, para onde viera de S. Christovam, da mesma maneira que viera na véspera. D. Carlota foi recebida a bordo da galeôta com as mesmas salvas e modalidades do estylo, dirigiu-se depois para a não *D. João VI*, onde os aguardava para desembarcar D. Leopoldina.

Da não *D. João VI*, assim como da *S. Sebastião* e da fragata *Augusta*, todas vistosamente embandeiradas, a maruja, em parada, sobre as vergas, prorompeu em aclamações a D. João VI e a D. Leopoldina.

Nessa occasião atracava ao costado na não capitanea, a galeôta na qual ia a familia real, para a qual desceu pelo braço do conde Castello Melhor, D. Leopoldina, seguida de seu sequito de veadores, conde de Lousã e Pennafiel, a camareira e as damas austriacas. Ahi mesmo lhe foram offertados riquissimos presentes, em joias de alto valor, tanto por parte do Principe D. Pedro, como por cada uma das pessoas da familia desse.

«A esse tempo arriava-se do tópe-mestre da não capitanea, o pavilhão das quinas da casa de Bragança, substituído pelo das aguias bifrontes da de Habsburgo, já arvorado aliás desde o nascer do sol pela não *S. Sebastião*». (*Dr. Max Fleuiss, art. cit.*).

— Sómente lá para ás 2 horas da tarde é que se effectuou o desembarque de D. Leopoldina, no Arsenal Real, conduzida pela mão de D. Pedro; sendo nesse momento dada uma salva real por todas as fortalezas e vasos de guerra, surtos no porto, ao tempo que milhares e milhares de vozes tanto em terra como no mar, delirantemente aclamavam, e os sinos das egrejas e mosteiros repicavam.

Para o coche real subiu D. João VI, D. Carlota Joaquina, assim como D. Pedro e D. Leopoldina, esta vestida de seda branca, bordada de ouro e prata; finissimo véo lhe pendia da cabeça ao rosto, sem o impedir de ser visto, o que lhe realçava belleza. Seguindo o cortejo do pateo do Arsenal debaixo de applausos e vivas, sahindo pelo portão principal que sahe para a rua Direita.

O cortejo desfilou do Arsenal até ao Terreiro do Paço, por entre duas alas compactas de povo, e duas filas de tropas, cujos soldados vestiam uniformes de grande gala, ao som das musicas dos batalhões e regimentos, e debaixo de uma chuva de flores que cahia sem cessar, de um e outro lado. Das janellas e sacadas, milhares de lenços eram acenados, assim como dos morros e telhados.

Ao passar por sobre o 1.º arco fronteiro ao Arsenal, dois meninos ricamente trajados, de pé sobre pedestaes das columnas do centro — symbolizando um o Amor, outro o Hymeneu — offereceram a D. Pedro e a D. Leopoldina uma grande cesta de flores artificiaes, que á passagem do coche, se fez descer da aboboda do arco, esparzindo-lhes sobre as cabeças milhares de flores.

Atravessando o 2.º arco, queimaram-se finissimos aromas nas tripodes que encimavam os pedestaes, deramando-se tambem muitas flores. Tambem no 3.º arco, decorado de festões de palmeiras brasileiras. O cortejo seguiu sempre debaixo das aclamações da população que estava possuida de verdadeiro delirio.

A's 3 horas da tarde D. Leopoldina, juntamente com seu esposo e seus sogros apeiaram junto ao portico principal da antiga e Real Capella dos 'Carmos, onde os aguardavam o bispo capellão mór do Rio de Janeiro, D. José Caetano da Silva Coutinho, com o cabido, revestido de ricas capas de purpura; e o Senado da Camara, incorporado e em trajes de gala, que ali se pos-

tara par dar as boas vindas em nome da cidade do Rio de Janeiro, á recém-chegada.

D. Pedro entrou no templo dando o braço a sua gentil esposa, seguido da familia real, de toda a Côrte, do Bispo de Angola, Pernambuco, Goyaz, S. Thomé e Moçambique, de todo o mundo official, do corpo diplomatico e do Senado da Camara. Assim que os principaes penetraram na nave do templo, rompeu, do alto do côro, a grande orchestra da Capella Real, sob a regencia do maestro Marcos Portugal.

Na Capella-Mór, via-se armado sumptuoso solio de lustrina de ouro e vermelho, com dez cadeiras sòb o docel para as pessôas reaes.

Tendo o Bispo subido ao solio, com o cabido formado na quadratura, deu o mestre-ceremonia o signal para o principio do acto. Todos se ergueram: o Principe D. Miguel (aquelle que alguns annos depois, ia sustentar encarniçada e longa guerra ao irmão), tomando pela dextra ao Principe D. Pedro, e a Rainha D. Carlota a de D. Leopoldina, fizeram apresentação dos nubentes ao Sr. Bispo, que lhes lançou as benções nupciaes, entoando para isso um cantico alegre e festivo, durante o qual os noivos e paranympchos se conservaram ajoelhados, em ricas almofadas de velludo, em frente ao Sr. Bispo.

Cantou-se depois o TE DEUM LAUDAMUS, em missa coral, pelos musicos da Capella Real, terminando a cerimonia ás 4 da tarde, sendo dada uma grande salva real por todas as fortalezas e navios de guerra.

— Dirigiram-se o Rei e a familia real acompanhados sòmente da Côrte, pelas communicções internas, para o Paço (o da cidade), de cujas varandas assistiram o desfile das forças, que eram commandadas pelo tenente-general governador das armas da Côrte. Constavam das forças de cavallaria, que escoltaram o cortejo nupcial, inclusive o legendario 1.º de Cavallaria da Côrte, a infantaria que esteve postada na cidade em continencia, e a artilharia, cujo parque esteve postado em linha parallela ao cões. Ao terminar, deram-se tres salvas de terra e mar, e os soldados que estavam em forma tiraram as barretinas, e deram tres fortes vivas aos Reis de Portugal, a D. Pedro e a D. Leopoldina recolhendo-se em seguida a quartéis.

No Paço numa grande mesa de Estado jantou toda a familia real, inclusive a recém-chegada, com todo apparatus da côrte.

Ao anoitecer, ao signal dum tiro de canhão, dado da ilha das Cobras, e a que toda a cidade estava attenta, illuminou-se como que por encanto, toda a capital. Sobresahiam-se o Palacio Real e o respectivo terreiro e as principaes casas da rua Direita pelos seus vistosos e lindos cortinados ás janellas, com mangas de vidros acesos ou tijelinhas de cores.

No mar tambem a illuminação sobresahia-se nos navios de guerra e demais embarcações.

Entre os arcos de triumphos armados, chamava a attenção, os das ruas do Sabão e dos Pescadores, o 1.º todo coberto de copos que «parecia todo elle uma só chama de fogo de varias cores»; e o outro, do mais gracioso effeito e belleza de illuminação, todo de cera, em serpentinas de prata, lustres de crystaes, mangas e globulos de vidros.

Estava tambem a sobresahir-se a illuminação do Arsenal Real, quer interna, quer externamente, por um sem numero de lampeões de vidro, desde o pavilhão, até o portão principal, e por toda a linha do parapeito do cães junto ao mar; e o soturno e pesado Convento dos Benedictinos, a cavalleiro do Arsenal, achava-se agora cheio de luzes e resoante de repiques, com um garrulo toque de rebate dado ao regosijo popular. (*Max Fleuiss, art. cit.*)

Mais ou menos ás 9 horas da manhã partiu do Paço da cidade o enorme cortejo real, rumo a S. Christovão.

No mesmo, tomaram parte apenas os officiaes-móres, damas, gentis-homens, veadores, e cercando os coches reaes, moços da camara a cavallo, e a creadagem carregando brandões de cêra, e indo á rectaguarda a Guarda de Archeiros, fechando o cortejo ia uma grande escolta de cavallaria, em grande uniforme. Abria o cortejo real, os batedores musicos e timbaleiros.

Com enorme difficuldade rompeu o cortejo a marcha, pois enorme massa popular enchia as ruas em que o mesmo tinha de seguir até o Arsenal Real. E assim o cortejo atravessou toda a rua 1.º de Março (naquelle tempo Direita), atravessando os arcos de triumpho, até chegar áquelle Arsenal, onde D. João VI, embarcou com

toda a familia real na galeóta real, e as demais pessoas em outras embarcações, regressando os coches para o Paço da cidade, escoltados pela mesma guarda de cavallaria. Eram 11 horas da noite, quando o Rei e as demais pessoas desembarcavam em S. Christovão, onde estavam estendidos em linha desenvolvida, afim de prestar as continencias, o 3.º Regimento de Caçadores e o 4.º miliciano. Enorme massa popular estacionava desde a ponte de desembarque até á Quinta da Boa Vista; ali também estacionavam varios coches afim de conduzi-rem o Rei e toda a familia real, agora augmentada pela serenissima e augusta Princeza D. Leopoldina.

Estava a Quinta da Boa Vista illuminada a capricho; — «com muita magnificiencia e gosto e, tanto pela sua brilhante perspectiva, como pelo descortino que dalli se gozava do panorama da cidade», que toda ella parecia estar ardendo em vivas chamas de fogo».

— D. João VI, achava-se nessa occasião doente duma perna, tanto que não pôde subir á não D. JOÃO VI, assim como também durante a cerimonia das bençãos nupciaes, não pôde se ajoelhar junto ao seu filho, sendo substituido pelo infante D. Miguel.

Apezar do Rei ter feito o percurso da Quinta á cidade, durante os dias em que duraram as ceremonias da chegada, desembarque e bençãos nupciaes por mar, o conselheiro Paulo Fernandes Vianna, intendente geral da policia, prevendo que D. João VI, regressasse por fim por terra, mandou avisar os moradores das ruas: Direita, Ouvidor, largo do Rocio (hoje Praça Tiradentes), Caminho Novo do Conde do Cunha (hoje rua Frei Caneca), Lagôa da Sentinella (hoje em parte Moncorvo Filho — e ex-rua do Areal), e em parte Frei Caneca e General Caldwell), Catumby, Matta-Porcós (Estacio de Sá), e Estrada Real da Quinta da Boa Vista, que é o conhecido caminho que leva ao arrabalde de S. Christovão, para que illuminassem e ornamentassem as frentes das casas de suas moradias, que juncassem nas mesmas ruas, folhagens e hervas odoríferas.

Debret, em sua magnifica obra sobre o Brasil (1) diz que as festas em homenagens ás bôdas do Principe D. Pedro, tiveram as deslumbrantes pompas já descrip-

(1) «Voyage pittoresque et historique du Bresil».

tas, em vistas dos portuguezes que faziam parte da Côrte e do commercio desejarem que fossem igualadas ás que nessa epócha mais ou menos foram feitas por occasião do casamento de D. Maria Assumpção, com o Rei D. Fernando de Hespanha.

Eis o que narra o já citado Debret, em sua obra, a respeito da «grande amizade demonstrada por El Rei D. João VI á sua nóra, pois é sabido, que desde o primeiro instante, em que a viu elle demonstrou enorme amizade paternal por D. Leopoldina, sendo elle talvez conforme dizem alguns historiadores, «o seu melhor amigo».

— «Quando os dois jovens esposos chegaram ao «Palacio de S. Christovão, o rei, conduzindo a princeza «a visitar os seus aposentos particulares, disse-lhe:

«Penso que vos seja agradável este aposento, em-
«bora singelamente guarnecido. D. João fizera encom-
«menndar á casa Jacob, de Paris, um bellissimo mobilia-
«rio que chegou um tanto atrazado, devido aos contra-
«tempos da travessia, por quatro longos mezes, do na-
«vio que o transportava ao Brasil, — LE DAUPHIN.

«Com effeito, a primeira coisa que a princeza ali
«viu, foi o busto do Imperador da Austria, seu progeni-
«tor, que o rei tivera o cuidado de vir de Vienna.

«Vendo-o, D. Leopoldina não pôde reprimir lagri-
«mas de alegria; então o rei, tomando-lhe paternalmen-
«te a mão, disse-lhe: — «Como sois muito instruida,
«não poderia eu pretender offertar-vos alguma coisa des-
«conhecida ainda para vós; mas estou bem persuadido
«que achareis enlevo em folhear este album, que vos
«peço accèptar.

«A princeza, mal tornada a si da feliz emoção que
«lhe causára a vista do busto paterno naquelle momento,
«maravilhou-se ainda mais folheando o livro, ao en-
«contrar ali uma collecção completa de magnificos re-
«tratos das pessôas da sua familia, encommendadas espe-
«cialmente á Vienna, com o busto.

«Cedendo a um espontaneo transporte de gratidão,
«D. Leopoldina precipitou-se para beijar a mão de seu
«augusto sogro, que assim se exprimiu: «Minha cara
«filha, a felicidade do meu filho está garantida, assim
«como a de meus povos, visto que elles terão, um dia,

«como rainha, uma bôa filha, que não pôde ser senão «uma bôa mãe». (1).

O Conde Eltz, embaixador de S. M. o Imperador d'Austria desembarcou da náo «S. SEBASTIÃO» no dia 7 de Novembro acompanhado de sua comitiva, indo para S. Christovam, em escaleres, sendo recebidos no cões pelo introductor diplomatico, que era o Conde de Avintes, seguindo dahi em coches até ao Paço da Quinta da Bôa Vista.

No dia anterior fôra aquelle embaixador austriaco, cumprimentado a bordo da citada náo, pelo official-maior da Secretaria, commendador Camillo Martins Lage que vestia uniforme de grande gala; levava na occasião uma carta do ministro João Paulo Bezerra (que, embora enfermo e da sua muito avançada idade, accumulava o exercicio das tres pastas: fazenda, guerra e estrangeiros, com a presidencia do Real Erario. Esse velho ministro, deu um baile de gala em honra daquelle diplomata austriaco, na sua fazenda de Maracanã, cujas immediações estiveram guardadas, nessa noite, por piquetes de cavallaria da policia. (*Dr. Max Fleuiss — Art. Cit.*). (2).

(1) Diz o illustrado patriota, Dr. Max Fleuiss de quem sou um antigo e profundo admirador, o seguinte:

— «Realizaram-se as propheticas palavras de D. João VI. «Ninguem, com maior conhecimento de causa, com mais autoridade, podel-as-ia ter pronunciado. D. Maria Leopoldina Josepha Carolina de Habsburgo, primeira imperatriz do Brasil, «o anjo tutelar que verdadeiramente inspirou a D. Pedro nossa «Independencia, foi para o povo brasileiro, bem se pôde dizer «a sua primeira mãe, cujo simeli moral, em tudo digno de si, «só teve par em D. Thereza Maria Christina, nossa terceira Imperatriz, santa creatura, prototypo de bondade e de soffredora «resignação, a quem o povo tambem aprendeu, após D. Leopoldina, a justamente invocar por-mãe dos brasileiros. (*Artigo cit. do «Correio da Manhã»*).

(2) Morreu dias depois (29 de Nov.) fulminado de uma apoplexia aos 71 annos de idade, sendo depositados no Convento de Sto. Antonio os seus restos mortaes.

Sobre as recepções á essa embaixada e as que se fizeram em homenagem á chegada de D. Leopoldina, e ao 1.º anniversario desse acontecimento, transcrevo o que o illustrado patriota Dr. Max Fleuiss, escreveu em seu magnifico trabalho publicado no "Correio da Manhã", em homenagem á Imperatriz D. Leopoldina, sob a epigraphe "A PALADINA DA NOSSA INDEPENDENCIA" :

«A noite de 7, houve grande serenata (como se dizia então), na casa das audiencias do Paço da Bôa Vista, «em applausos do feliz consorcio de S. S. M. A. «cujos preparativos, segundo Marrocos, em sua correspondencia de 25 de Novembro de 1817, se fizeram nas «salas da Real Bibliotheca, com a presença de toda a «côrte e corpo diplomatico, reunidos na casa da audiencia.

«O programma da serenata constou de uma symphonia composta pelo musico da real Camara, Ignacio de Freitas; de tres árias cantadas, respectivamente, «pelo principe consorte e suas irmãs, a princeza D. Maria Thereza e a infanta D. Izabel Maria; a da execução do drama Augurio de Felicitá, allegorico ao acto «e arranjo musical do celebre — Marcos Portugal, director da orchestra da Real Capella e Theatro S. João, «desempenhado pelos musicos da camara do rei; e como «remate, houve um «elogio» em italiano, recitado por «um desses musicos.

— «No dia immediato, o rei recebeu em audiencia «especial ao conde de Eltz, servindo-lhe de conductor diplomatico e mordomo-mór da Rainha (marquez de Val-lada) e de introductores, os marquezes de Bellas e Castello Melhor, reporteiro-mór.

«A seguir houve recepção do corpo diplomatico, titulares e mais pessoas gradadas, que acorreram a felicitar «a familia real, pela chegada da princeza.

«Na noite desse 3.º dia de festas e illuminação publica, a côrte desceu para assistir ao espectaculo de «gala que o empresario do Theatro S. João, coronel «Fernando José de Almeida, (o irrequieto Fernandinho, «ex-cabellereiro de D. Fernando José de Portugal, marquez de Aguiar, vindo do Reino para o Brasil com o «principe regente em 1808), offerecera gratuitamente ao «publico do Rio de Janeiro, em testemunho de regosijo «nacional.

«A sala do espectáculo achava-se pomposamente decorada, guarnecida e illuminada por muitas luzes em mangas e lustres de crystal e vidro, sobresahindo a tribuna real, com sanafas de velludo carmezim, ostentando as iniciaes do rei bordadas a ouro.

«Representou-se nesta noite, pela primeira vez, a opera MEROPE, de Marcos Portugal, magestosamente encenada e revestida. No intervallo do 1.º acto, o corpo de baile de Mr. Lacombe, da empreza da Porte de Saint-Martin, em Paris, trazido ao Rio pelo Fernandinho, executou um bailado novo, a caracter, intitulado do Axurou. *O roubo de Aspasia*. — A esse espectáculo que só acabou ás duas horas da madrugada, (mania antiga do theatro nacional), assistiram, não só o corpo diplomatico como os grandes do Reino. A platéa faiscava de gran-cruzes, crachás e fardões militares. As damas da côrte, nas frizas e camarotes, entre as quaes sobresahia então, como a mais recamada de brilhantes e pedras finissimas, a viscondessa do Rio Secco, primeira dama do Paço, ostentavam plumas vermelhas, por entre sorrisos e donaires seductores.

«Tanto na ida como na volta a S. Christovão e durante o espectáculo, foi a real familia vivamente acclamada, succedendo-se de continuo vivas a D. Pedro e a D. Leopoldina.

«Dias após, offerencia a rainha D. Carlota Joaquina á sua nôra «um esplendido e mui delicado jantar» (na phrase de Marrocos), entrando depois os noivos á apparecer em passeio «e com estado separado» (Oliveira Lima — Pag. 995).

«Depois disso, a Côrte se deixou estar em S. Christovão, onde as recepções se tornaram muito mais atrahentes, realçando-as (Debret observa-os), a presença da princeza e dos embaixadores estrangeiros, que ali passaram a comparecer frequentemente.

«Em homenagem á festa de S. Leopoldo, começou tambem o dia 15 de Novembro, onomastico da princeza, a ser celebrado na côrte do Brasil, como dia de gala nacional, obrigado ás salvas de estylo e recepções no paço. (1).

(1) «Ao festejar-se pela primeira vez esse dia, D. João VI, em obsequio á sua augusta nora, fez as seguintes graças:

O Imperador Francisco I em retribuição as graças e mercês que D. João VI, fez aos membros da embaixada austriaca, ao festejar-se pela primeira vez o dia de S. Leopoldo aqui no Brasil, concedeu algumas homenagens a personagens luso brasileiros.

«Dest'arte, começava D. Leopoldina a esparzir as «primeiras flores da sua influencia benefica sobre a sua «nova patria adoptiva, por onde passou desde o primeiro «dia, semeando as graças do seu sorriso e os thesouros «de sua alma.

«Foram aliás, sempre esses os grandes traços typicos de character da primeira Imperatriz do Brasil — «lhaneza de trato, soberania do coração e abnegação «heroica pela magna causa da sua segunda patria — «a Independencia, da qual foi ella, sem contestar a grande paladina, a par de D. Pedro I.

«Naquelle mesmo dia incorporou-se o Senado da «Camara do Rio de Janeiro, e com o respectivo presi-

«— Transladou o bispo d'Elvas para Beja — D. José Joaquim de «Azeredo Coutinho, natural do Rio de Janeiro; e para Elvas, «o bispo de Meliador e vigario apostolico na Ilha Madeira, «nomeou bispo do Funchal, ao Dr. João Joaquim Bernardino, «lente de Theologia da Universidade de Coimbra; condecorou «com a venera de Christo ao governador e capitão general da «Madeira, ao marechal de campo Joaquim de Mello Leitão Coggominho de Lacerda, commandante desde a Bahia até Pernambuco, da divisão que trouxera a seu bordo a Princeza; «concedeu postos de acesso, habitos de Christo e pensões aos «officiaes da mesma divisão; nomeou vice-almirante graduado ao «chefe de esquadra graduado, Henrique de Souza Prêgo; chefe de esquadra, ao de divisão, Manoel Antonio Farinha, commandante da D. JOÃO VI, chefe de divisão graduado ao cap. «de mar e guerra Francisco Maximiliano de Souza, Comt. da S. SEBASTIAO e a todos os outros officiaes de marinha e da «brigada, confirmação ou graduação nos respectivos postos. — «O embaixador Eltz, foi condecorado com a gran-cruz da Ordem de Christo. O barão de Neven, conselheiro da embaixada austriaca, com quem aliás muito sympatisou o rei (e «nada aliás com Eltz, diz Oliveira Lima) e, que em 1818, «teve para contrahir matrimonio com uma filha do visconde «do Rio Secco (segundo Marrocos, carta de 24 de Fev. desse anno) obteve a insignia de commendador de Christo.

«dente (exercia esse cargo, o desembargador Luiz Joaquim Duque Estrada Furtado de Mendonça), para saudar S. A. em audiência especial, previamente solicitada, por sua chegada ao Brasil e fausto consorcio com o principe herdeiro da corôa.

«D. João VI quiz ainda celebrar com bellas festas realizadas no paço de S. Christovão, durante 3 dias, o seu primeiro anniversario natalicio, passado a 22 de Janeiro de 1818, por D. Leopoldina, no Brasil. Apenas, no 3.º dia a chuva desconcentrou algum tanto as luminarias e fogo de vistas.

«Para esse fim, o architecto e decorador dos palacios reaes, Manoel da Costa, havia transformado o jardim do Paço, num amphitheatro de madeira e adaptado uma fila de camarotes á varanda aberta que lhe servia de fachada.

«Mr. Louis Lacombe encarregou-se ainda dos bailados e danças a character, entremeadas de evoluções militares, e acabando por uma descarga de mosquetaria.

«Correram-se alguns touros, mandados vir expressamente ao Rio para esse fim, e que aqui permaneceram até ás festas da Aclamação de D. João VI, em 5, 6 e 7 de Fevereiro seguintes.

.
.

D. Leopoldina adaptou-se de todo á vida, clima e costumes da capital brasileira, conformando-se com as deficiencias da côrte de Bragança, em tudo inferior á Côrte de Vienna. Ella que praticara num meio faustoso, opulento e culto, passara a viver noutro differente.

Vindo para o Rio de Janeiro, foi recebida com extrema alegria pela família real, muito especialmente pelo seu sogro D. JOÃO VI — que lhe devotava immensa estima filial, isso até á hora em que deixou definitivamente o Brasil.

Percebeu dentro em pouco D. Leopoldina, que seu sogro era um infeliz, sob o ponto de vista matrimonial, pois é sabido que D. Carlota Joaquina, jamais fôra honesta esposa, e nem déra uma bôa educação a seus filhos.

Viu D. Leopoldina que seu marido era um principe irascivel, mal educado, tal como seu irmão D. Miguel,

e para o cumulo da sua infelicidade dentro em breve percebeu que seu marido era um cortejador de toda a casta de mulheres.

Aqui chegando, continuou D. Leopoldina a dedicar-se á mesma vida que levava na Patria, isto é, aos estudos scientificos, aos sportes e, especialmente á caça e aos passeios pelos campos montanhas e florestas.

Dizem muito acertadamente que a vinda de D. Leopoldina ao Rio de Janeiro veio transformar sensivelmente a vida da capital brasileira.

Desde que a princeza (D. Leopoldina) chegou, as aléas da Real Quinta da Bôa Vista em S. Christovão se viam frequentemente percorridas por soberbos cavallos de sella e elegantes carruagens estrangeiras, desde então também tudo pareceu tomar no Rio um character francamente europeu». (*Notas de Debret*).

E assim desde os seus primeiros dias no Brasil, que essa Serenissima Princeza, envidou os maiores e melhores esforços para o progresso do mesmo sob todos os pontos de vista.

— Eis o que diz Marrocos (1): «A serenissima Senhora D. Carolina tem desfructado muito bôa saude, sem extranhar o clima, no seu novo estado, em que com satisfação se sabe ter já dado a conhecer a sua fecundidade.»

«Passeia muito e com aproveitamento, mostrando nestes recreios, não só um methodo singular, nascido de uma regular educação, mas o estudo que tem tido das sciencias naturaes».

A respeito eis, o que diz o Dr. Oliveira Lima:

«Nas cartas para a familia, parece que se mostrava «a archidukeza menos ditosa do que a enxergava Mar-

(1) Era Luiz J. dos Santos Marrocos um grande inimigo do Brasil, a proposito aconselho a leitura de umas suas cartas, das quaes transcrevo copias do meu livro «*A guerra entre o Brasil e a Republica Argentina em 1827*». Elle veio acompanhando D. João VI para o Brasil, era empregado da Chancellaria-mór do Reino, escrevendo d'aqui para Portugal, maldizendo da terra em que se acolhera.

«rocos. Supportava o clima, tendo com este travado co-
«nhecimento nos começos do verão, e o meio social e
«sobretudo palaciano, não podia corresponder, ao que
«ella ingenuamente imaginára, mesmo dando desconto
«a differença de continente. Em todo o caso as illusões
«conjugaes da princeza real ainda duravam, quando já
«tinham soffrido o primeiro e rude golpe as illusões po-
«liticas do seu sogro e rei, que era na côrte o seu
«melhor, talvez unico amigo». (*Obra cit. Pgs. 885 a*
«886 de Dr. Oliveira Lima).

— Era D. Leopoldina amante da nossa bella natu-
reza. Tanto que aproveitava o tempo em excursões pe-
las serras da Tijuca, Botafogo, etc.

— Botafogo apresentava nesse tempo, uma peque-
na bahia orlada dessas chacaras, que servia de senti-
nella do lado do mar o Pão de Assucar, e de panno
de fundo, montanhas cobertas de mattas escuras, entre as
quaes se destacava o Corcovado, donde costumavam de
vez em quando subir a cavallo, o Principe Real e a
princeza D. Leopoldina, — que um Von Weeck nos des-
creve como excellentes ginetes, elle — resplendente de
mocidade, queimada do sol a tez trigueira, ella rechon-
chuda e com a pelle de loura afogueda pelo calor.»
(*Oliveira Lima — O movimento da Independencia —*
1821 a 1822). (1).

— D. Leopoldina quando ia a caça, vestia sempre
uma toilette apropriada a esse mister, calçando botas
altas com esporas, levando um rebenquesinho de cabo
de prata, dependurado em um dos braços. (2).

Frequentemente seguia em excursões, fazendo tem-
poradas nas ilhas de Paquetá, Governador, na Fa-

(1) Von Weech, (J. Friedrich von Weech, nah Brasilien
und den vereinigten Staaten des La Plate Stromes wahrend den
jahren 1823 bis 1827, Munchen 1831).

(2) Um aventureiro allemão, aqui desembarcado em 1825,
C. Schlichtorst, deixou-nos os seguintes traços do seu retrato:

«A Imperatriz é baixa, atarracada, de rosto genuinamente
allemão. Certa semelhança com a imperatriz de França, Maria
Luiza, salta aos olhos, mas suas feições não tem o afinamento
e graça que tão encantadora tornavam a esposa de Napoleão.

«O sol dos tropicos e o modo de vida pautado pelo he-
mispherio do Sul deram-lhe uma certa camada de rubor ás fa-

zenda Real de Sta. Cruz, ou n'outras feitorias reaes, onde empregava o tempo em passeios campestres, caçadas ou então em percorrer, em caminhadas rudes, altas serras, etc.

Infelizmente, D. Pedro não soube amal-a como merecia, fal-a chorar innumeradas vezes, ferindo-a nos seus mais nobres sentimentos de esposa com a sua escandalosa vida de conquistador inveterado, sobretudo com os seus amores com D. Domitilia de Castro, a celebre paulista, que chegou até a influir nos destinos da nossa politica. Assim muito ella soffreu em nosso paiz, devido ao procedimento do seu infiel esposo, porém, resignadamente curtia os seus desgostos, como uma verdadeira santa, tendo para o seu consolo os seus filhinhos, a quem ella dava esmerada educação.

Desde a occasião de seu desembarque que deixou em todos no Rio de Janeiro, a mais agradável impressão. Sobre isso eis o que narra Marrocos; — «A Serenissima D. Leopoldina, tem agradado a todos em extremo; mui discreta, desembaraçada e communicavel, fala, além de sua lingua patria, o francez, o inglez e o italiano; alguns conhecimentos de bellas-artes e não menos da Botanica, além daquellas prendas que já são proprias de uma senhora, em que dizem ser eminente; mui fertil na conservação, e mui aguda em resposta; mestra na ordem de agradar e fazer-se estimavel; e para ser mais notavel, até tem medo de trovoadas».

«Apenas passara um mez, Neven escrevia a Metternich que D. Leopoldina estava contente da sua sorte;

ces e provocaram a corpulencia commum ás brasileiras, que já deixaram atrás a primeira juventude. Accrescia o vestuario infenso aos olhos europeus: longas botas inteiriças de dragão, com pesadas chilenas de prata, largas bombachas brancas; por cima de uma breve tunica de sêda, uma amazona aberta de panno pardo, lenço branco ao pescoço, amarrado á gola da camisa, chapéo de palha desabado, azul claro.»

Não raro, apparecia ainda nas grandes paradas e manobras, cavalgando ao lado do marido, vestida de panno azul, bordado nas costuras, de dragonas e o schako agalado, á cabeça, passando revista ás tropas.

mais seria para desejar que pudesse ganhar desde logo um pouco mais de influencia sobre o espirito do esposo. Era o primeiro signal de quão difficil, senão impossivel, seria, consumir-se esse milagre. Ella porém toda entregue ás delicias da lua de mel, nada queria a não ser prolongal-as; era ainda cedo para mais querer. Poucos dias depois, a 24 de Dezembro, da morada de S. Christovão escrevia a sua tia e confidente: «Meu coração experimenta muito doce satisfação em já poder falar-vos da minha felicidade. Chegando aqui após dois mezes de viagem, tendo-me reunido ao esposo a quem adoro por suas excellentes qualidades, afastada dos rumores mundanos, gozo a venturosa tranquillidade cujos encantos sempre apreciei e ardentemente desejei». (*Tobias Monteiro — Ob. cit.*).

«Reconhecida em Vienna, princeza real do Brasil, era o seu sequito em nossa côrte o mais modestissimo possivel, pois se compunha apenas de dois nobres da côrte, de uma dama de companhia, um medico, um bibliothecario (Roque Schuch), um capellão, um director espirital (o abade René Boirete, e um artista pintor de flores (*Buckberger*).

Os primeiros annos passados no Brasil, foram para D. Leopoldina felizes, a ponto de consolar-se depressa da separação de sua familia e da patria, onde fora sempre muito venturosa. Eram para ella bastante felizes os momentos em que tinha o esposo a seu lado, esposo esse que, nos primeiros annos, se lhe mostrara bastante carinhoso.

Possuidora de todas as mais bellas qualidades phisicas e moraes, foi, durante toda a sua vida, um modelo de virtudes. Nunca poderia pensar que ao ter noticia que vinha para o Brasil, como esposa do Principe Herdeiro da Casa de Bragança, que todas as suas illusões aos poucos iam ser transformadas em tristes desillusões.

«Diz um illustre historiador: «A vida interior da côrte brasileira, confinada no palacio de S. Christovão e dividida em pequenas ródas de maldizentes, muito desagradou, porém, aos allemães; um anno após não restava junto á princeza real senão o pintor de flores que, já valetudinario, de pouco sobreviveu á partida dos compatriotas».

«Vendo-se, assim, quasi isolada, a archiduqueza, por seu character meigo, sensível e generoso, difficilmente se affez ás maneiras bruscas e quasi selvagens (cumpre dizel-o do esposo). Não obstante isso a bondade paternal e as constantes attensões do rei (D. João VI) para com ella, compensavam no coração de D. Leopoldina, essa afflictiva falta de tacto europeu». (*Notas de Debret, que, testemunhara de visu ás scenas mais intimas do Paço*).

«Os seus admiradores lamentam que essa longa série de desgosto alterasse nella as graças do sexo. Quasi sempre trajada de amazona, com um chapéo de feltro, mal se podia perceber-lhe a alvura da tez que, em cada uma das festas rivalisava tão poderosamente com o esplendor do seu traje imperial».

Eis ainda o que diz Fernando Denis em sua obra: — «Os que viram nessa época (Quando ella desembarcava, pondo o mesmo Denis — como testemunho disso o viajante Walsh, — não se lhe referem sem uma pungitiva saudade. Tinha o mais interessante aspecto; não era de estatura elevada, mas não se podia imaginar melhor proporcionada; olhos azues, traços regulares, bellas côres, cabellos de um louro dourado, produzindo-lhe notavel contraste com pessôas que a cercavam e cujos traços meridionaes lhe emprestavam um ar inteiramente diverso».

«Mas o que de mais notavel havia na joven princeza, era essa expressão de perfeita bondade e doçura que não a abandonou jamais, durante o curso limitadissimo da sua vida. Essas qualidades pessoas e excellencia de coração, que nella se distinguia captaram-lhe á primeira vista, a estima do marido e tornaram-na desde logo o alvo das mais vivas attensões».

Diz Debret, sobre a nossa então futura Imperatriz: «Os seus admiradores lamentam que essa longa série de desgostos alterasse nella as graças do seu sexo. Quasi sempre trajada de amazona, com um chapéo de feltro, mal se podia perceber-lhe a alvura da tez que, em cada uma das festas rivalisava tão poderosamente com o esplendor do seu traje imperial».

Era D. Leopoldina tão reconhecidamente culta e instruida, quanto bondosa e simples» — diz o Dr. Max Fleuiss em seu cit. trabalho.

Foi aos poucos que ella percebeu que seu marido era o terrivel córtejador de toda a casta e mulheres. (1).

«Para um homem do temperamento e da educação de D. Pedro I, não era a esposa que se requeria; dahi as infelicidades de sua vida conjugal. Com a maior serenidade e grandeza d'alma, soffreu do marido as maiores affrontas». — *Diz Taunay em suas notas:*

Foram seus soffrimentos uma das causas que fizeram o povo brasileiro amal-a ao extremo.

«Vamos repetir o que disse o illustrado patriota Dr. Max Fleuiss em seu *cit. art.*: «Quanto a cultura intellectual, sabe-se que D. Pedro muito lucrou com a sua alliança, pois apurou á Imperatriz o gosto pelas sciencias naturaes e ensinou-lhe o allemão, assim como o reverendo Guilherme Paulo Tilbury, Capelão da Guarda Imperial da Policia, lhe havia ensinado o inglez; e o guarda-roupa Marco Antonio de Montauray, e frei Arabida, o latim.

«Dotada de intelligencia facil, aprendeu logo D. Leopoldina o nosso idioma que não tinha segredos para ella, pois falava-o e escrevia-o tão perfeitamente como o francez, o inglez, ou a sua propria lingua natal. Fazia bons versos em allemão, pintava aquarellas e era excellente pianista. Montava perfeitamente como um homem, e, nos primeiros annos de casada, divertia-se acompanhando o marido ás caçadas nas mattas da Tijuca e Paineiras; atirava com uma precisão admiravel. Das sciencias, tinha particular predilecção pela mineralogia e astronomia descriptiva.

«Em uma longa viagem de circumnavegação de 1821, passando pelo Rio de Janeiro, refere-nos o via-

(1) Entre as conquistas amorosas celebres de D. Pedro, citam-se: as da francezinha Noemi, a da franceza Sasset, e por fim da celebre paulista D. Domitilia de Castro. Falou-se muito em ter D. Pedro ainda como Principe Real, tido suas aventuras amorosas com a esposa do General Avilez, assim como com a Baroneza de Sorocaba. (Quando D. Pedro seguia para S. Paulo em 1822, conta uma aventura amorosa com a filha dum fazendeiro, em Cacoal; esta ficou gravida, enviando aquelle por insinuação do «Chalaga» um official allemão, com um dote para desposal-a, sendo este um ebrio habitual). (Dum artigo no «Correio Paulistano» do Dr. A. Taunay).

jante francez Arago, tel-a visto em audiencia particular do Paço trajada simplesmente como uma gitana, mas revelando grandes dons de cultura.

«Falava o francez com tanta pureza — diz Arago — achava-se na sua bondade natural tanta benevolencia, a pratica de soffredora tinha-lhe tornado tão perfeitamente bôa, que eu não sabia como testemunhar o meu reconhecimento pela sua amenidade.

«Não me cansava de admirar o encanto desta infeliz princeza, tão cruelmente tratada pelo real esposo e tão cedo roubada ao affecto dos brasileiros».

Ella foi, em toda a accepção do termo uma soffredora... (1).

Para seu grande consolo, chegou a occasião em que percebeu que, dentro em breve, seria mãe. Que grande alegria foi a sua ao sentir que tinha em seu ventre o herdeiro de um throno...

A 2 de Setembro de 1819, D. Leopoldina deu a luz uma linda menina, que, na pia baptismal, recebeu o nome de Maria da Gloria. Esta princezinha era linda como os amores; desenvolveu-se bastante, e tornava-se cada dia mais bella; era loura como a Mãe, correndo em suas veias o sangue dos Habsburgos e dos Bragança; herdou dos primeiros a belleza e a bondade de coração e a grande intelligencia. (2).

(1) Raffard em suas *Pessoas e Coisas do Brasil* (publicadas na Revista do Inst. Hist. Geog. Brasileiro), diz della o seguinte: — «Religiosa sem superstição, humilde sem baixeza, amável sem perder jamais o sentimento da propria dignidade, era o manto de todos os que conheciam e a quem inspirava admiração, respeito e amor. Derramava beneficiós sem ostentação e era sua suprema ventura fazer o bem. Nisto se ia a maior parte da sua dotação».

«O monsenhor Pinto de Campos, chamou-lhe: «Adoravel princeza, da mais vasta instrucção, dos mais extraordinarios talentos, da mais severa virtude, do mais delicado trato, dos mais austeros principios, da mais generosa singeleza». (*Transcripta pelo Exmo. Dr. Max Fleuiss em seu cit. art.*).

(2) D. Maria da Gloria, a futura Rainha de Portugal, como tal, fez um governo bastante intelligente; foi preciso que seu Pae, já então D. Pedro IV, sustentasse uma longa guerra pelos seus direitos ao throno, então usurpados pelo Principe D. Miguel.

Era D. Leopoldina uma grande devota de Nossa Senhora da Gloria, razão por que deu aquelle nome a essa sua primeira filha».

Foi-lhe o nascimento dessa princeza uma grande alegria sendo, depois, successivamente, mãe de mais algumas filhas e filhos, entre os quaes D. Pedro de Alcantara 2.º Imperador do Brasil. (1).

Nos seus primeiros annos de estadia no Brasil, teve D. Leopoldina a opportunidade de tomar parte n'algumas recepções em homenagem a pessôas illustres que estiveram de passagem no Rio de Janeiro, entre essas homenagens, as que foram prestadas ao Duque de Luxemburgo, pela importancia que teve, ficou celebre. No baile que se lhe offereceu, naturalmente, ella captivou a todos com a sua graça, e suas maneiras de princeza de alta linhagem e distincção.

— Mais ou menos por essa occasião realisou-se, no Rio de Janeiro, um dos mais sumptuosos bailes que houve no Brasil naquelles tempos; — offereceu-o o General Avilez Zuzarte, e o mesmo, referem as chronicas, ter sido uma maravilha, tendo com elle sido gasta, para que fosse levado a effeito, a quantia de 53:000\$000 fôrtes, o que para aquelles tempos era uma ávultada quantia.

Decorreu esse baile maravilhosamente; recebia cada dama ao entrar no palacete, uma medalha de prata, sendo distribuidas em numero de 323, além de uma de ouro, que foi dada á princeza D. Leopoldina. A festa começou ás 21 horas; o general Avilez e a condessa Belmonte formaram o primeiro par que dançou.

(1) Eis os filhos que teve D. Leopoldina: — D. Maria da Gloria, mais tarde D. Maria II, Rainha de Portugal; nascida no Rio de Janeiro em 1819; D. João Carlos Borromeu, principe da Beira, o herdeiro presumptivo da Corôa, nascido em 1821, fallecido com 11 mezes, D. Januaria, depois Condessa d'Aquilla, nascida em 1822; D. Paula Marianna, nascida em 1823; D. Francisca, princeza de Joinville, nascida em 1824; e D. Pedro, o ultimo e saudoso Imperador do Brasil, nascido a 2 de Dezembro de 1825. Finalmente a 2 de Dezembro de 1826, teve um aborto do sexo masculino.

— Como em notas anteriores já foi dito, a vinda de D. Leopoldina ao Brasil foi de grande vantagem para a nossa patria; pois em consequencia' a isso, veio até nós a celebre missão scientifica austro-allema, que tão assignalados serviços prestou ao Brasil. Graças a sua influencia, foram introduzidos no Rio de Janeiro, alguns costumes á européa; como já dissemos, devemos á iniciativa de D. Leopoldina, a creação de um pequeno muséo de historia natural etc.

Entre as creações mais beneficicas, que se lhe devem conta-se a celebre RODA DOS EXPOSTOS DA MISERICORDIA, isto é, a celebre instituição dos engeitados, que prestou tão assignalados serviços á caridade publica.

IV

A partida de D. João VI para Portugal

O “Fico” — *D. Leopoldina trabalha com afinco para que seu marido fique no Brasil e faça de nossa patria uma nação independente — Viagem de D. Pedro a Minas Geraes e a S. Paulo—O 7 de Setembro em S. Paulo— A aclamação e a coroação de D. Pedro como Imperador do Brasil — D. Leopoldina Imperatriz do Brasil.*

Para D. Leopoldina, foi triste noticia o ter conhecimento de que seu sogro ia partir definitivamente para Portugal; por elle nutria grande amizade, pois era justamente da familia real, quem revelava mais estima pela esposa do principe herdeiro.

— D. João VI, mostrava-se desejoso de permanecer no Brasil, mas a sua fraqueza de animo teve de ceder ante ás insistencias dos seus conselheiros; a volta da Corte para Lisbôa foi resolvida, e, em um decreto publicado a 7 de Março deu-se ao povo conhecimento dessa resolução. D. Pedro ficaria no Brasil, como Regente, até que se normalisasse a situação politica interna do Reino.

Esse decreto enthusiasinou o partido portuguez, mas descontentou aos brasileiros, embora D. João procurasse conciliar os espiritos com duas medidas: a entrega

do governo ao filho, já muito querido do povo; e a immediata eleição que se ordenou, de representantes brasileiros ás côrtes de Lisbôa.

— Os nacionalistas radicaes pretendiam ainda impedir a partida da côrte e procuravam agitar o espirito publico.

No dia 20 de Abril (1821), reuniram-se os eleitores parochiaes no Edificio da Bolsa, na Praça do Commercio, afim de escolherem os eleitores da provincia.

Tornou-se logo, porém, tumultuosa a reunião, que excedendo ás suas attribuições, começou a decretar medidas que escapavam á sua alçada ou competencia.

Reclamavam, como medida de cautela, que se jurasse provisoriamente a Constituição Hespanhola de 1812; ordenaram ás fortalezas que impedissem á sahida da esquadra portugueza que deveria conduzir o rei, etc.

D. João apavorado com essa attitude da Assembléa, promulgou immediatamente a Constituição Hespanhola como lei provisoria e explicou que os cofres publicos não estavam a bordo, como affirmavam.

O partido portuguez exasperou-se extraordinariamente, e conseguiu levantar as tropas auxiliares contra os excessos que o governo de D. João não tratava de impedir.

Pela madrugada de 21, apresentou-se em frente ao edificio onde estavam reunidos os eleitores, o marechal Caula, seguido dum Regimento de infantaria portugueza, cujos soldados invadiram traiçoeiramente, ás 3 horas da madrugada, o edificio, dispersando a Assembléa a tiros e a ponta de bayonetas, morrendo 3 eleitores e sahindo 20 feridos.

D. João VI, entregue inteiramente ao partido portuguez, publicou um decreto no dia seguinte (22) annullando aquelle pelo qual havia adoptado Constituição hespanhola.

No dia 23, publicou um manifesto aos brasileiros, recommendando-lhes fidelidade a D. Pedro; logo depois um outro, que se despedia com saudades e gratidão do Brasil.

No dia 24, com sequito numeroso, embarcava a familia real, transportando-se para a náó D. JOÃO VI, do commando do capitão de mar e guerra Joaquim da Cunha.

No dia 26, por volta das 7 horas da manhã, seguia para Lisboa a esquadra portugueza, conduzindo o rei D. João VI, depois de 13 annos de permanencia no Brasil.

— Na hora de embarcar disse o rei a D. Pedro em grande estado de commoção: «Pedro... o Brasil brevemente se separará de Portugal, se assim fôr, põe a corôa sobre tua cabeça, antes que algum aventureiro lance mão della».

— D. João VI, portanto já previa a breve emancipação do Brasil.

— D. Carlota Joaquina, a pessima esposa de D. João, a quem innumerados desgostos deu, ao embarcar no Rio de Janeiro, nã galiota que a devia transportar á náó D. JOÃO VI, descalçou-se e atirando os sapatos ao mar, declarou assim proceder, por não querer levar nem «a poeira desta terra de negros».

— Ao desembarcar em Lisboa, segundo dizem, ajoelhou-se e beijou o chão «saudosa da Patria» que quando invadida em 1807, por um punhado de soldados quasi desarmados e já maltrapilhos das gloriosas phalanges napoleonicas, cobardemente abandonára juntamente com seu marido.

— «Julgava-se feliz em ter sahido do Brasil que ella sempre odiou». (*Dr. Mario da Vaiga Cabral — Historia do Brasil*):

— No Brasil, as idéias de independencia cada vez mais tomavam vulto.

A 9 de Dezembro chegava ao Rio de Janeiro, o brigue de guerra INFANTE S. SEBASTIÃO, trazendo os dois famosos decretos, datados de 20 de Setembro; um delles suprimia os mais importantes tribunaes do Rio de Janeiro; e o outro ordenava a D. Pedro que regressasse a Portugal «afim de viajar e completar a educação, pois a sua permanencia no Rio de Janeiro, além de desnecessaria, era indecorosa á sua alta garchia».

Quando, no dia seguinte, 10 de Dezembro, teve a cidade conhecimento desses decretos pelo «Diario do Governô», começaram os brasileiros, a agir e, reunidos na casa n.º 64 da rua da Ajuda, residencia do advogado José Joaquim da Rocha, resolveram induzir a D. Pedro

— que estava em preparativos para partir — a desobedecer ás Côrtes, permanecendo no Brasil.

Entre esses brasileiros, figuravam Joaquim Gonçalves Ledo, que em 15 de Novembro de 1821, iniciara a publicação de um jornal «O Reverbero Constitucional Fluminense» agitando a momentosa questão. Muitos outros patriotas se lhe reuniram como o conego Januario da Cunha Barbosa, frei Francisco de Sampaio; José Clemente Pereira e outros mais que pediram a D. Pedro para não obedecer ás ordens vindas de Lisboa.

Em 1 de Janeiro de 1822, recebia o Principe Regente ás 8 horas da noite, um officio da junta provisoria do governo de S. Paulo, datado [de 24 de Dezembro findo, pedindo para que elle ficasse no Brasil.

Oito dias depois, isto é, a 9 de Janeiro de 1822, uma representação redigida no Convento de Santo Antonio, por Frei Francisco Sampaio e assignada por 8.000 pessoas era lida no Paço da cidade por José Clemente Pereira, que leu ao Principe um discurso energico e patriotico o qual terminava com as seguintes palavras: «O navio que reconduzir o Principe Real, apparecerá no Tejo com o pavilhão da independencia do Brasil».

Resolveu então D. Pedro desobedecer á Côrte, e, muito commovido, deu a resposta que se tornou legendaria: — «Como é para bem de todos e felicidade geral da nação diga ao povo que fico».

— Transmittidas essas palavras ao povo que se aglomerava em frente ao palacio (onde está hoje a Repartição Geral dos Telegraphos), por intermedio de José Clemente Pereira, prorompeu aquelle em estrepitosos applausos ao Principe que, de uma das sacadas, fallou-lhe: «Agora só tenho a recommendar-vos união e tranquillidade».

— Fôrra como vimos, a 21 de Abril, assignado o decreto pelo qual conferia a D. Pedro o titulo de Principe Regente, sendo o mesmo acompanhado de instrucções, nas quaes se determinava que, em caso de seu fallecimento passaria a regencia do throno á princeza real sua esposa, que governaria com um conselho de regencia, presidido pelo mais antigo secretario d'Estado e composto dos outros ministros e do presidente da Mesa do Desembargo do Paço e do regedor das Justças.

— «Da sua influencia (de D. Leopoldina) na Historia Nacional, ha memoraveis traços deixados, entre outras

fontes, em sua interessante correspondencia com o agente commercial Jorge Schäffer publicada na Revista do Instituto Historico, por iniciativa do Exmo. Sr. Dr. Max Fleuiss. (*Revista do Instituto Historico. Tomo 75, II pgs. 109 a 127 sob o titulo «Correspondencia da primeira imperatriz.»*)

«A 28 de Abril de 1821, em uma dessas cartas a archiduqueza, sempre desvelada no amôr materno, commendava áquelle agente commercial «uma boa ama de leite (allema), saudavel e geitosa» para seu filhinho que «nasceria no mar e dessa fórma não seria nem brasileiro nem portuguez».

«Assim escrevendo achava-se ella na incerteza ainda, quanto aos destinos da familia real de Bragança, e do seu proprio, pelo que pedia afflictiva ao seu patricio, como encarregado dos negocios nas cidades de Hansa, Baixa Saxonia e Francfort, que, debaixo do maior sigilo, de modo que nem viva alma pudesse sequer suspeitar, tivesse a bondade de fretar-lhe «uma embarcação que zarpe brevemente para Portugal, visto como meu esposo deve seguir dentro de tres dias, e eu devo ficar aqui por tempo indeterminado; motivos que não estou autorizada a divulgar não me permitem ir; e sou obrigada a procurar a minha salvação na fuga legitimada pelo consentimento de meu esposo.

«Desejaria encontrar na nova embarcação que deve ser segura e veleira, commodos para uma familia allema, composta de 6 pessoas».

— O que, no entanto, se póde provar é que, logo após a nomeação de D. Pedro para regente do Brasil, D. Leopoldina começou a trabalhar com afinco para que seu marido ficasse no Brasil, e logo depois, para que o nosso paiz se tornasse uma nação independente, fazendo para isso seu marido tomar decidida e francamente o partido dos brasileiros; nesse sentido, se lê uma segunda carta que foi recebida a 8 de Janeiro de 1822.

— Eis essa missiva: — «Fiquei admiradissima quando vi de repente, apparecer meu esposo, hontem á noite.

«Elle está mais bem disposto para os brasileiros do que eu esperava, mas é necessario que algumas pessoas influam mais, pois não está tão positivamente decidido como eu desejava.

«Dizem que as tropas portuguezas o obrigarão a partir.

«Tudo então estaria perdido e torna-se necessario impedi-lo.

«Pernambuco deseja voltar á obediencia, mas não quer nada saber das Côrtes; não deverá, porém, external-o sob pena do Imperador não acquiescer».

Nas vespersas do FICO, recebia Schäffer a seguinte carta de D. Leopoldina:

— «Receiam-se muitos disturbios para o dia de amanhã.

«Terá v. ouvido alguma cousa? O principe está decidido, mas não tanto quanto eu desejaria.

«Os ministros vão ser substituidos por filhos do paiz, que sejam capazes.

«O governo será administrado de modo analogo aos Estados Unidos da America do Norte.

«Muito me tem custado a alcançar tudo isto e só desejaria insuflar uma decisão mais firme.

E *no post-scriptum* á esta carta, ainda se lê: — «Na pressa em que eu estava, esqueceu-me de dizer-lhe deixem meu esposo organizar o governo como elle bem que julgo preferivel que os brasileiros conciosos entende.

«No caso contrario, esta particularidade insignificante, talvez impedisse que elle aqui ficasse.

«Devem sobretudo prometter assumir toda a responsabilidade perante as côrtes.

Pouco depois respirava mais tranquilidade em outra carta: — «Graças a Deus, estão tomando agora medidas mais rigorosas contra a amaldiçoada canalha».

De outras cartas datadas de S. Christovão, de 2 de Junho de 1824 e de 15 de Março e de 16 de Maio de 1825 transparece nitidamente o grande interesse tomado por D. Leopoldina, á sua insistencia com D. Pedro para ficar no Brasil, decidindo-o a declarar-lhe a independencia, a reclamar da sua terra natal soldados, «todos solteiros e moços» e cavallos de guerra, com que o seu intrepido e ardente esposo defendesse o Brasil, a nossa liberdade e autonomia nacional; soldados que relevantes serviços vieram, aliás, prestar á defeza e colonização do sul do paiz.

Nessa ultima carta, relembra, de facto D. Leopoldina a Schäffer: — «Mande-me V. bem depressa os livros e muitos soldados, pois acredito que se tornam cada vez mais necessarios».

No *post-scriptum*, sempre amante das bellas excursões (diz o Dr. Max Fleuiss) cynegmatica dos cães de caça, recommendava por fim: «Mande-me dois cães saxonios e um que saiba bem mergulhar». (1).

Por essas cartas transcriptas pelo Dr. Max Fleuiss, vê-se como estava grandemente interessada D. Leopoldina para que o Brasil ficasse independente.

O dia 9 de Janeiro de 1922, podia, portanto, ser considerado como a verdadeira data da nossa emancipação politica, pois desobedecendo ás ordens de Portugal, tomava D. Pedro, francamente, o partido dos brasileiros, e assumia a responsabilidade de um rompimento para sempre com as côrtes portuguezas.

— Como é sabido, em vista da recusa do Principe embarcar para Portugal, as tropas portuguezas que formavam a «Divisão Auxiliadora» se insubordinaram no Rio de Janeiro, assumindo o commando das mesmas o general Jorge Avilez Zuzarte Souza França (Tavares), e, sendo obrigadas a embarcar depois quasi um mez após a essa insubordinação, partiram para Portugal em 5 galeras, sendo que uma dellas apezar de comboiadas por uma esquadilha, conseguiu rumar para a Bahia, onde desembarcaram uns 300 soldados portuguezes,

(1) Nas cartas que no fim desta monographia publico, as quaes foram pelo Exmo. Sr. Dr. Affonso Taunay, publicadas a 22 de Abril de 1924 n' O JORNAL, sendo as mesmas dirigidas ao estadista José Bonifacio, diz aquelle eminente patriota e Director do Museo Paulista, que a Princeza D. Leopoldina prestou os mais relevantes serviços á causa da independencia brasileira. — Diz mais o Dr. Taunay: «em todas (as cartas) que se referem aos acontecimentos do dia, se nota quanto é firme o desejo da archiduqueza em cooperar na independencia do Brasil e quanto fundamentalmente aborrece o partido portuguez e recolonizador», —

Diz o Conselheiro Antonio de Menezes Vasconcellos Drummond: «Fui testemunha ocular — e posso asseverar aos contemporaneos, que a Princeza D. Leopoldina cooperou vivamente dentro e fóra do paiz para a independencia do paiz».

que foram recebidos com grande regosijo, pelos seus patricios, ali, residentes.

— Contra as forças de Avillez, se reuniram forças brasileiras, inclusivé o legendario 1.º Regimento de Cavallaria, tudo sob o commando do marechal Joaquim Xavier Curado, tendo antes sido commandadas pelo general Joaquim de Oliveira Alvares. — Na noite de 9 de Janeiro, indo D. Pedro ao Theatro, extranhou lá não se achar o general Avilez. Refere um illustre historiador patricio, — «que Zuzarte, apparecera momentaneamente naquelle theatro e declarára álgumas pessôas gradas, que faria o Principe embarcar para Lisbôa, nem que fosse pelas orelhas».

— Em consequencia dos successos motivados com a insubordinação da «Divisão Auxiliadora» sob o commando do general Avilez, perdeu D. Leopoldina o seu segundo filho, D. João Carlos Borromeu, Principe da Beira, o herdeiro presumptivo da corôa, nascido em 1821, falecido com 11 mezes, em consequencia aos factos acima, e da retirada que, para a Real Fazenda de Santa Cruz, distante 12 legôas, teve que fazer D. Leopoldina com seus filhinhos, tendo sido D. João Carlos, victima da precipitada viagem e da inclemencia do clima estival a que não pode resistir em sua tenra idade. (1).

— Ha quem assevere que D. Pedro e D. Leopoldina desertaram da capital no dia 10 de Fevereiro de 1822, em consequencia aos factos da insubordinação das tropas portuguezas; — isto é inexacto.

«Todos os depoimentos e papeis são positivos n'este ponto, o augusto casal assistiu ao espectaculo na noite de 11, e ao romper d'alva é que a Princeza seguiu com os seus filhos. D. Pedro, si pensou um momento em acompanhal-a, depressa se arrependeu desse assomo de cautella que lhe não era habitual». (*O movimento da Independencia — 1821-1822 — Dr. Oliveira Lima*).

(1) Sobre a morte do Principe D. João Carlos, diz Alberto Rangel — «ter sido a causa de um ataque epileptico. — Segundo Mareschal, foi em consequencia da jornada penosa do Rio de Janeiro á Santa Cruz, vindo este Principe a falecer a 14 de Fevereiro. — Alberto Rangel diz «que o ataque epileptico o matou em 24 horas».

«Era realmente preciso que a situação fosse cheia de incertezas para que D. Pedro, que pelo menos nunca foi homem propenso a fugir ao perigo, e também D. Leopoldina, que por sua vez sempre se mostrou tão animosa quanto interessada no destino soberano do paiz, aonde a conduzira sua sôrte, pensasse na retirada.

«O sr. Rangel, paladino da Marquessa de Santos, acha que foi até a carencia de familiaridade da archiduezza, a qual era entretanto uma sentimental, o que mais concorreu para trazer D. Pedro por tanto tempo enfeitado pelos encantos da sua Domitilia». *Pag. 165*
— *d'O movimento da Independencia — 1821 a 1822*
— *Dr. Oliveira Lima.*

— Ainda sobre os factos de 1822, lemos n'uma obra do *Dr. Mello Moraes*, o trecho com referencia a D. Leopoldina:

«O major graduado Antonio Duarte Pimenta, foi encarregado de convidar o 1.º Regimento de Cavallaria; consultados diversos officiaes do Regimento, esses resolveram qual a attitude. Entre as medidas que tomaram com a mais meditada circumspecção, a principal foi de prevenir qualquer acontecimento triste que podesse sobrevir, afim de precaver a Serenissima Princeza Real, que pelo seu estado de gravidez, merecia o maior e mais justo cuidado. (1).

— No dia 22 de Janeiro (1822) D. Leopoldina fez annos; «D. Pedro recusou a admissão á presença de sua esposa á commissão de officiaes portuguezes que viéra ao beija-mão e não impediu que as forças póstas em observação na Praia Grande dessem as salvas regulamentares». (*Oliveira Lima — O movimento da independencia — 1821-1822*). (2).

(1) No «Historico do 1.º Regimento de Cavallaria» lê-se o seguinte: «O Regimento no instante da lucta, lembra-se que ha uma senhora que, pela sua posição e estado de saude precisa de cuidados. E trata de revestir os seus planos de maior sigilo para que a Princeza fique a salvo de qualquer comoção subita».

(2) *Carta de D. Pedro a D. João VI, relatando a morte de seu filho:*

«Rio de Janeiro, 14 de Fevereiro de 1822.
Meu Pai e meu Senhor.



A fazenda de Santa Cruz. Com os escravos da Corôa, D. João VI, primeiro rei do Brasil, tinha constituído uma orquestra e corpo coral para as missas da capella do Curato.

Transcrevo mais alguma cousa do brilhante trabalho do Dr. Máx Fleuiss. — «Ainda a seu respeito, se externava o então ministro da Prussia no Rio de Janeiro, menos de um mez depois de sua morte, em relatorio, 4 de Janeiro de 1827, que me foi dado compulsar devido ás pesquisas pessoalmente feitas em Junho de 1913 pelo 'Conselheiro Von Kœrner, director-general do Ministerio dos Negocios Estrangeiros e plenipotenciario no Conselho Federal em Berlim, por solicitação directa do saudoso Dr. Itiberê da Cunha, então nosso ministro na 'Allemanha e a pedido do eminente Sr. Conde Affonso Celso, presidente do Instituto Historico.

— «Comprazem-se todos em dar á defunta imperatriz o titulo de Anjo tutelar deste nascente Imperio. Todos esses testemunhos de interesse geral, ella não deveu, porém, de fórma alguma á sua nenhuma influencia aos negocios publicos, pois a natural modestia não lhe consentia intervir nelles, nem mesmo dar largas ao seu grande espirito de beneficencia, sendo, como era, mal sufficiente a sua dotação para attender a esse irreprimivel pendor do seu coração, mas era antes ás

«Com a penna dou a V. M. a mais triste noticia do succedido que tem dilacerado o meu coração.

«O Principe D. João Carlos, meu filho muito amado, já «não existe. Uma violenta constipação cortou o fio dos seus dias.

«Este infortunio é o fructo da insubordinação e dos crimes «da divisão auxiliadora.

«O principe já estava incomodado quando esta soldadesca «rebelde tomou armas contra os cidadãos; a prudencia exigiu que «eu fizesse partir immediatamente a princeza e as creanças para «a Fazenda de Santa Cruz, afim de pôr ao abrigo dos successos «funestos de que esta capital podia vir a ser theatro.

«Esta viagem violenta, sem as commodidades necessarias, «o tempo que era mui humido depois de grande calôr do dia, «tudo, enfim, se reuniu para alterar a saúde do meu caro filho «e seguiu-lhe a morte.

«A Divisão Auxiliadora, pois, foi a que assassinou o meu «filho, o nêto de V. M. 'Em consequencia é contra ella que «levanto a minha voz. 'Ella é responsavel na presença de Deus e «ante V. M. deste successo que tanto me tem afflictio e que «igualmente affligirá o coração de V. M.».

proprias virtudes domesticas, á pureza e doçura de seus modos, á belleza d'alma e á cultura de espirito que ella devia esse involuntario tributo prestado á sua admiração.

«Confirmando a exiguidade da dotação da Imperatriz, a que se refere o ministro da Prussia; vê-se pela carta de D. Leopoldina, ao já referido Schäffer, datada de 4 de Agosto de 1822, que, nas vespas da Independencia do Brasil, a sua Princeza Regente luctava e com sérias aventuras monetarias e aturava as grosserias de certo agióta, o qual, havendo-lhe feito um emprestimo, a prazo de 6 mezes, vencidos naquella data, reclamava insolentemente o seu vil dinheiro, sob ameaça de escandalo.

E D. Leopoldina, afflictá, escrevia então a Schäffer: — «Estou sensivelmente embaraçada. Leia a carta inclusa, (a do credor que vae junto por cópia); e o homem diz que quer fazer bulha; por amor de Deus, veja se pôde satisfazer-lhe». (1).

«Quando regente, a carta de 1 de Agosto de 1822, por ella dirigida a D. Pedro por intermedio do correio Paulo Bregaro, juntamente com as de José Bonifacio e Martim Francisco, instando com o principe para que proclamasse incontinenti a Independencia, decidiram de chofre dos nossos destinos politicos.

«De tão singela missiva conjugal, constava segundo o testemunho de Saldanha da Gama (Luiz Saldanha da Gama Mello e Torres Guédes de Brito, depois Marquez de Taubaté, em 12 de Outubro de 1826), secretario de D. Pedro confirmado pelo brigadeiro José Maria Pinto Peixoto (*Duas palavras, sôbre D. Pedro I — Rev. Ins. Hist. tomo LVI, parte 2.^a, pag. 11*), a seguinte incisiva phrase, que é um perfeito symbolo historico, allusivo á nossa Independencia: «O pomo está maduro, corte-o e já, senão apodrece».

«Se, porém, nenhum outro titulo de benemerencia lhe assistisse como creadora da gratidão nacional, bastar-lhe-ia, como já dissemos, para o indelevel reconheci-

(1) Em carta de 16 de Março de 1825, implorava ainda Schaffer: — «Mende-me 140 mil gulden para me vêr livre de todos esses pequenos assaltos, o que não será pequena dita...

nimento de todos os brasileiros, a gloria de ter sido mãe de D. Pedro II, o Magnanimo, o que della herdou a extraordinaria doçura d'alma». (*Dr. Max Fleuiss — Art. cit.*).

Pouco depois, como os animos estivessem, em Minas, bastante exaltados, resolveu o Principe D. Pedro, fazer uma viagem áquella Provincia. E assim partiu acompanhado de uma pequena comitiva, levando como seu secretario, o desembargador Estevam Ribeiro Rezende.

Voltando ao Rio de Janeiro, aonde chegou a 5 de Abril, foi festivamente recebido, sendo-lhe, pelo povo, feitas imponentes manifestações e grandes demonstrações de alegria, pedindo-lhe o mesmo que accitasse o titulo de «Defensor Perpetuo do Brasil» o que se deu a 13 de Maio.

A 30 de Abril publicou Joaquim Gonçalves Ledo, no «Reverbero Constitucional», um violento e patriótico artigo, concitando D. Pedro a proclamar a independencia do Brasil.

— A 3 de Julho convocou D. Pedro uma Assembléa Geral Constituinte e Legislativa, composta de deputados das provincias do Brasil.

«Desde o dia seguinte ao do FICO; que tinha D. Pedro seu ministerio já constituido, o qual foi chamado o «primeiro» e compunha-se de José Bonifacio, como 1.º ministro e Martim Francisco Ribeiro de Andrada, na pasta da fazenda e outros titulares.

Viagem para S. Paulo — Os paulistas de outr'ora, sempre deram as mais sublimes provas do seu elevado gráu de patriotismo e amor á independencia. A elles preocupava seriamente o problema de tornar o Brasil livre de Portugal.

Foi daqui (de S. Paulo), que partiu o maior numero de assignaturas na representação ao Principe, pedindo-lhe que ficasse no Brasil.

O partido contrario á independencia, era o menor, mas apesar disso, os animos continuaram a exaltar-se.

Chegou até, a haver a celebre bernarda do Padre Ignacio. — Foi quando resolveu D. Pedro fazer uma viagem áquella provincia, o que era necessario, pois era um meio de lisongear os paulistas, que estavam tão interessados na permanencia de D. Pedro de Alcantara no Brasil e, como já ha muito tempo que, em S. Pau-

lo se desejava a visita de S. M. o Rei D. João VI e da Família Real á Provincia, a antiga aspiração dos paulistas seria realisada com essa visita do Principe a S. Paulo.

«O ESPELHO» (1) noticiando esse acontecimento dizia: — «que esse prazer (a visita do Principe) foi algum tanto minguada, por não vir S. A. Real acompanhado como se esperava, de sua augusta consorte, a Serenissima Sra. Maria Leopoldina Josepha Carolina, Princeza do Reino Unido, Archiduqueza d'Austria, a adorada Mãe dos brasileiros e principalmente dos paulistas de «quem honra chamando-os seus paulistas».

A 12 de Agosto de 1822, D. Pedro partiu do Rio de Janeiro rumo a S. Paulo. Preferiu a viagem por terra, que nesse tempo se fazia a cavallo.

— D. Leopoldina despediu-se affectuosamente de seu marido, mal sabendo ella que essa viagem ia marcar uma nova phase na vida amorosa de D. Pedro, e para o Brasil uma nova era, pois, em S. Paulo, é que ia se ouvir o celebre brado retumbante que nos separou de Portugal.

Em companhia de D. Pedro, seguiu, como Ministro d'Estado, incumbido de assistir e especialmente do

(1) O «Espelho» appareceu em 1821 como hebdomanario, depois passou a ser bi-hebdomanario, dirigido por Manoel Ferreira de Araujo Quimarães, antigo redactor da revista «O Patriota» e da «Gazeta Official». — Depois em Dezembro do mesmo anno appareceu a «Malagueta», de Luiz Augusto May, que durou até 1829. — Em 1822, entrou a publicar-se o «Correio do Rio de Janeiro», do portuguez José Soares Lisboa, jornal de escandalo e invectivas pessoases, que motivou o celebre decreto de 18 de Junho do mesmo anno, contra excessos da imprensa. — Foi Soares Lisboa condemnado a 10 annos de prisão, logo após a proclamação do Imperio» por uma culpa séria e provada; foi indultado por D. Pedro, com a condição de deixar o Brasil. Desembarcou porém em Pernambuco onde fundou o «Desengano Brasileiro» e tomou parte na Confederação do Equador, morrendo em Novembro de 1824, no Combate do «Couro da Anta». (Esta nota sobre a imprensa no Brasil foi extrahida do trabalho: «Os publicistas da Independencia». Conferencia no Instituto Historico, 1917 — Basilio de Magalhães.)

despacho e expedição das respectivas ordens, D. Luiz Saldanha, que, mais tarde, obteve o título de Marquez de Taubaté.

— Por decreto assignado no dia anterior, tinha D. Pedro autorizado D. Leopoldina a tomar em sua ausencia as medidas necessarias e urgentes que deviam ser expedidas, ao Conselho de Ministro, cuja presidencia foi confiada á mesma Serenissima D. Leopoldina.

Apezar da boa vontade dos que compunham a sua guarda, só puderam acompanhar naquelle dia, promptos para marchar, além do Commandante, Sr. Coronel Marcondes; o sargento-mór Domingos Marcondes de Andrade, Miguel Moreira, Adriano Gomes Vieira de Almeida, Manoel Godoy Moreira, Manoel Ribeiro do Amaral, Antonio Marcondes Homem de Mello, Benedicto Corrêa Salgado e João Monteiro do Amaral. Deixou de apresentar-se, com motivo justificado, o sargento-mór Jorge Romeiro de Oliveira.

A comitiva do Principe, compunha-se do seu inseparavel amigo Francisco Gomes da Silva, mais conhecido por CHALAÇA (1), Major Francisco de Castro Cantô e Mello e dos creados do Paço, João Carlota e João Carvalho.

— No lugar denominado «Venda Grande», apresentaram-se para acompanhar o Principe até S. Paulo, o tenente-coronel Joaquim Aranha Barreto de Camargo, que, por decreto datado de Mogy das Cruzes, foi nomeado governador da Praça de Santos e Padre Belchior Pinheiro de Oliveira, que para este fim chegava de Minas.

(1) Esse individuo era um antigo mão official de ourives, depois fôra barbeiro; á noite andava pelos botequins ou tascas a cantar modinhas ou chalaças, o que fazia mui espirituosamente. D. Pedro em sua vida bohemia e de Principe estroina encontrou-se uma noite com aquelle num botequim a cantar modinhas, inspirando immensa sympathia ao Principe, que o convidou para ir em sua companhia, abandonando Gomes da Silva sua profissão de barbeiro. Dahi por diante passou a ser uma especie de Secretario Particular de D. Pedro, o que realmente depois foi de facto.

A 19 de Novembro de 1822, foi Gomes da Silva, mandado entregar ouro para a factura da corôa e do sceptro. Em

— O primeiro pouso foi na «Fazenda Real de Santa Cruz». Ahi se apresentou o ex-presidente de S. Paulo; João Carlos Augusto Oyenhausen, que, em cumprimento ás ordens de D. Pedro, seguiu para a Côrte.

Durou a viagem 11 dias, encontrando D. Pedro por toda a parte, a mais franca manifestação de sympathia e alegria, sendo-lhe prestada toda a sôrte de auxilios para a viagem.

— O segundo pouso foi em «S. João Marcos»; o terceiro na fazenda das «Tres Barras»; o quarto foi em «Arêas»; o quinto em «Lorena». Já então pisava o Príncipe terras paulistas. — Nessa ultima localidade, assignou o decreto que dissolvia o governo provisório; no sexto, passou em «Guaratinguetá», encontrou uma commissão da Camâra Municipal de «Taubaté», que tinha vindo cumprimental-o.

No setimo dia, pernôitou em «Pindamonhangaba», que foi o setimo pouso; ahi era esperado pelo coronel Antonio Pereira da Gama Lobo, membro do governo provisório e pelo coronel Manoel Marcondes de Oliveira e Mello, commandante do terceiro esquadrão da Guarda de Honra. — Em Pindamonhangaba, então pequena villa, passou D. Pedro parte do dia 21 e quasi todo o dia 22, pois só á tardinha desse dia é que seguiu para Taubaté, que fica a 22 legoas de distancia.

Dezembro de 1823 era Secretario de Negocios do Imperio; a 4 de Abril de 1825, official maior graduado da mesma Secretaria dos Negocios do Imperio com exercicio no Gabinete Imperial; a 6 de Abril de 1827, um decreto mandava que elle a seu pedido recebesse emolumentos em todas as Secretarias de Estado, como se fosse official effectivo dellas! — Em seguida teve os seguintes cargos: — Intendente Geral das Cavallariças, Secretario do Gabinete Imperial, Conselheiro d'Estado, Commandante da Imperial Guarda de Honra, concessionario de exploração de ouro, official da ordem do cruzeiro, commendador da Ordem de Christo e de S. Leopoldo; ministro plenipotenciario, cargo de que dispensou e factotun da Imperatriz D. Amelia viuva etc». (*Das Memorias de Vasconcellos Drumond, Annaes da Bibliotheca Nacional. Vol. XIII, 51. 2.a*) (*Extrahido este pequeno resumo da magnifica obra de Paulo Setubal — «A marquezia de Santos*).

O Principe, esteve hospedado no grande e bello predio, onde, hoje, funciona a Escola de Pharmacia.

De Taubaté tinham vindo collocar-se sob o commando do coronel Marcondes, mais alguns guardas, todos moços de familias das mais distinctas. Ahi em Taubaté, foi o Principe recebido com grande enthusiasmo por toda a população. Elle foi hospedado pelo conego Antonio Moreira da Costa, capelão da Guarda de Honra.

— No dia seguinte, retirou-se o Principe, com sua comitiva já augmentada. Veio fazer o seu nono pouso em «Jacarehy», então risonha villa.

— No dia 23, pousou o Principe em «Mogy das Cruzes», onde foi recebido, em delirio, pelos habitantes da villa. Ahi não recebeu os emissarios do governo e da Camara da Capital, porque representavam um governo já dissolvido; nessa villa foi assignado o decreto de 23 de Agosto, em que concedia a demissão pedida pelo governador das armas da provincia, o Marechal Arouche, sendo substituido pelo marechal Candido Xavier de Almeida e Sousa.

— Finalmente o 11.º pouso foi na PENHA, naquelle tempo uma humilde povoação, e que fica legôa e meia da capital de S. Paulo, — que já estava á vista. Grande numero de pessoas, no mesmo dia, correram até lá, afim de cumprimentar o Principe, que passou ali mesmo, a noite, expedindo dahi ordens para a recepção que lhe devia ser feita pela Camara Municipal, e tomar outras medidas administrativas de character urgente. E era natural que, entrando na cidade, onde por muito tempo andou tanta gente a contestar-lhe a autoridade, quizesse apresentar-se rodeado de todo o aparato o que só no dia seguinte poderia conseguir.

— Estava isto no temperamento de D. Pedro». (*Dum brilhante artigo publicado no «O Estado de S. Paulo» pelo Dr. João Romeiro*).

— Depois de ouvir a missa na Igreja da Penha, montou D. Pedro a cavallo, acompanhado de Luiz de Saldanha da Gama, filho do Conde da Ponte, veador da Serenissima Sra. D. Leopoldina, e que serve de ministro de Estado interino a S. A. Real; do Padre Belchior Pinto de Oliveira, deputado ás Côrtes, pela Provincia de Minas Geraes; dos Criados, da sua guarda de honra

em grande uniforme, os membros do governo e todo o numerosissimo acompanhamento.

Estava bella aquella manhã de 25 de Agosto... a cidade toda engalanou-se para receber o principe, a população em peso foi receber D. Pedro na Estrada da Penha.

— «Apenas S. A. Real foi avistado em distancia de quasi meia legoa, amiudadas girandolas vieram annunciando á cidade sua proxima chegada; principiou a salvar um parque de artilharia, collocado em bateria na frente da Igreja do Convento do Carmo; os sinos da cidade, em festivos repiques, annunciavam ao povo a ventura de que iam gozar. Ao passar S. A. Real o rio Tamandatehy na Ponte Franca, para entrar na cidade, o secretario do expediente deu os primeiros vivas que foram correspondidos pela immensa massa popular que ali se apinhava.

«A tropa miliciana, commandada pelo coronel do 3.º Regimento de Infantaria, tambem miliciano, José Joaquim Cezar de Siqueira Lima, fazia ala desde a dita ponte, até á Sé, e dahi até o Collegio dos extinctos jesuitas, que serve de palacio do governo, onde S. A. Real está hospedado.

«Este real senhor, em cujo semblante respeitavel transluzia a bondade de seu coração, e não a severidade de Carlos V em Gante, apeou-se no cimo da calçada do Carmo, onde fazia as portas da cidade um majestoso arco, armado de differentes estofos, ornado de galões e festões de flôres que denotavam a alegria dos paulistas; em cima do dito arco estava collocada a figura de Paulicéa em attitude de jubilo, com os versos seguintes:

«Acolhe affectos, que nas almas crias,
«Honra-me a condição, meu fado emenda,
«E olhos serenos, como são teus dias,
«Firma em ingenua respeitosa offrenda».

Aos lados do mesmo arco estavam personalizados a Verdade e a Justiça; em cima dos pedestaes dous genios com as seguintes inscrições:

«Corre a deusa de cem boccas
«Pelo azul, filtrando mar;

«Noutra esphera, noutro clima,
«Novos nomes vae cantar.

«Nossos prados reverdejam;
«Já Céres doura a campina
«A' vista do par agosto;
«Pedro excelso e Leopoldina».

Neste arco se achava a camara da cidade com seu estandarte e presidida pelo juiz de fóra, pela lei, o Capitão Bento José Leite Penteado e mais vereadores que serviam antes do dia 23 de Maio proximo pasado: conforme a ordem que da Penha tinha mandado S. A. Real.

«O Exmo. Bispo Diocesano, D. Matheus de Abreu Pereira, respeitavel por suas virtudes e pela sua longa idade de 80 annos, vestido de seu pontifical com o cabido e clero, deu agua benta a S. A. Real, e cantada diante de um altar portatil as antiphonas e orações determinadas no ritual para semelhantes occasiões, acompanhou em solemne procissão até a Sé a S. A. Real, que ia em rico palio, em cujas varas pegavam a Camara e outros cidadãos para esse fim convidados.

«As ruas por onde S. A. Real passou, estavam bordadas de immenso povo, e as janellas ricamente ornadas de sedas, estavam cheias de senhoras, que davam mil vivas ao nosso heróe e o cobriam de mimosas flôres.

«Ao entrar na Praça da Sé, passou S. A. R. por baixo de outro arco, que fingia ser de pedra e alludia á gloria do mesmo agosto Senhor; sobre o centro da cimalha estava collocada a figura de Minerva, — que escudava as armas do Reino Unido; aos lados da mesma, sobre correspondentes pilastras, as figuras da Lei, da Liberdade, da Felicidade e da Paz; viam-se aos lados do arco dous obeliscos, que ornados de trophéos palmas e louros, tocavam os nomes de S. A. Real o Serenissimo Senhor Principe Regente D. Pedro de Alcantara e de sua Augusta esposa a Serenissima Snra. Archiduqueza D. Maria Leopoldina, os quaes se viam gravados na sobredita cimalha. De um lado do arco estavam as seguintes inscrições:

(Seguem-se algumas estrophes de versos). (*Descripção d'«O Espelho»*).

— Chegando á Sé, assentado S. A. Real em sitial de damasco carmezim, com muitas palmas, festões e flôres, que se lhe tinham preparado ao lado do Bispo, e posto este na parte da epistola, cantou-se um solenne *Te-Deum* em acção de graças, acompanhado da melhor musica do paiz, regida pelo habil professor della, o Tenente-Coronel de milicias André da Silva Gomes, mestre da Capella da Sé, professor regio de grammatica latina e membro do mesmo governo, o Chefe de esquadra da marinha de Santos — Miguel José de Oliveira Pinto, que servia de Presidente interino, e esperavam a S. A. Real, na entrada da cidade. Acabado este solenne acto religioso seguiu S. A. R. ao Palacio, entre os mesmos vivas e applausos de seus subditos, não já debaixo do palio, mas precedido da camara, acompanhado de sua guarda de honra e numerosissimo acompanhamento. Ao entrar nesta praça passou por entre duas columnas, sobre cada uma das quaes se via a figura da Fama, annunciando a entrada de S. A. Real, e defronte do palacio havia uma galeria de ordem jonia, com dois coretos de musica instrumental; nelle estavam ao lado direito a figura da America, e ao esquerdo a da Europa; no Centro, debaixo das armas do reino, estavam os seguintes versos de Virgilio: (Seguiam-se os ditos versos), dos quaes tambem seguia-se na noticia publicada no «O Espelho», eis a traducção: «Principe, ó Principe, que seculo feliz, que Paes ditosos te houveram? E quando os ricos forem-se ao mar, enquanto em gyro a sombra vier do monte ao valle, enquanto o céo alimentar os astros, durarão os louvores á tua honra e ao teu nome».

«Aos lados viam-se repetidas varias das proprias e patrioticas expressões de S. A. Real a beneficio do Reino Unido, e em particular do Brasil: «Contaes com o vosso defensor perpetuo». — «Brasileiros, firmeza constancia, intrepidez na grande obra começada». — «Eu pela minha nação estou prompto até a sacrificar a propria vida, que a par da salvação da Patria não é nada». — «Viva D. João VI» — «Viva a assembléa geral Brasileiros!» — «Viva a união luso-brasileira!» — «Em desempenho da minha honra e amor ao Brasil darei a minha vida pelo Brasil». — «Advoguem a causa do Brasil ainda que contra mim seja».

O palacio estava adornado da melhor tapeçaria que

se poude descobrir na cidade, e mobiliado com riqueza, tendo concorrido os seus moradores a pedido do governo e por diligencia do Tenente-Coronel Antonio Maria Quartin, almoxarife da Fazenda Nacional, para a mais pomposa homenagem a S. A. Real e sua familia.

«Na grande sala de audiencia, debaixo de docel, estava o retrato de S. M. e a par della deu S. A. Real solenne beija-mão, que principiou pela camara, bispo e clero, e se seguiu pelo governo e mais pessôas sem precedencia, como S. A. declarára. Este solennissimo acto finalisou por tres descargas de artilharia e os vivas do estylo.

«A' noite se illuminaram a galeria que fronteava o palacio, os arcos e todas as casas da cidade, com melhor elegancia possivel, e por tres dias houve immenso fogo de artificio na frente da dita galeria. S. A. Real tem comparecido á Opera, onde sempre que entra é recebido pelos espectadores com applausos como os merecem sua real pessôa e altas qualidades». (*Extrahido d'«O Espelho», no qual se acha a descripção detalhada da viagem do Principe D. Pedro de Alcantara a S. Paulo, assim como os factos que se seguiram até o regresso do mesmo ao Rio de Janeiro*).

Para D. Pedro e sua comitiva foram preparados aposentos no soberbo palacio do brigadeiro Jordão, na rua Direita, tendo sido encarregado da sua hospedagem, a pedido do ministro, o referido brigadeiro e o Coronel Antonio Prado, mais tarde Barão de Iguape.

Foi visto pelo Principe, que os factos que ameaçavam perturbar a provincia estavam terminados, nada mais havendo a receiar. Havia da parte do pequeno partido portuguez, aspiração dum desembarque de tropas portuguezas na Praça de Santos; estava porém pelo Principe realisado o seu principal fim desta viagem, — que era firmar sua autoridade na Provincia e punir os sediciosos da ultima bernarda.

— D. Pedro resolveu, em vista de estar tão perto, conhecer a tradicional cidade de Santos, como tambem, na mesma visitaria a familia do seu grande amigo, o estadista José Bonifacio de Andrade e Silva.

No dia 5 partiu pela madrugada a cavallo, acompanhado do ministro itineirante D. Luiz Saldanha da Gama, do CHALAÇA, do major Francisco de Castro Canto e Mello, Padre Belchior Pinheiro, coronel Joa-

quim Aranha Barreto de Camargo, brigadeiro Jordão, dos criados particulares João Carlota e João Carvalho, e pela sua guarda de honra. Seguiu o Príncipe e a comitiva pela estrada de «Cubatão», chegando á cidade de Braz Cubas, onde demorou-se todo o dia 6 de onde partiu rumo a S. Paulo ao alvorecer de 7.

Nessa ocasião a guarda já estava postada em frente, ao palacete em que se tinha hospedado S. A. Real, aguardando suas ordens. (1).

«Montava D. Pedro uma egua possante gateada. Em toda a viagem mostrou-se S. A. satisfeito e expressivo.

«Trazia a seu lado o Padre Belchior, com quem mantinha conversação.

«Já havíamos subido á serra, quando D. Pedro queixou-se de ligeiras colicas intestinaes, precisando por isso aprear-se para empregar os meios naturaes de aliviar os soffrimentos.

«Observou-se então que melhor seria a guarda seguir adiante e esperal-o na estrada de S. Paulo, se antes não fossemos por elle alcançados.

«Chegando a Ypiranga, sem que ninguem apparecesse, fiz parar a guarda junto a uma casinha que fica á beira da estrada, á margem daquelle riacho.

«Para prevenir qualquer surpresa, mandei o guarda Miguel de Godoy, que era um dos mais moços, collocar-se de atalaia em lugar de onde pudesse descobrir a approximação do Príncipe, para nos avisar com tempo de nos pormos em forma e escoltal-o á entrada da cidade.

«Tomamos essa providencia apeamos e nos puzemos a descansar, conforme era natural.

«Pouco tempo porém se tinha decorrido, quando vimos chegar dirigindo-se para o nosso lado dois viajantes, que logo reconhecemos serem pessoas de consideração. Eram Paulo Bregaro, Official da Secretaria do Supremo Tribunal Militar e o Major Antonio Ramos Cordeiro, que a mandado de José Bonifacio, vinham

(1) Esta descripção sobre a Viagem de D. Pedro, de Santos para S. Paulo, é a que o coronel Gama Lobo fez; tendo este mesmo feito parte do acompanhamento do Príncipe nessa viagem.

do Rio de Janeiro apressadamente, procurando D. Pedro, para lhe fazerem entrega de papeis de muita circumstancia; que o governo lhe enviava.

«Não podia este encontro deixar de impressionar a todos, curiosos de sabermos do que se tratava. Apesar, porém, dos repetidos e importunos pedidos de informações dirigidos aos emissarios; na occasião nada mais conseguimos saber, senão que no Rio, havia chegado um navio trazendo despachos da Côrte de Lisbôa, dos quaes entendeu o ministerio dar conta immediata a D. Pedro.

«Os dois emissarios tinham ido ao encontro de D. Pedro.

«Poucos minutos poderiam ter passado depois da retirada dos dois viajantes e eis que comprehendemos que o guarda que estava de vigia vinha apressadamente em nossa direcção ao posto em que nos achavamos, comprehendendi o que aquillo queria dizer, e immediatamente mandei formar a guarda para receber D. Pedro, que devia entrar na cidade entre duas alas, mas, tão apressado vinha o Principe, que chegando, alguns soldados não tiveram tempo de alcançar as sellas. (1).

(1) Diz Antonio Egas em seu bellissimo trabalho «O Grito do Ypiranga»: — «Eram 4 e meia da tarde, quando o principe surgiu no alto da collina do Ypiranga, no lugar em que está o Museo, encontrando o major Cordeiro e o official Brejeiro, estes apeiam-se, e beijam-lhe as mãos e o major Cordeiro entrega-lhe a correspondencia.

«S. A. montava um cavallo, e trajava pequeno uniforme: — farda azul, botas de verniz justas e altas, chapéo armado com o tope azul e branco. Acompanhavam-no Francisco Gomes da Silva, Joaquim Maria da Gama Freitas Berquó, João Carlota, João Carvalho, isso naquelle momento. — D. Pedro lê a correspondencia: — «A Princeza (Leopoldina) e o seu ministerio communicavam-lhe que as côrtes portuguezas ordenavam que S. A. regressasse para Lisbôa, afim de visitar incognito as differentes côrtes e que o Brasil voltasse ao regimen de colonial. D. Pedro ao ler isso, fica afflito, o seu peito arfa num movimento apressadamente... depois mostra as cartas ao seu Ajudante de ordens, major Francisco de Castro e diz a meia vóz: — «Tantos sacrificios feitos por mim, e pelo Brasil inteiro! E não cessam de cavar a nossa ruina!... — E arranca da espada e

Deviam ser quatro e meia da tarde mais ou menos. Vinha o Príncipe apressadamente. Vendo-o voltar-se para o nosso lado, saímos ao seu encontro, deante da guarda que descreveu um semi-circulo, estacou o seu animal e de espada desembainhada bradou:

— «Amigos! Estão para sempre quebrados os laços que nos ligavam ao governo portuguez!

— «E viva o Brasil livre e independente! Ao que desembainhando as nossas espadas, respondemos: «Viva o Brasil livre e independente! Viva D. Pedro seu defensor perpetuo!».

— E bradou ainda o Príncipe: «Será a nossa divisa de ora em diante: INDEPENDENCIA OU MORTE!». Por nossa vez e com mais entusiasmo repetimos: INDEPENDENCIA OU MORTE!

grita. Independencia ou morte!... S. A. esporeia o animal, e a grande galope avança para o logar, em que se achava sua guarda, que era commandada pelo coronel Antonio Leite Pereira da Gama Lobo. A sentinella Miguel Godoy Moreira e Costa brada ás armas, a guarda forma precipitadamente, faz as continencias e ninguem pôde dissimular a estranheza que causa a attitude do Príncipe e da sua guarda; — todos de espada desembainhada e annunciando, nas feições alteradas e nos olhares de um brilho offuscante, a gravidade do que se estava passando. O príncipe exclama: — «Camaradas! as côrtes querem escravisar o Brasil; cumpre portanto, declarar já a sua independencia... estamos definitivamente separados de Portugal.

«E estendendo a espada repete com todo a força dos seus pulmões robustos: — «Independencia ou morte! — Este grande e glorioso grito é repetido e jurado, á luz vibrante das espadas da guarda de honra, e a sagrada collina do Ypiranga o recolhe para transmittil-o, nas azas de sua veloz viração, aos mais reconditos pontos do immenso territorio nacional. Depois ordena S. A. Real: «Laços fóra (e arranca do chapéo o tópe portuguez, que arroja ao chão. — Todos os presentes tambem arrancam, alguns cortam em pedaços, os laços lusitanos que tinham no braço. — «Dora avante traremos outro laço de fita verde e amarello que serão as côres nacionaes» — e mais uma vez o formidavel grito da independencia reboou por aquella colina abençoada.

— Mettendo em seguida a espada na bainha, no que foi acompanhada por toda a guarda, voltou D. Pedro á estrada que vai para S. Paulo.

O Príncipe partiu a galope para S. Paulo, a sua guarda de honra seguiu á distancia. Eram cerca das 5 horas da tarde, quando os sinos da Igreja da Boa Morte, depois os do Carmo, Santa Thereza e da Sé annunciaram a chegada de D. Pedro.

Quando se esperava alguma Pessoa importante vinda das bandas de Santos, era na torre da Boa Morte que ficavam de vigia afim de dar por meio do sino, o aviso da chegada.

Era D. Pedro esperado no dia 8, portanto os vigias quando deram com o Príncipe que vinha a todo o galope, mal deu tempo a do Carmo e em seguida a de Santa Thereza e da Sé, annunciarem.

Era esse dia um Sabbado. D. Pedro deixando a estrada do Ypiranga, entrou no Largo do Cambucy, seguiu pela rua do Lava-Pés e subiu á rua da Gloria, chegou ao Largo do Pelourinho (hoje 7 de Setembro), entrou no largo de São Gonçalo (hoje Praça João Mendes), desceu a rua S. Gonçalo (hoje Marechal Deodoro), passou pela rua de Santa Thereza, tomou a do Carmo e chegando ao Largo do Collegio (hoje do Palacio) recolheu-se ao Palacio dos Governadores (Actual Palacio do Governo).

Durante esse tracto transeuntes que cruzavam com o Príncipe ignoravam o que ha pouco se passara no alto do Ypiranga. O Major Francisco de Castro, é que deixando o Príncipe no Palacio, veio até á casa que actualmente tem o n.º 9, na rua do Carmo, e ahi encontrou-se com o capitão Antonio da Silva Prado, que ahi morava, este estando em companhia do Padre Ildelfonso Xavier Ferreira, narrou o que se passára. O Capitão Prado dirigiu-se immediatamente ao Palacio, onde pôz-se ao serviço da Independencia, indo dahi aquelle Padre communicar a feliz nova aos seus correligionarios. Já a noticia estava espalhada por todos os cantos da cidade. A guarda de honra entrou a galope na cidade, sendo do largo S. Gonçalo acompanhada pela multidão que ovacionava ao Príncipe; aquella seguiu pela rua S. Gonçalo, chegou ao largo da Sé, fazendo alto no Largo do Collegio, de onde recolheu-se a quartéis. A cidade á noite illuminou-se, as ruas e lar-

gos estavam repletas duma immensa multidão, que em delirio patriotico acclamava a D. Pedro e a D. Leopoldina, assim como «Ao Brasil independente».

Na rua da Bôa Vista e na ladeira do Acú (de S. João) deram-se infelizmente ligeiros conflictos, pois alguns exaltados esbordoaram alguns subditos portuguezes inimigos da independencia.

D. Pedro deu ordem que se preparasse um espectáculo de gala, compoz o hymno da independencia, que foi partiturado e ensaiado pela orchestra do Tenente-Coronel André Gomes da Silva, mestre da Capella da Sé hymno que foi cantado na Opera pelo proprio Principe e por senhoras distinctas da sociedade paulista, entre as quaes D. Maria Alvin, sob a regencia do maestro referido — André.

D. Pedro fez em papel um molde da legenda «Independencia ou Morte», que foi executado pelo ourives Lessa, á Rua Bôa Vista, apresentando-se á noite ao Theatro já com esse distinctivo da legenda.

As demais pessoas que compareceram ao espectáculo de gala, inclusive senhoras e senhoritas, traziam o laço verde-amarello.

— Esse espectáculo de gala ia ser offerecido no que o povo chamava OPERA e o qual ficava no local em que hoje está a Secretaria da Fazenda, no Largo do Palacio, naquella época chamado do «Collegio», em frente ao actual Palacio do Governo, naquelle tempo «Casa dos Governadores».

Esse resto de dia, foi de agitação febril, pois basta julgar que tendo entrado D. Pedro na capital, cerca das 6 horas da tarde, já ás 9, estava o theatro repleto, para a recepção ao Principe. O ourives Lessa trabalhou febrilmente até aquella hora; o mesmo as modistas daquelle tempo, taes como a Anna Perpetua, a Domingas Xavier e a Ritinha Cassia, no preparo das toilettes das damas que iam ao espectáculo de gala. Referem as chronicas, que o mesmo succedeu a um padeiro inglez de nome Eduardo, que tinha seu estabelecimento á rua de S. Bento, isto para attender aos inumeros pedidos de fornecimento para o espectáculo.

A' noite o povo em massa estacionava na grande area, que comprehende hoje os largos da Sé, do Palacio, até ao que é hoje a Praça João Mendes e ruas adjacentes.

Era uma multidão heterogenea, na qual se viam não só os morádores da cidade, como também os muitos forasteiros, ou os que nella estavam de passagem.

Em frente á OPERA estava formada uma companhia de infantaria em grande uniforme, afim de prestar as continencias na chegada e na sahida do Principe no theatro. Estava a OPERA abarrotada de gente, vendo-se ali entre os presentes, o Bispo D. Matheus, o ouvidor Dr. Pacheco e Silva, o Commandante das Armas, Marechal Candido Xavier, o Dr. Pimenta Bueno, assim como as mais distinctas familias paulistanas. O saguão da OPERA, (1) as galerias, os camarotes, a pla-

(1) A OPERA, assim chamada pretenciosamente, estava situada no Largo do Collegio, no local onde está hoje o Thezouro Estadual, dava frente para o actual jardim do Palacio e fundos para a rua da Fundição. — De construcção singela, o pequeno theatro tinha tres portas ao réz do chão e tres janellas no primeiro andar. — No saguão viam-se 2 escadas: uma de accesso ao camarim governamental, outra que conduzia aos camarotes, que eram 28, divididos em tres ordens. — A lotação do theatro era, normalmente, para 350 pessoas. — A platéa mobiliada com bancos, e para os camarotes as familias mandavam cadeiras, que eram retiradas no mesmo dia ou no seguinte. — Só havia mobilia permanente no camarote governamental e no de n.º 11, da primeira ordem; era neste onde se reuniam os patriotas exaltados do partido brasileiro. — Era o chamado «Club dos entusiasmados pela independencia». As familias mais commodistas, preferiam os camarotes da 3.ª ordem, porque podiam ceiar tranquillamente as empadinhas e os cuscús que lhes preparavam as atrahentes mucamas e peritas cosinheiras. — A illuminação da OPERA era de velas de cêra e de candieiros mais ou menos aceiados com azeite doce e mechas de algodão trançado. Em noite de espectáculo de gala os empregarios (o advogado Antonio Manoel de Jesus e Andrade, Major Francisco Jorge de Paula Ribeiro e Joaquim Freire), faziam a companhia Zachelli representar os «D. José II» ou o «Convidado de Pedra». — Os actores (comicos, pessoas humildes, pois a profissão era quasi ignominiosa, alguns delles analphabetos, encontravam séria difficuldade em estudar os seus papeis). (*Extrahido do patriotico trabalho já citado do sr. Egas*).

— Do mesmo trabalho extrahimos o seguinte: «Era S. Paulo naquelle tempo (1822) uma cidade de uns dez mil habi-

têa, enfim todo o theatro estava abarrotado de pessoas; as damas provincianas em suas ricas toilettes e cobertas de suas ricas joias, ainda mais ostentavam graça na OPERA.

Eram 9,30 da noite quando chegou o Príncipe; o capitão commandante da guarda de honra, prestou as continencias do estylo; o Príncipe trajava o uniforme de

tantes, inclusive os escravos. Era o seu centro principal formado pelas ruas do Carmo, largo do Collegio, rua do Rosario, rua de São Bento, Direita e o largo da Sé. Para o lado do largo de S. Gonçalo, a cidade terminava no largo do Pelourinho, existindo estreita passagem entre a casa do Padre Ildefonso (actual esquina da rua da Liberdade e a Praça João Mendes) e uma outra que desapareceu, unida á Egreja de N. S. dos Remedios, — é ali que se recebiam as altas autoridades, vindas de Santos e que se lhes entregava as chaves da cidade, a qual era de prata, com relevos dourados. Dahi era seguir quasi pelo deserto á rua da Gloria, Cambucy e Lava-Pés, encontrando-se uma outra chacara, esta e a da Gloria (rua José Bento, esquina da Climaco Barboza), propriedade de D. Matheus, 4.º bispo de S. Paulo, onde existia pequena capella sob a invocação de N. S. da Gloria, cuja imagem é a mesma que se acha no templo do Cambucy; a do Coronel Amador Rodrigues de Lacerda Jordão, 1.º Barão de Rio Claro, e... nada mais. Era nesta chacara que ainda pôde bem ser vista e examinada, com as suas estupendas paineiras ali a imprimirem o cunho secular e poetico das tradições historicas de S. Paulo, que pernoitavam quasi sempre, os personagens chegados de Santos, e que no dia seguinte faziam sua entrada em S. Paulo solennemente. — Em 1822 presidia a provincia o Padre Vicente Pires da Motta, dirigia a Academia o Padre Manoel Joaquim do Amaral Gurgel e era Bispo o Padre Sebastião Pinto dos Reis.

Para o lado do Braz, o mesmo quasi deserto; e para os que vinham do Rio para S. Paulo, subiam a ladeira do Carmo, bem fronteira a qual ficava o Palacio Episcopal, que era na casa que agora tem o n.º 20, da rua do Carmo. Pôde-se dizer que a cidade terminava nos largos de S. Bento, ladeira do Acú, largo de S. Gonçalo e do Carmo. A rua principal era a DIREITA, onde se encontrava nos quatro cantos «o melhor predio da cidade, de propriedade do brigadeiro Manoel Rodrigues Jordão». *(Tudo isto extrahido do citado trabalho do sr. Egas).*

grande gala — o que dava certa imponencia á sua bella figura de joven.

No Theatro todos estavam anciosos esperando a chegada do Principe D. Pedro que mal appareceu foi delirantemente aclamado. Fóra do Theatro immensa multidão tambem aclamava o Principe.

D. Pedro entrou acompanhado do seu ajudante de ordens, major Francisco de Castro Canto e Mello, seu secretario particular, Francisco Gomes da Silva, o ministro intineirante D. Luiz Saldanha da Gama, o coronel Lobo, o brigadeiro Manoel Rodrigues Jordão e o capitão Antonio da Silva Prado, indo todos para o camarim destinado ao governo.

Foi representado o «Convitado de Pedra». No camarote n.º 11, estava um grupo formado dos patriotas mais exaltados, tendo á frente o padre Ildefonso, sendo os outros, o padre Manoel Joaquim do Amaral Gurgel, Antonio Mariano de Azevedo Marques, José Ignacio Alves Alvim, padre José Antonio dos Reis, padre Vicente Pires da Motta, Dr. Antonio Pimenta Bueno e outros brasileiros. O padre Ildefonso, fixando bem o principe, levantou-se e, com toda a força de seus pulmões, bradou tres vezes: «Viva o primeiro rei do Brasil», no que foi calorosamente correspondido.

— «D. Pedro fez a independencia, o padre Ildefonso proclamou-o o 1.º rei do Brasil». (*Eugenio Egas — Obra citada*).

— Passou D. Pedro os dias 8 e 9 em S. Paulo, de onde, depois de decretar algumas medidas, regressou para o Rio de Janeiro. Na vespera, se espalhou uma proclamação em que o principe se despedia dos paulistas. Dava-lhes conta de sua missão em S. Paulo, dizendo-lhes que ali fôra: «consolidar a fraternal união e tranquillidade que vacillavam. Fazia-lhes sentir o amor que consagrava ao Brasil em geral, e particularmente á sua heroica provincia, por ser aquella que primeiro denunciara perante elle e o mundo inteiro o machiavellismo desorganizador das côrtes de Lisbôa.

E explicava: «Quando estava junto de vós, chegam noticias de que na Europa se machinára contra o Brasil, entendendo-se arrancar-lhe do seio o seu defensor perpetuo».

Depois de muitas outras palavras em que manifestava sua gratidão e reconhecimento pelo generoso

acolhimento que lhe proporcionaram os paulistas, concluia por fim: «Agora paulistas, só resta que conserveis união entre vós, não só por ser esse o dever de todos os bons brasileiros, mas também porque a nossa patria está cansada de soffrer uma guerra, que tanto nos ha de ser feita pelas tropas que de Portugal, foram mandadas contra nós, como egualmente pelos seus servis particulares e vis emissarios que entre nós existem atraçoando-nos... Sabeis que quando trato da causa publica, não tenho amigos nem validos em occasião alguma. Ficae tranquillos. Acautelae-vos dos facciosos sectarios das côrtes de Lisbôa e contae em toda a occasião com o vosso defensor perpetuo». (*«O nosso mez jubilar», brilhante artigo d'«A Noite», de Rôchia Pombo*).

— Foi devido a muita insistencia dos paulistas, que D. Pedro retardára sua viagem de regresso para o Rio de Janeiro. Essa jornada de regresso foi de uma rapidez espantosa. Diz Varnhagen, «que alguém já comparou essa viagem de regresso de D. Pedro, a que foi feita por Carlos XII, da Suecia, por occasião da sua derrota por Pedro — o Grande da Russia, em Poltava. D. Pedro venceu as 96 legoas que separam S. Paulo do Rio de Janeiro em umas 50 horas... Para se ter uma ideia dessa corrida veloz, basta dizer que D. Pedro chegou á Quinta da Bôa Vista sósinho, sómente umas 7 ou 8 horas depois, é que chegaram da sua comitiva, alguns dos que de mais perto o acompanhavam.

«Ahi temos pois, D. Pedro, nesses ultimos dias a bater caminho como um excelerado, para estar aqui no dia 13 de Setembro e ser o primeiro a dar á população do Rio a noticia dos ultimos acontecimentos de S. Paulo. (*Rocha Pombo, artigo citado*).

Como dizem as chronicas do tempo, não é possivel, nem ao menos suggerir uma vaga idéa do que se passára aqui, desde aquelle dia 13 para 14.

Ninguem podia contar com aquelle subito successo. Por mais confiantes que todos estivessem na acção do principe e esperassem anciosos a sua volta assim mesmo foi geral o espanto na cidade quando se soube o que havia acontecido em São Paulo.

Quando D. Pedro chegou proximo da Quinta da Bôa Vista, as sentinellas do «Telegrapho» bradaram as ar-

mas, sôaram os clarins, foi como se um pé de vento surgisse e tudo agitasse.

Conta-se que D. Leopoldina louca de alegria, ao vêr seu marido de volta, abraçou-o, chorando convulsivamente, ao ter conhecimento que era o Brasil, com o «grito do Ypiranga» uma nação independente.

D. Pedro fez aquella louca corrida, avido de ser o primeiro a levar ao Rio de Janeiro a feliz noticia da independencia do Brasil.

— Naquelle mesma noite, o Paço se encheu do mundo official, não podendo o Principe descançar da penosa e longa viagem.

Tanto D. Pedro como D. Leopoldina, eram rodeados e recebiam os mais calorosos e entusiasticos cumprimentos pelo feito de 7 de Setembro. Foi nesse momento que D. Pedro pela primeira vez, foi chamado de **MAGESTADE**. (*Isso é narrado por Vasconcellos Drumond*).

Todos os presentes proromperam em aclamações ao amado Imperador do Brasil. D. Pedro e D. Leopoldina abraçaram, o então, joven patriota que chamara pela primeira vez de «magestade» ao novo monarcha, esse era Vasconcellos Drumond.

D. Leopoldina, diz Rocha Pombo, em seu citado artigo: «Antes de passar adiante, é preciso não perder o ensejo de notar como não fizemos ainda á memoria da excelsa Princeza, nenhuma demonstração da nossa justiça, nem mesmo talvez da sua piedade. D. Leopoldina foi com effeito, pela sinceridade com que espousou a nossa causa, uma das notas mais tocantes entre tudo que se registrou de bello e grande naquelle dia».

Essa Serenissima Senhora, que com tanta alegria recebeu seu esposo, não só pelo amor sincero que lhe devotava, como tambem por vêr emfim realizada a maior das aspirações dos brasileiros, para o que ella tanto concorrera — isto é, a independencia de nossa patria, — mal sabia que aquella viagem ser-lhe-ia fatal, pois, durante ella se iniciara a aventura amorosa de D. Pedro, com a celebre D. Domitilia de Castro.

Era D. Leopoldina muito amada pelos brasileiros, que já a chamavam de «mãe dos brasileiros...» como eram felizes taes subditos!... ter por futura Imperatriz, uma Princeza de tão nobre sangue, de tanta pureza d'alma e de sentimentos tão nobres...

O resto da noite, até ao amanhecer de 15, passou-se em festivo jubilo; não cessavam as manifestações patrióticas, todos confraternizavam, mesmo os grupos de facções que até então se hostilizavam.

A' noite de 15, o entusiasmo chegou ao auge quando D. Pedro e D. Leopoldina, se encaminharam para o Theatro S. João (hoje S. Pedro) encontrando desde S. Christovão até ao largo do Rocio, compacta multidão que não cessava de aclamar D. Pedro e D. Leopoldina. Homens, mulheres e creanças, traziam o distinctivo nacional, creado no dia 7, no Ypiranga.

«Ao entrarem os Principes, no Theatro, cercados pelos ministros e nobres da Côrte, foram cobertos de flores, vivas estrugiram por toda a praça fronteira, e se propagaram vastamente pelas circumvisinhanças, dando a impressão duma tempestade, que se perdia em longo o profundo susurro ao longe». (*Rocha Pombo, artigo citado*).

D. Pedro e sua Serenissima esposa D. Leopoldina ostentavam no braço, o lemma historico «Independencia ou Morte». A platéa, repleta e de pé, ouvindo o novo hymno da Independencia, musica de D. Pedro e letra de Evaristo da Veiga, estrugia em vivas unisonos ao primeiro Imperador do Brasil.

— O conselho de D. Leopoldina ainda veio a preponderar na escolha das gloriosas côres do pendão nacional.

Corre a versão de que, discutindo-se a respeito, em concilio, no Paço de S. Christovão, e havendo discrepancia de opiniões, D. Leopoldina, tirando das almofadas do leito conjugal um laço de fita verde e amarello, entregou-o a D. Pedro, ficando, desde então, definitivamente assentado que seriam essas, as côres do pavilhão da nova nação brasileira.

— No dia seguinte ao em que estiveram no Theatro, D. Pedro em companhia de D. Leopoldina, veio para o Paço da cidade; houve a cerimonia do beijamão; estava, nessa occasião, o Largo do Paço, apinhado duma formidavel multidão, que, em delirio, de instante a instante, aclamava a D. Pedro e D. Leopoldina.

Mal chegou de S. Paulo, D. Pedro em companhia de seus ministros, poz-se a trabalhar, na difficil tare-

fa da organização do paiz como nação independente, pois era preciso que, definitivamente, ficasse estabelecida a grande obra iniciada a 7 de Setembro; era para isso, entre as medidas a tomar, necessario que fossem definitivamente expulsos do seio brasileiro as agueridas e innumeradas tropas portuguezas. Foi justamente por essa occasião que o nosso povo deu uma bella prova de seu elevado gráo patriótico, com o exito da grande subscrição aberta, graças á iniciativa de Antonio Carlos, para que fossem comprados navios para a nossa marinha militar.

A Acclamação — Foi o dia 12 de Outubro, o designado para a «Acclamação» de D. Pedro, como Imperador do Brasil, dia esse bastante significativo, pois era o do anniversario natalicio do novo monarcha e tambem por ser o da Descoberta da America. — Foi essa escolha da iniciativa de José Clemente Pereira.

— D. Leopoldina sentia-se feliz e orgulhosa, vendo seu marido ser recebido em delirio pelo povo, o que era muito justo, pois D. Pedro era o libertador de um grande paiz, o Brasil, sua segunda Patria... já então livre e independente...

Com as manifestações ao seu marido, via, o quanto elle era querido de seus subditos.

Tinha já D. Pedro o seu ministerio organizado, isso desde 16 de Janeiro do anno da Independencia, estando á testa do mesmo, desde aquella data o eminente estadista paulista José Bonifacio.

Amanheceu o dia 12 de Outubro ameaçando formidaveis aguaceiros; mas, apesar disso, a cidade amanheceu debaixo de verdadeiro delirio patriótico; os navios e as fortalezas salvaram, as bandas de musica tocavam a alvorada, o povo amanheceu aclamando a D. Pedro, a D. Leopoldina, ao Brasil e a José Bonifacio.

As casas, os edificios publicos, as ruas e praças amanhecera embandeiradas e ornamentadas com flores e outros enfeites. — O immenso Campo de Sta. Anna, estava apinhado de uma enorme massa popular, que, em gritos vibrantes e patrióticos, continuavam a aclamar D. Pedro.

A's 10 horas, este ultimo partiu do Palacio da Quinta da Bôa Vista, acompanhado de um lusido cortejo. A' frente do mesmo ia uma guarda de honra composta de paulistas e fluminenses, com seus batedores, montados em cavallos, ricamente ajaezados, precedidos dos clarins, em seguida vinha o coche com D. Pedro, que dahi a instantes ia ser aclamado Imperador do Brasil. Em companhia delle, vinham D. Leopoldina e a linda princezinha D. Maria da Gloria, que apenas tinha 3 annos de idade. «O coche era puchado por 8 cavallos, com moços de estribeira de lado a lado, o cocheiro imperial, solememente dourado e chapéo symbolico». (*Paulo Setubal* — «*A Marqueza de Santos*»).

Atraz desse coche, vinham mais dez cavalleiros da Guarda de Honra, com seu commandante á frente. Vestiam luzido uniforme branco, canhões vermelhos, capacete de escamas, penacho cahido para a nuca.

Em um ótro coche, vinham os quatro ministros d'Estado: o Conselheiro José Bonifacio, Martim Francisco, Miranda Montenegro e Manuel Antonio Farinha. Fazia a retaguarda do cortejo, uma sége com dois camaristas a serviço do Principe. O cortejo atravessou 5 arcos de triumpho, entrou no Campo de Sant' Anna, debaixo de aclamações da immensa massa popular que se espalhava por todo o campo e suas immediações; as sacadas, janellas, sotãos, varandas, telhados, estavam repletos de pessôas que acenavam os lenços brancos, para o coche d'Estado, no qual vinham D. Pedro, D. Leopoldina e D. Maria da Gloria.

Quando o cortejo entrou no Campo, a immensa tropa prestou as continencias, salvando a artilharia. Fazia parte da mesma o legendario 1.º Regimento de Cavallaria do Exercito, o decano dos corpos do Exercito Brasileiro, creado a 13 de Maio de 1808 por D. João VI; — o «Batalhão dos Henriques», composto de homens de côr, destacamentos de marinheiros, além dos caçadores e de corpos milicianos.

A multidão, ao avistar o cortejo, prorompeu em delirantes aclamações a D. Pedro e a D. Leopoldina. Quando estes appareceram na varanda do Palacete, onde se ia dar o acto da Aclamação, foi que se tornaram as aclamações um verdadeiro delirio patriotico.

Apparecendo tambem a princezinha D. Maria da Gloria, nos braços do Capitão das Guardas, José Maria

Berquó, na varanda do Palacete, a multidão, ainda mais se encheu de delirio patriótico, aclamando a linda e loura filhinha de D. Leopoldina.

Os Imperadores estavam rodeados de seus 4 ministros, dos quaes tambem José Bonifacio, era de vez em quando aclamado entusiasticamente, o que de certo, causava certo despeito aos seus inimigos politicos, que não viam com bons olhos, essa glorificação ao Patriarcha da nossa independencia.

Em frente ao Edificio do Senado da Camara, surgiu José Clemente Pereira, que desenrolando um estandarte auriverde que consigo trazia, dirigiu a arenga da proclamação: «Senhor! O povo da Provincia do Rio de Janeiro, legitimamente representado pelo Senado da Camara, vem declarar neste faustoso dia, a S. M. Augusto Imperador Constitucional do Brasil».

D. Pedro, então, tomado de viva emoção, levantou-se, estendendo o braço direito exclama: «Acceito o titulo de Imperador Constitucional do Brasil, porque tal é a vontade geral de todas as Provincias!»

A artilharia salvou com 101 tiros — era a salva imperial — A immensa massa popular bateu palmas entusiasticamente aclamando aos Imperadores do Brasil. — As aclamações que, de vez em quando, dirigiam a José Bonifacio, eram merecidas, pois que da grandiosa obra que acabára de se consumir a 7 de Setembro, tinha sido elle um dos mais valorosos obreiros.

Havia, entre os mais eminentes homens que assistiam, a esse acto, alguns que naturalmente se sentiam melindrados ao ver como era delirantemente aclamado o verdadeiro Patriarcha da nossa Independencia; entre os mesmos estava o grande patriota Joaquim Gonçalves Ledo, a quem tambem muito se deve a nossa independencia.

Já cahia formidavel aguaceiro, quando o Imperador debaixo de rico palio de seda, cujos varaes eram seguros por 4 Procuradores, deixou o Palacete, seguindo a pé, patinhando na lama, rumo á Capella Imperial, onde ia se realisar solenne *Te Deum*. Foi seguido pelo Cortejo Imperial o seguinte itinerario: Campo de Sant' Anna, rua dos Ciganos, largo de S. Francisco de Paula, ruas do Ouvidor e Direita, até chegar áquelle Templo. Terminada a cerimonia religiosa, as fortalezas e os navios salvaram.

A' noite, a cidade illuminou-se feéricamente e encheu-se de alegria.

A Coroação — Realisou-se no dia 1.º de Dezembro do mesmo anno (1822).

Naquelle dia, D. Pedro partiu do Palacio da Quinta da Bôa Vista, com o ímesmo acompanhamento do dia da «Aclamação» e, seguindo o mesmo itinerrario, chegou por fim á Capella Imperial, onde se ia dar a cerimonia da Coroação.

O monarcha em trajes magestáticos, a corôa na cabeça, á mão o sceptro, sentou-se num trono e recebeu o juramento de fidelidade, em nome do povo, prestado pelo Presidente do Senado da Camara, Lucio Soares Teixeira de Gouveia.

A Imperatriz D. Leopoldina e a Princeza D. Maria da Gloria, ficaram numa tribuna ao lado. A' esquerda do altar, ficou o Sr. Bispo D. José Caetano da Silva Coutinho; á direita, estava o grande condestavel Marquez de S. João da Palma, ficando atrás deste o Capitão das Guardas, Marquez de Cantagallo; entre os que na nave do templo assistiram além destes já citados, estavam: o Camareiro-mór, Marquez de S. João Marcos; o Camarista de serviço, D. Francisco da Costa Souza Machado; o Reposteiro-Mór, D. Luiz Saldanha da Gama; o mestre de ceremonias, Marquez de Sto. Amaro, o ministro da Justiça, Marquez da Praia Grande; José Bonifacio; o primeiro esmoler-mór, Frei Severino de Sto. Antonio de Arrabida, depois Bispo de Anemuria; o Alferes-mór, Marquez de Itanhaen; todos os membros do Senado da Camara, os membros da Capella Imperial, todos os dignatarios da Côrte, os representantes das Provincias, etc.



Aclamação de D. Pedro I, Imperador do Brasil, no Campo de Sant'Anna. *(Quadro de Debret)*



A cerimonia da Coroação e Sagração do primeiro Imperador do Brasil. *(Quadro de Debret)*

V

A situação politica no Rio de Janeiro de 1822 a 1824—A maçonaria em scena—A demissão de José Bonifacio — O caso do boticario Pamplona—Graves acontecimentos em consequencia a esse caso—A noite d'Agonia — Degredo de José Bonifacio e outros brasileiros illustres—A Imperatriz D. Leopoldina.

Feita a independencia do Brasil, só mesmo á custa dos prodigiosos esforços empregados pelo 1.º ministro, José Bonifacio, foi que se conseguiu manter equilibrada a situação do paiz, pois elementos perturbadores procuravam lançal-o, na mais prejudicial anarchia.

Infelizmente, chegou um momentò em que o proprio D. Pedro I, devido a certos actos seus, concorria para que a situação se tornasse bastante melindrosa, pois arranjava com isso grande numero de descontentes. Felizmente, para contrabalançar as leviandades do joven imperador, estava á frente do ministerio, esse prodigioso homem, que foi José Bonifacio, que, com sua grande capacidade de trabalho, conseguiu levar tudo para a frente, mau grado os obstaculos levantados pelos seus inimigos politicos.

D. Pedro iniciou o seu governo, lançando uma proclamação, em que dava aos portuguezes, residentes no Brasil, o praso de quatro annos para se definirem, e intimou a Portugal para retirar as suas tropas que ainda occupavam alguns pontos do Brasil.

Contractara-se para organizar e, em seguida, mandar a esquadra brasileira, o almirante inglez Lord Cochrane, estando o Visconde de Barbacena (que era o nosso encarregado de negocios em Londres), incumbido de engajar officiaes e marinheiros, como tambem, trabalhar na Europa, para que a nossa independencia fosse definitivamente reconhecida.

A guerra contra os portuguezes corria vigorosamente, principalmente na Bahia.

Tinha José Bonifacio um regular numero de inimigos despeitados, que lhe moviam uma surda guerra, com o fim e proposito de derrubal-o do poder.

Estava, nessa época, em franca effervescencia, no Rio de Janeiro, a Maçonaria. (1).

O «Grande Oriente do Brasil» (que funcionava com caracter patriótico), exigia aos que para ella entrassem, tomar o compromisso de pugnar pela independencia do Brasil. Eram seus principaes orientadores, José Clemente Pereira, Joaquim Gonçalves Ledo e Januario Barbosa.

— Em Maio de 1822 assumiu José Bonifacio o cargo de Grão-Mestre, que em Setembro desse mesmo anno, passou a ser exercido por D. Pedro.

A orientação do «Grande Oriente» era liberal: — queria o Imperio, porém guerreava o absolutismo. — José Bonifacio, em maioria na Associação maçonica, creou a Loja «Apostolado», que passou a funcionar na rua da Guarda Velha, em cujas primeiras reuniões se discutiu o projecto da constituição brasileira. Em seguida ao «7 de Setembro», poucos dias depois, Léo, José Clemente Pereira, eram presos uns, fugindo o outro, perseguido pela facção andradina.

— Defendendo na Assembléa Constituinte, José Bonifacio, á conservação dos dispositivos do celebre alvará de 18 de Março, traçado por Thomaz Villa Nova Portugal, para combater o liberalismo. — «7 de Setembro» por Mario Bering.

Conta-se que Léo, José Clemente Pereira e o Coronel Nobrega (que eram inimigos rancorosos de José Bonifacio), puzeram em pratica uma idéa por meio da qual pretendiam derrubar o 1.º ministro do poder.

Aquelles tres mações tiveram a iniciativa de empossar o Imperador como Gão-Mestre do «Grande Oriente do Brasil», pois o joven D. Pedro andava naquelle tempo com grande enthusiasmo pela Maçonaria. Os mesmos mações, numa sessão nocturna, geitosamente, esperavam conseguir de D. Pedro sua assignatura em folhas

(1) Em 1821 fundou-se no Rio de Janeiro, a loja «Grande Oriente do Brasil», desligando-se da obediencia ao «Grande Oriente Portuguez» a loja «Commercio e Artes», do seio da qual, por sorteio sahiram os mações para organizar as outras duas «Esperança de Nictheroy» e «União e Tranquillidade» necessarias á creação do alto corpo dirigente.

de papel em branco, a troco de o empossarem «Grão-Mestre», imaginando assim aquelles tres inimigos despeitados de José Bonifacio, derrubarem-n'o do poder quando lhes aprouvesse.

Logo após á independencia, certo dia, ao terminar o despacho ministerial no Paço, José Bonifacio disse a D. Pedro que lhe desejava falar em particular; em seguida declarou-lhe esse velho Secretario d'Estado, que na nova Loja Maçonica APOSTOLADO, fôra elle eleito REI ARCHONTE, por isso convidava-o para ir nesse dia á rua da Guarda Velha, onde naquella loja maçonica seria empossado no dito cargo.

Effectivamente lá compareceu D. Pedro em pessoa, e, na hora combinada, foi empossado como REI ARCHONTE.

— No dia seguinte, mal D. Pedro terminara o almoço, eis que lhe annunciam o 1.º ministro, que desejava falar-lhe urgentemente. D. Pedro recebeu seu velho amigo com mostras de grande alegria, porém pelo semblante que elle trazia, percebeu o joven soberano, que José Bonifacio estava de máo humor e não lhe fã communicar cousa agradável.

O velho paulista foi logo dizendo «que tinha ido ali, para pedir demissão do cargo de 1.º ministro».

D. Pedro estremeceu como se perto de si tivesse rebentado uma bomba e ficou atônito ao ouvir o que lhe communicava José Bonifacio, porém, voltando á calma, pediu ao seu velho amigo «que desistisse de seu intento, pois com isso ia desamparal-o e logo naquelle momento que precisava tanto de seus serviços, principalmente devido a ter se intensificado, na Bahia a lucta com as tropas portuguezas».

O velho ministro respondeu «que fora elle proprio quem o havia demittido, isto desde aquella noite em que esteve na séde do «Grande Oriente» onde fora empossado «Rei Archonte», a troco de tres folhas com sua assignatura (a de D. Pedro), as quaes foram entregues cada uma a um dos seus tres inimigos politicos, Lédo, Nobrega e Clemente Pereira».

D. Pedro estava como fulminado, vendo que seu velho ministro estava a par de sua grande leviandade. D. Pedro depois de acalmar-se, perguntou como é que poderia sahir-se daquelle passo que déra em falso.

José Bonifacio respondeu que bastava-lhe reha-
ver as tres folhas de papel com sua assignatura.
Em seguida, o velho paulista retirou-se.

D. Pedro tratou de empregar todos os meios
para conseguir as tres folhas assignadas por si, reconcili-
ando-se depois com seu velho ministro. (1).

A Assembléa Legislativa — Feita a independen-
cia do Brasil quiz D. Pedro I que a Assembléa come-
çasse a funcionar o mais cedo possivel, afim de se tra-
tar das bases da Constituição. Assim, José Bonifacio
expediu a 5 de Janeiro de 1823, uma portaria á todas
as provincias convidando os deputados eleitos a parti-
rem para a Côrte. Foi adaptado o velho edificio da Ca-
deia, onde annos antes estiveram Tiradentes e alguns
dos conjurados da «Conspiração Mineira», para que nel-
le funcionasse a Assembléa. (2).

Ficara determinado o dia 17 para o da primeira reu-
nião, que era preparatoria, o que se verificou naquelle dia
sob a presidencia do sr. Bispo D. José Caetano da
Silva Coutinho, deputado pelo Rio de Janeiro. No dia
seguinte (18 de Abril), houve mais uma outra reunião
e, em seguida, mais 3 outras; sendo que na do dia 22
de Maio, ficou deliberado que no dia seguinte — 23
— fosse aberta a sessão com grande solennidade.

Nesse dia, D. Pedro I, revestido de suas insignias,
compareceu á Assembléa, acompanhado de S. M. a Im-

(1) Segundo conta-se, mal José Bonifacio retirou-se do
Paço, os 3 mações Léo, Clemente e Nobrega, foram chamados
com urgencia ao Paço, e delles foi exigida a immediata entrega
dos documentos em questão, sob ameaça de serem mandados dali
mesmo para uma das fortalezas da barra. Em vista dessa ameaça,
os tres mações entregaram as folhas de papel em questão.

(2) Esse velho edificio foi ha pouco demolido, para em
seu lugar ser construido o novo edificio do Congresso. Graças
á gentileza dum mestre de obras que trabalhava ali, me foi
dado o ensejo de visitar o mesmo, em seus ultimos dias de exis-
tencia. Aquelle mestre de obras que mostrava ser um apaixon-
ado das tradições do passado, disse-nos cheio de indignação: «Isso
é um crime... não se respeitar as cousas que representam o
passado, tal como este edificio».

peratriz D. Leopoldina, da Princezinha D. Maria da Gloria, e todo seu ministerio. D. Pedro leu a fala do throno na presença de 52 congressistas, a qual começava assim: «E' este o dia maior que o Brasil tem tido, dia esse em que pela primeira vez começa a demonstrar ao mundo que é Imperio e Imperio livre». A Assembléa compunha-se de 48 doutores em direito, 19 sacerdotes e 7 militares, entre todos, além dos Andradas, salientavam-se Carvalho e Mello, Silva Lisboa e Montezuma.

A 5 de Maio, foi que a Assembléa começou a funcionar regularmente.

— A 8 de Julho, o Imperador foi victima de um accidente; sobre esse facto vejamos o seguinte: «Boletim do medico de S. M., Dr. Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto. Vindo S. M. Imperial de sua chacara, denominada Macaco, quasi pelas 6 horas da tarde, aconteceu que ao chegar á ladeira de S. Christovão, como corresse o selim tanto para a garupa do cavallo em que vinha, pela razão de estarem as silhas trazeiras mui largas, que estas ficaram nas virilhas do animal, que se corcoveava e desabridamente corria. S. M. Imperial, receiando resvalar justamente com o selim e ser em consequencia maltratado pelos muitos e violentos coices, sobretudo faltando-lhe o apoio da silha, por se ter esta rebentado e a qual lançara a mão, tomou a resolução de deitar-se abaixo, o que fez para o lado esquerdo.

«Depois de uma quéda tão considerada, batendo com as costas em cheio sobre o barro duro, não obstante levar de encontro o braço esquerdo, S. M. esforçou-se por se levantar, mas não conseguiu senão a terceira vez que foi tambem quando pôde gritar pelos soldados do telegrapho, «que logo o acudiram e o seguraram até que chegou S. M. a Imperatriz, acompanhada de seu criado, que ajudaram S. M. a recolher-se ao Paço, até o pateo do jardim, onde descançou por algum tempo. S. M. subiu a escada correspondente ao pateo, seguro somente a uma bengala».

— Em 7 de Agosto Dr. Guimarães Peixoto, publicou o ultimo boletim, dando S. M. por bom.

Houve quem affirmasse que D. Pedro I, não cahira do cavallo, mas sim apanhara uma boa surra de páo, em vista de sua vida mettida a conquistas amorosas. (?)

Durante algum tempo a Assembléa e o governo viveram na maior harmonia.

Tendo porém o ministerio dos Andradas apresentado o projecto de expulsão dos portuguezes suspeitos, surgiram varios protestos no seio da propria Assembléa, o que levou D. Pedro a 15 de Julho de 1823, a dirigir ao povo o seguinte manifesto:

«Se até aqui os sagrados direitos da segurança individual foram atacados, é que eu não sabia».

E concluia: «Embora incautos queiram denegrir a minha constitucionalidade, ella sempre apparecerá triumphante qual o sol dissipando o mais extenso nevoeiro.

«Contae commigo, assim como conto comvosco e vereis a democracia e o despotismo agrilhoados por uma justa liberdade».

— Nesse mesmo dia D. Pedro dissolveu uma reunião no APOSTOLADO. Ainda nesse mesmo dia o «Diario do Rio de Janeiro» dava a seguinte noticia:

Conspiração mallograda

«Placido Antonio Pereira de Abreu, faz saber que entregou a S. M. o Imperador a carta que recebeu para lhe ser entregue no dia 15 de Julho de 1823. «(a) Placido Antonio Pereira de Abreu.

«O Grande Oriente decidiu fazer uma conspiração contra a pessôa de D. Pedro.

«Soube disso o Imperador por uma carta anonyma escripta em allemão. Essa carta foi entregue dentro de outra dirigida a Placido Antonio de Abreu, onde se declarava que sua vida perigava se elle não entregasse a carta a D. Pedro.

«(Eis o motivo porque o «Diario do Rio de Janeiro» trazia a declaração acima, dizendo que a carta (fôra entregue).

— «Logo que D. Pedro recebeu a carta, mandou chamar José Bonifacio a quem uma vez no paço, mandou dizer que o esperasse até a sua volta, pois ia curar-se.

— «Assim mesmo ligado por atadura dirigiu-se ao «quartel de artilharia montada, acompanhado do com-
«mandante e outros officiaes e 50 soldados armados,
«ao Grande Oriente».

— «S. Magestade bateu á porta, sendo logo se-
«guro o primeiro porteiro e depois o segundo.

«Antonio Carlos presidia a sessão e querendo guar-
«dar os papeis que eram o plano da conspiração, o
«Imperador obistou-o e dirigindo-se á Assembléa, disse:
«Podem retirar-se ficando scientes que aqui não ha-
«verá mais reuniões sem minha ordem».

«Neste momento, entraram os soldados fazendo alas,
«por onde se retiraram todos os irmãos.

— «D. Pedro voltou a Palacio e o que se passou
«entre elle e José Bonifacio ninguem o soube; o que é
«certo é que no dia seguinte José Bonifacio pedia
«sua dimissão no ministerio». — (*D'um trabalho do Dr.
Hermeto de Lima «O Rio de Janeiro. 1821 a 1823»*).

— Conta-se que uma das causas que motivou a
quéda dos Andradas do Ministerio, foi a desfeita que
as damas do Paço fizeram á D. Domitilia na Capella
Imperial. Diz-se que o celeberrimo «Secretario Parti-
cular» do Imperador, *O Chalaça*, era inimigo do 1.^o
ministro; no entanto apezar disso foi instigar geito-
samente José Bonifacio contra a amante de D. Pe-
dro I, dizendo-lhe que esta dama estava escandalizando
a Côrte com seus amores junto com o Imperador, sendo
preciso que o 1.^o ministro convencesse ao Imperador de
deixar a sua amante de uma vez e de mandal-a embora
do Rio de Janeiro.

O velho ministro tocou-se immediatamente para o
Paço, encontrando o Imperador ainda cheio de atadu-
ras em consequencia da quéda que levára no dia 8 de
Julho, declarando logo aquelle «que ia ali como ver-
dadeiro amigo de S. M., por isso aconselhava-o que
desse um fim aos seus amores com a provinciana D.
Domitilia, pois já com isso estava escandalizando a
Côrte», acrescentando — «que era necessario mandar
para fóra do Rio D. Domitilia».

O Imperador recebeu o grande estadista friamen-
te, pois antes estivera em sua companhia a amante, que

tinha conseguido *atiçar* D. Pedro contra José Bonifacio, tendo contra este feito forte intriga. (1).

— O Imperador, já fóra de si, ao ver-se tocado no ponto mais melindroso da sua vida intima, exclamou: «que os ministros nada tinham que ver com a vida particular do Imperador, e que D. Domitilia havia de ficar no Rio, porque elle é quem assim queria... porém os ministros que não estivessem satisfeitos com isso, que se fossem embora...»

José Bonifacio livido pelo que acabava de ouvir, levantou-se e disse: «Pois bem... essa concubina que fique... eu é que me demitto...»

— Logo em seguida á demissão de José Bonifacio, foi que D. Pedro por acinte ao mesmo, nomeou D. Domitilia, Primeira Dama da Imperatriz, sendo desse cargo demittida D. Flora Ribeiro de Andrada, irmã daquelle ex-ministro, e tambem demittido da pasta da fazenda Martim Francisco, dando-se assim a primeira quéda dos Andradas.

O Brasil foi a unica nação do continente americano que ao ser feita a sua independencia, ficou constituído numa monarchia, mau grado ás anteriores tentati-

(1) Nas Memorias de Vasconcellos Drumond, á pagina 61, lê-se: «A Domitilia entrava no quarto proximo».

— Certa occasião em que havia reunião na casa de D. Domitilia, esta manifestou ao Imperador, que tambem estava presente, muita vontade de assistir uma missa na Capella Imperial. D. Pedro prometteu satisfazel-a, dando ordem para que a mesma fosse introduzida na tribuna das damas do Paço.

Chegando o dia da missa, D. Domitilia foi naquelle templo introduzida por Lobato na tribuna; esta, foi logo evacuada por todas as damas do Paço, que ao sahirem deitaram-lhe olhares de desprezo. D. Domitilia foi logo se queixar ao Imperador, tendo nisso sido instigada pelo Secretario Particular de D. Pedro. A mesma declarou ao Imperador attribuir a José Bonifacio, como tendo sido o mandatario disso tudo, assim como ter sido o mesmo ainda o culpado do outro vexame que soffrera antes, «quando lhe fóra negada entrada no «Theatrinho Constitucional» como se ella fosse uma mulher indigna».

vas de independencia tenderem para a fórma republicana; concorreu para aquillo duas circumstancias: a primeira, o facto de ter sido a independencia proclamada pelo Principe Regente e a segunda estar aqui residindo uma parte da familia real portugueza.

Em geral, a maioria dos homens que trabalharam com afincio pela nossa independencia, eram de idéas liberaes. Elles, assim como a nação em peso, esperavam anciosamente pela decretação de uma constituição.

Dentro em pouco, as sessões da Assembléa passaram a ser bastante agitadas. No dia 12 de Agosto, Antonio Carlos aggreuiu em plena Assembléa o deputado Carneiro da Cunha, visto se julgar offendido por um discurso, pronunciado por esse deputado.

A situação do paiz, politicamente, é que se torna-va cada vez mais grave.

Na sessão de 18 de Outubro (1823), Francisco Gé Acayaba Montezuma, apresentou uma moção na qual mandava annular a concessão feita a Lord Cochrane, approvando a Assembléa não decretar a existencia de distincções nobiliarchicas e de titulos, e que não se dessem mais titulos e distincções.

— Vendo o Imperador que ia entrar em lucta aberta, passou acintosamente, a favorecer os portuguezes, chegando mesmo a reintegrar nas fileiras do Exercito, officiaes e soldados lusitanos, prisioneiros durante a guerra da Independencia, em lucta na Bahia, o que ainda mais fez augmentar a opposição ao governo de D. Pedro I.

Assignado por UM BRASILEIRO RESOLUTO, publicou a «Sentinella da Liberdade», (1) um violento artigo contra os officiaes portuguezes que faziam parte da guarnição, sendo o mesmo attribuido ao boticario David Pamplona Côrte Real, estabelecido no largo da

(1) Esse jornal «Sentinella da Liberdade da Praia Grande» e o «Tamoyo» foram fundados pelos Andradas, que em suas columnas, gritavam em terrivel opposição ao governo e aos seus actos.

Foi a 25 de Setembro que na Assembléa foi approved o projecto da Constituição.

Carioca e natural dos Açores, dando motivo a que dois officiaes portuguezes á paizana, o major José Joaquim Januario Lapa e o capitão Zeferino Pimentel Moreira Freira, aggreddissem brutalmente aquelle boticario no dia 5 de Novembro, em seu proprio estabelecimento. Essa aggressão foi o rastilho aceso aos factos que só se apagaram após a celebre «NOITE D'AGONIA»...

Em vista daquella aggressão, os animos se exaltaram nas ruas e praças. Os politicos da opposição induziram o offendido a que dirigisse um requerimento á Assembléa pedindo justiça.

O requerimento de Pamplona fez a Assembléa agitar-se, principalmente no dia 10, quando o deputado Alencar requereu que algumas pessoas assistissem a sessão no recinto da Assembléa, por não haver mais logar nas galerias.

O sr. Andrada, diz que não se deve ser contrario ao requerimento, pois ninguem mais interessado do que o povo, nos trabalhos e deliberações da Assembléa.

O sr. Silva Lisbôa, diz que toda a ordem está alterada e que ainda não se discutiu e já foi approvada a entrada tumultuaria do povo contra o regimento. «Não queiramos renovar a scena da Praça do Commercio», diz o orador.

A' vista da resolução o povo invadiu a sala.

O presidente lê depois, a representação de David Pamplona contra o official que o aggreddiu. O povo se manifesta a favor do aggreddido e o presidente é forçado a suspender a sessão.

Emquanto se davam estas scenas na Assembléa, os officiaes offendidos levavam uma representação ao Imperador, contra os excessos da imprensa e dos Andradas.

D. Pedro convocara o Ministerio, em reunião, no Paço; o Imperador foi logo declarando aos Secretarios de Estado «que a Assembléa estava fóra da lei e que não merecia mais o nome de «Constituinte» pois que os Andradas a estavam transformando num fóco de agitações, etc., e que em vista disso tomara a resolução de dissolver-a».

Essa noticia encheu de pasmo os velhos ministros, pois, com isso, D. Pedro manifestava claramente suas idéas absolutistas; isso era retrogradar, era ir de encontro á mais nobre das aspirações dos brasileiros...

Tinha D. Pedro intimado a Assembléa para que della fossem expulsos os Andradas; este acto mereceu a re-provação do ministerio. D. Pedro I mandou que o Ministro da Justiça referendasse o decreto da dissolução da Assembléa Constituinte. Esse velho e integro ministro, desembargador brioso, teve uma verdadeira repulsa, protestando «que não podia fazer tal cousa pois era retrogradar».

Foi então que Carneiro de Campos se levantou e declarou que tambem votava contra essa vontade do Imperador; o mesmo fez João Vieira de Carvalho, que tambem levantou-se declarando «votar contra tal medida».

D. Pedro, encolerizado declarou que todo o ministerio estava demittido.

Retirando-se os integros estadistas, D. Pedro poz-se a tomar as providencias para a organização de um novo ministerio. Para ministro da Justiça, era preciso nomear alguém que *servilmente* se prestasse a referendar o decreto da dissolução da Assembléa Constituinte. Esse alguém foi por D. Pedro lembrado na pessoa dum amigo da familia de D. Domitilia de Castro e por quem esta muitas vezes se interessara que fosse portador duma pasta ministerial. Foi o mesmo chamado e gostosamente referendou aquelle decreto. (1).

Com effeito, o movimento de forças era fóra de commum; os batalhões e regimentos estavam de promptidão nos quartéis...

Na sessão de 12, Martim Francisco dizia: «Infames!... Assim agradecem o ar que os nutre, a casa que os abriga, e o honorario encargo de nossos defensores, a que indiscretamente os elevamos... Assim vivem, e supportamos semelhantes jéras!...»

A sessão foi tão tumultuosa, que o Presidente da Assembléa, João Severino Maciel, suspendeu-a!

— Representaram então os officiaes portuguezes dos diversos corpos ao Imperador, pedindo a expulsão dos principaes instigadores do movimento. (2).

(1) Diz Drumond: «Precisava alguém que referendasse o decreto... Foi chamado o desembargador Clemente Ferreira França, o juiz mais desmoralisado, a vergonha da toga».

(2) Nessa occasião affirma-se «que o Secretário Particular de D. Pedro, andou desenvolvendo sua actividade de intri-

Na mesma sessão de 12, foi annunciado a aproximação de forças militares que marchavam contra o edificio da Assembléa. Chegando á mesma o conhecimento disso, o Sr. Andrade Machado disse: «Daqui iremos para onde a força nos mandar».

— O Sr. Montezuma: «Sr. Presidente, se isto é certo, requeiro que se mande uma deputação a saber o que pretende de nós a força armada».

— O Sr. Alencar: «Eu acho que melhor será esperar o que Sua Magestade manda».

— O Sr. Ribeiro de Andrada: «Sr. Presidente, o nosso logar é este. Se Sua Magestade quer alguma cousa de nós, mande alguém aqui, e a Assembléa deliberará».

— O Sr. Andrada Machado: «Se nos for permittido deliberar; porque talvez isso mesmo se não nos permita».

— O Sr. Presidente: «O que me dá grande satisfação no meio de tudo, é vêr a tranquillidade da Assembléa».

— O Sr. Andrada Machado: «Creio que a illustre Commissão pode dar o seu parecer, porque nós devemos continuar a sessão, apezar da aproximação da força armada».

— O Sr. Lopes Gama: «Eu creio que não podemos deliberar estando cercados».

— Annunciou-se que estava á pórtia um official, a mandado de S. M. o Imperador. — Porém antes, já haviam tomado na Assembléa varios alvitres importantes. — Carneiro de Campos havia proposto que se mudasse a séde da Assembléa para outro ponto do paiz. Esse e outros projectos foram rejeitados.

Vergueiro propôz que o Ministro do Imperio, Villela Barboza fosse chamado para dar explicações. A's 3 1/3 da manhã, foi remettido, nesse sentido, um officio; ás 11, é elle introduzido no recinto e, sentado ao lado do Secretario, expôz algumas medidas uteis á conciliação. Seguiu-se animada discussão, ficando deliberado que a commissão tomasse conhecimento do interrogatorio feito a Villela Barboza.

gante; — andou num lufa-lufa, da Assembléa ao Paço, etc. «Que a propria D. Domitilia tambem andou na mesma actividade, tudo em vista do odio que mantinham contra José Bonifacio».

A' uma hora da tarde, o Imperador á frente dum Regimento de Cavallaria vinha em marcha para a cidade, sendo em seguida a Assembléa cercada por forças das tres armas. Estava nessa occasião a commissão em trabalhos, quando ás 2 horas da tarde o brigadeiro Manoel de Moraes, que tinha sido mandado levar ao Presidente da Assembléa o decreto daquelle mesmo dia (12 de Novembro de 1823), e no qual declarava o Imperador o seguinte:»

«Havendo Eu convocado, como tinha de convocar, a Assembléa Geral Constituinte e Legislativa por decreto de 3 de junho do anno proximo passado, afim de salvar o Brasil dos perigos que lhe estavam imminentes, e havendo a dita Assembléa perjurado ao tão solemne juramento, que prestou á Nação, de defender a integridade do Imperio, sua Independencia e Minha Dynastia: Hei por bem, como Imperador e Defensor Perpetuo do Brasil, dissolver a mesma Assembléa e convocar já uma outra, na forma das instituições feitas para convocação desta, que agora acaba, a qual deverá trabalhar sobre o projecto de Constituição que Eu lhe hei de em breve apresentar, que será duplicadamente mais liberal, do que a que a extincta Assembléa acabou de fazer. Os Meus Ministros e Secretarios de Estado de todas as diferentes Repartições o tenham assim entendido e o fação executar a bem da salvação do Imperio».

— Quando se retiravam do edificio da Assembléa, logo após á leitura do decreto foram presos os seguintes congressistas: Antonio Carlos, Martim Francisco, Gê Aca-yaba de Montezuma, Rocha, Belchior, Muniz Tavares, Vergueiro, Rezende, Carneiro da Cunha, Alencar, Fortuna, Cruz, Garcia, Xavier de Carvalho e Ignacio de Andrade. Destes, os tres primeiros foram mettidos nas prisões de uma das fortalezas, e os demais em seguida póstos em liberdade.

José Bonifacio foi preso em sua residencia e conduzido para a fortaleza de Santa Cruz... É assim foi preso o Patriarcha da nossa Independencia, depois de ter

sido o homem do dia, o 1.º Ministro, mettido numa enxovia, onde teve na primeira noite um velho tapete como cama e como refeição carne cozida de gallo. Em seguida, elle, seus dois irmãos, José Joaquim da Rocha, Padre Belchior Pinheiro de Oliveira, Montezuma e os dois irmãos Drumond, foram embarcados na charrúa LUCANIA, que a 20 de Novembro, zarpou para a Europa, levando esses emminentes patricios ao degredo.

Mandou-se dar aos casados a pensão annual de 1:200\$000, e aos solteiros a de 600\$000.

No dia seguinte ao da dissolução da Assembléa, foi publicado uma declaração «pela qual S. M. explicava que a accusação de perjuro feita á toda a Assembléa, só era applicada aos individuos facciosos, que por sua preponderancia haviam dominado o Congresso.

Tambem no mesmo dia se publicou uma proclamação, fazendo-se vêr que o arresto dos Andrades e de seus partidarios, foi a causa de todos aquelles tristes successos.

D. Leopoldina, devia ter sentido profundamente a exoneração de D. Flora do cargo de sua Primeira Dama, e é provavel que tenha achado muito natural a nomeação de D. Domitilia para substituir aquella irmã de José Bonifacio. E' de acreditar-se que assim tenha sido, pois D. Pedro mandou-lhe preparar o espirito, para receber a noticia da nomeação para Primeira Dama do Paço da futura marquezia de Santos.

D. Leopoldina, que ainda ignorava os amores de seu marido com a celebre paulista, julgou que tivesse influido para isso o facto della ser da familia Castro, que prestou bastantes serviços a D. Pedro e á causa da nossa independencia, por occasião de Setembro de 1822.

D. Pedro é que cada vez mais se prendia á sua amante; tanto que, logo após á Independencia, elle sentindo saudades de D. Domitilia, ordenou ao seu Secretario Particular, que providenciasse no sentido da mesma vir para o Rio de Janeiro. Isso realmente succedeu, sendo D. Domitilia installada numa chacara em Matta-Porcós. Mais tarde, é que D. Pedro querendo-a mais perto de si, mandou construir junto á Quinta da Bôa Vista, um

Palacete «pois sem ser visto, a procuraria quando lhe aprouvesse», installando-a no Portão do Paço, na rua Nova do Imperador. (1).

Ahi recomendava que lhe deixasse a pórtia encostada e o esperasse depois das dez horas. (*Os amores de D. Pedro e a Marquiza de Santos, por R. Mendes Ribeiro*).

Um dos actos de D. Pedro I, ao ser aclamado Imperador, foi o primeiro ensaio da colonisação allemã em nosso paiz.

Foi agente disso na Allemanha, um tal Schäffer, que em seu paiz angariou não só colonos como soldados. (2).

Foi por essa occasião, fundada no Rio Grande do Sul, a colonia de S. Leopoldo, em homenagem a Imperatriz D. Leopoldina.

Entre os allemães vindos nessa occasião, contava-se o joven Eduardo Theodoro Bösche, natural de Hanover,

(1) É' hoje a sumptuosa casa que se vê na Avenida Pedro Ivo. «Ainda lá está a celebre mosca feita por elle, enquanto esperava a Imperatriz postíça; podemos assim chamal-a, tal a influencia, e o mando que exerceu sobre o Imperador. (*Art. do Sr. Mendes Ribeiro*).

Esse Palacio foi decorado pelo habil artista, Francisco Pedro do Amaral, discipulo de Debret. (Vide «Arte Brasileira — Pg. 45 por Gonzaga duque Estarda.)

(2) D. Pedro I, segundo o que imaginam pessoas criteriosas, com esses allemães procurou formar tropas de sua inteira confiança, no caso duma revolta contra si, por parte das forças brasileiras — «era uma especie de guarda pretoriana».

D. Pedro (segundo uns) commeteu grave erro em contractar esses allemães para servirem no nosso Exercito. Tal contracto não foi cumprido á risca; esses mercenarios foram tratados com extremo rigor e injustiças, a ponto delles se revoltarem a 9 (de Novembro) de 1828, pondo durante tres dias os batalhões allemães, nos quaes tambem havia innumerados soldados irlandezes, a capital do Imperio em panico, tendo-se travado terriveis e sanguinolentos combates nas ruas, sendo preciso o auxilio das guarnições dos navios inglezes e francezes surtos no porto.

moço de familia distincta, o qual em nosso Exercito alcançou o posto de official inferior.

— Eis como esse joven allemão em seu livro descreve D. Leopoldina, tal como a viu á primeira vez, isto foi no dia 14 de Abril de 1825, quando ella em companhia do marido, foi a bordo do navio hamburguez WILHERMINE, que trouxe, este, mais tarde escriptor de factos e cousas do Brasil, assim como centenas de soldados e colonos allemães, que vinham servir á nossa Patria.

— «D. Pedro I e sua esposa não se fizeram esperar muito tempo, vieram logo a bordo em companhia de alguns generaes, camaristas e camareiras, etc...

.

«Na sua consorte reconhecia-se, logo á primeira vista, uma Habsburgo. Os cabellos louros e olhos azues denunciavam-lhe a origem germanica. O trajar parecia mais de um homem do que de uma mulher.

«Um chapéo redondo, polainas, uma tunica e por cima um vestido de Amazonas. Completavam o seu costume, umas botas de montar com pesadas e massiças esporas de prata, que tiravam-lhe toda a graça e attractivos, pelos quaes unicamente a mulher domina e se torna irresistivel.

.

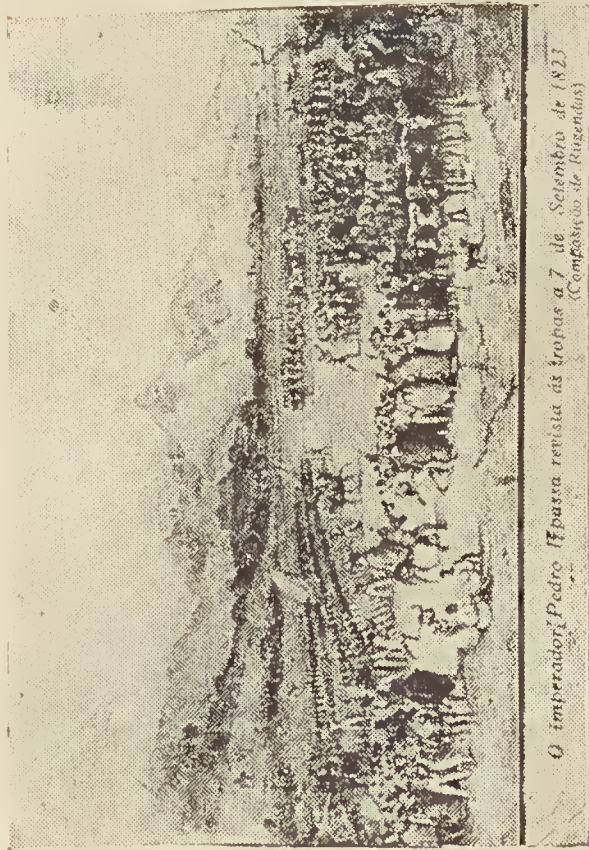
«Tinha esta (D. Leopoldina) a pronuncia viennense. O nobre coração da Imperatriz patentou-se ainda desta vez; achava-se entre os filhos dos colonos uma graciosa menina de 4 annos.

«Esta menina agradou-lhe extraordinariamente, acolheu-a como se fosse sua filha e prometteu educal-a junto com seus filhos. Cumpriu a palavra, e somente a sua morte prematura a impediu de realizar de modo mais completo a felicidade dessa criança».

.

No mesmo livro de Bösché, lê-se algumas passagens desse anno (1825) referente á D. Leopoldina;»

«Durante o tempo do nosso aquartelamento na fortaleza da Praia Vermelha fomos frequentemente honrados com visita de S. S. M. M. D. Pedro I e D. Leopoldina» (*pagina 163 da obra*).



O Imperador Pedro I passa revista ás tropas a 7 de Setembro de 1823
(Composição de Rugendas)

O Imperador D. Pedro I, passa revista ás tropas a 7 de Setembro de 1823.
(Composição de Rugendas)

Esse joven allemão, depois de algum tempo de serviço na Praia Vermelha, passou á disposição do capitão Von Lilienhock, engenheiro suéco, que estava encarregado do levantamento da planta da Quinta da Bôa Vista.

Bösche passou á disposição desse engenheiro, em vista de seus conhecimentos de mathematicas. No capítulo referente a essa passagem de sua estadia no Brasil, faz á pag. 169 a referencia a respeito de D. Leopoldina, a qual acompanhada de seu marido, acompanhava com vivo interesse os trabalhos daquelle engenheiro e de Bösche.

«O Imperador e sua esposa nos visitavam ás vezes durante os nossos trabalhos, tendo então me promettido uma collocação».

Não só Bösche como os demais soldados allemães, mostravam grande estima pela nossa primeira Imperatriz. O Primeiro gaba bastante os nobres sentimentos e a doçura da mesma.

VI

A viagem de D. Pedro e D. Leopoldina á Bahía — A morte D. João VI — D. Leopoldina e a sua triste vida conjugal — D. Pedro segue para o Sul.

Em seguida á dissolução da Assembléa Constituinte, o Imperador mandou convocar uma outra, incumbindo-se esta de adoptar a nova Constituição, que não agradou ao partido radical, motivo porque houve uma tentativa de morte contra o Imperador e o incendio do Theatro S. Pedro, que ficou em cinzas, dando-se esse acontecimento no dia em que nesse edificio se jurava a nova Constituição. (1).

(1) Uma commissão de 10 membros elaborou então a Carta Constitucional do Imperio, que approvada por quasi todas as camaras municipaes do Brasil, foi aclamada e jurada pelo povo e por toda a familia Imperial no dia 25 de Março de 1824, tendo sido essa a primeira Constituição do Brasil, outorgada por D. Pedro I.

Pouco depois, chegou ao Rio de Janeiro a noticia de ter rebentado em Pernambuco, no dia 2 de Julho uma nova revolução (1824). Servia-lhe de incentivo alguns actos de D. Pedro I, publicando-se um violento manifesto contra o Imperador, que era chamado de «grande trahidor». (1).

Os negocios politicos turvaram-se na Provincia da Bahia, «outr'ora» a metropole da America Portugueza, e ainda não resignada á perda dessa gloria e primazia. (*Antonio Augusto de Aguiar. — Pag. 117 — Vida do Marquez de Barbacena*).

Naquelle Estado «não cessavam as perturbações e nem o rigor exemplar com que tinham sido castigados os revolucionarios de Pernambuco, escarmentara a audacia e exaltação do partido liberal.

«Acostumado a pôr em acção o seu prestigio pessoal, resolveu D. Pedro ir ao Norte». (*Rocha Pombo. Historia do Brasil*).

Era ministro da fazenda o Visconde de Barbacena, que bem conhecia o perigo que corria a situação politica da Bahia.

Esse titular amava ao extremo aquella Provincia como se fosse a do seu nascimento; tinham nascido nella seus filhos e achava-se localisada ali uma grande parte de sua fortuna; concorria tudo isso para que elle envidasse todos os esforços para que se desanuviasssem os horizontes que lá estavam tão turvos.

«O Visconde de Barbacena, achava que uma visita do Imperador á Bahia, era nessa occasião necessaria, pois não só deveria acalmar os animos dessa grandiosa e gloriosa provincia, e mesmo essa visita impunha-se a D. Pedro devido aos compromissos que tinha para com os Bahianos, em vista da gloriosa lucta que tinham os mesmos sustentado para a expulsão das tropas portuguezas que occupavam a Provincia.

(1) Para Pernambuco foram enviadas tropas de terra e mar; naquella provincia já havia sido proclamada a Republica. Foi essa revolução suffocada finalmente, sendo em seguida ferozmente exercida a vingança por parte do governo, subindo ao patibulo, ou então sendo arcabuzados, innumeros patriotas, tal como succedeu em 1817.

Resolveu portanto o Imperador emprehender aquella viagem, dirigindo ao Visconde de Barbacena uma carta sobre o assumpto. (1).

Para esta viagem, teve o ministro da marinha ordem de apromptar os navios necessarios. Foi organisada uma divisão naval composta dos seguintes navios: não D. PEDRO I e as fragatas PYRANGA e PARAGUASSÚ.

Concluidos os aprestos para a viagem, zarpuo do porto do Rio de Janeiro, aquella divisão naval, sob o commando do vice-almirante Barão de Souzael. Além da Imperatriz, da Princezinha D. Maria da Gloria e do Visconde de Barbacena formavam a comitiva do Imperador diversas outras pessoas do Paço.

— A não D. PEDRO I, fôra preparada a capricho, afim de receber tão altas personagens; foi pintada de novo, callafetada; alguns de seus camarotes foram transformados em luxuosos camarins, forrados a seda e veludo. — Para essa não foi escolhida uma tripulação especial, entre a nossa maruja de guerra; dando-se o mesmo com a respectiva officialidade, que foi tirada dentre o que formava a mais brilhante pleiade — era a elite da marinha brasileira.

Acompanhavam a divisão naval brasileira, navios de guerra inglezes e francezes, nos quaes iam os respectivos representantes diplomaticos daquellas nações.

Como se vê, essa viagem ja ser um grande acontecimento. Durante os preparativos, que foram feitos fervilhantemente, houve no Arsenal de Marinha enorme actividade de trabalho, para que ficassem promptas o mais depressa possivel as embarcações.

Para a não D. PEDRO I, partiam do cães do Arsenal ou do Largo do Paço, barcaças repletas do material necessario, para que na mesma houvesse todo o conforto e assim, quem estivesse naquella occasião ali, veria as referidas barcaças carregadas de moveis, alfaias, cortinas, brocardos, candelabros dos mais ricos, louças, emfim, toda a sorte de objectos de crystaes, etc.

O embaixador inglez, encarregado pelo grande amigo do Brasil — GEORGE CANNING — Sir Stuart, —

(1) Essa carta pôde ser vista na «Vida do Marquez de Barbacena» pelo Dr. A. Augusto de Aguiar.

seguiria a bordo dum navio britannico, afim de acompanhar S. S. M. M. os Imperadores do Brasil á Bahia. — Na fragata ARETHUSE, ia o representante diplomatico francez.

Acompanhando S. S. M. M. iam a bordo da D. PEDRO I, as senhoras D. D. Domitilia de Castro, como primeira Dama da Imperatriz, viscondessa de Itaguahy, como Dama effectiva e a Condessa de Lorena, como Dama honoraria, e como Veador da Imperatriz, Francisco Maria Telles. — Ao serviço da Princeza D. Maria da Gloria, ia a senhora Marqueza de Itapagipe. Como açafatas iam D. D. Maria Francisca de Souza Lobato e Rita de Sant'Anna Pereira. — O serviço do Imperador era composto dos camaristas: Marquez de Cantagallo, visconde de Lorena, Barão do Rio Pardo, e o Sr. José Saldanha da Gama; como Veadores: Visconde de Jericinó e o Sr. Ribeiro Cirne; guardas-roupa: João da Rocha Pinto, Pedro de Castro Canto e Mello e José Joaquim de Lima e Silva; medicos: Drs. Baptista Pereira, physico-mór da armada; Guimarães Peixoto, mais tarde Barão de Igarassú, o parteiro da Imperatriz e Julio Xavier, cirurgião Imperial. Como encarregado das cosinhas ia Francisco Gomes da Silva e da ucharia e mantianaria o Barão de S. Simões. (*Chronica Geral. Vol. II, pg. 248, — Dr. Mello Moraes*).

— A 2 de Fevereiro, a esquadrilla levantou ancoras, velejando á barra do Rio de Janeiro, seguindo rumo á Bahia, salvando, nessa occasião, as fortalezas e demais navios surtos no porto, em continencia aos Imperadores do Brasil.

— Sentia-se D. Leopoldina feliz, pois ia conhecer a gloriosa terra bahiana, de cujos filhos se falava naquelle tempo com tanto enthusiasmo, pela maneira valorosa, como se haviam batido por occasião da guerra da Independencia.

Mal sabia ella que, dentro em pouco, ia ter a certeza dos amores escandalosos de seu marido com D. Domitilia.

— Durante a viagem, a vida a bordo correu bem. A' tarde, depois do jantar, ia a Imperatriz D. Leopoldina

dina, para passar o tempo, jogar o gamão na ponte, (debaixo do toldo. Segundo se affirma, ella nunca descia ao salão de jantar para as refeições. A bordo, á noite, as demais pessoas divertiam-se ouvindo alguma musica, etc. Na não D. PEDRO I, com plantas em grandes vasos, organisou-se uma especie de jardim, o que dava ao interior dessa embarcação um aspecto bastante agradável.

Navegavam os navios ao longo da costa, porém muito ao largo, sendo que a mesma não era vista; a primeira terra avistada, naturalmente teria sido, — como sempre acontece — o Monte Paschoal. Por fim foi a esquadra esbarrar ás vistas do Reconcavo, para depois defrontar com o morro de S. Paulo, entrando por fim na magestosa bahia de Todos os Santos, numa das margens da qual, se espraia qual fada bemfazeja a beijar-lhe as tranquillias aguas, a imponente e antiga capital deste vasto paiz.

As fortalezas salvaram em continencia aos Impedadores do Brasil, sendo as salvas correspondidas pelos navios da esquadilha imperial.

D. Pedro, tendo ao lado a Imperatriz D. Leopoldina, da amurada da não, contemplava a grandiosa capital bahiana, cheia de torres e zimbórios de Igrejas e, na qual, dahi ha pouco, ia pela segunda vez pisar.

Depois de tão tranquilla viagem, reinava, naquella occasião, a bordo, immensa alegria.

A' não D. PEDRO I, veio logo o Presidente da Provincia da Bahia, o Visconde de Queluz, afim de receber S. S. M. M. os Imperadores.

A galeota imperial já estava atracada ao costado da D. PEDRO I, esperando o Imperador e D. Leopoldina que, em companhia da Princeza Maria da Gloria, já tinham deixado os camarotes em traje de gala. Uma vez embarcados na galeota, esta, a força de remos, cortou aquellas verdes e tranquillias aguas; passando junto ao forte do "Mar," tambem conhecido por "S. Marcello," e singrando um pouco para a direita, foi atracar ao cães do Arsenal da Marinha, onde saltaram S. S. M. M. os Imperadores e as demais pessoas que vieram na galeota, inclusive a Princeza D. Maria da Gloria.

Pelas immediações do Arsenal, apinhava-se uma compacta multidão de pessoas, que, em verdadeiro delirio, aclamavam D. Pedro e D. Leopoldina.

D. Pedro I entrou logo debaixo de um pallio de seda, cujos varaes eram seguros pelos membros do Senado da Camara, todos trajados a rigor, seguindo-se numerozo acompanhamento, onde viam-se associações civis e religiosas, assim como irmandades encorporadas. Antes que o prestito se movimentasse, o Presidente do Senado da Camara entregou a D. Pedro as chaves da cidade de S. Salvador, começando dahi a subir a quasi ingreme ladeira da Preguiça, seguido do seu numerozo acompanhamento. Nessa occasião os canhões troavam, os sinos repicavam, as palmas reboavam estrepitosamente; por onde ia passando o prestito, eram das janellas atiradas flores sobre os Imperadores.

A magestosa cidade dos herões da Independencia, estava num delirio como até então nunca se vira, nem mesmo por occasião da chegada de D. João VI, em 1808. Toda a cidade se engalanara; por toda a parte viam-se arcos de triumpho, bandeiras, coretos enfeitados, etc. . .

A Imperatriz D. Leopoldina e a Princeza D. Maria da Gloria, iam em cadeirinhas carregadas por escravos, estando estes vestidos em uniformes verdes, tendo á cabeça grandes chapéos de abas largas, com borla escarlate e armas de prata.

Eram aquellas cadeirinhas muito leves; a que levava a Imperatriz era acolchoada de brocardo côr de rosa com as armas do Imperio gravadas na portinhola e a em que ia a Princeza D. Maria da Gloria era estoufada de branco.

Ostentava D. Leopoldina um rico diadema de pedrarias.

«Aos escravos que carregaram essas duas cadeirinhas, nessa occasião, foram por ordem de D. Leopoldina, mandado passar carta de alforria». (*Da Chronica Geral*).

— Subindo a ladeira da Preguiça, o cortejo chegou ao alto da Praça, hoje chamada «Castro Alves», no centro da qual, ao lado do Theatro de S. João, erguia-se soberbo pavilhão todo enfeitado de flores, bandeiras e galhardetes, vendo-se no frontespicio do mesmo as armas com que os bravos bahianos, rechassaram as tropas lusitanas na gloriosa lucta que terminou no dia 2 de Julho de 1823.

Nesse pavilhão, estava armado o altar, onde o cabido com o seu pendão branco, em que se via uma cruz

preta entre dois cirios acesos, recebeu D. Pedro e D. Leopoldina. O vigário capitular, com o seu turibio de prata, incensou tres vezes aos Imperadores, estando ambos, em pé, junto ao altar; mostrando grande commoção, elles se ajoelharam e beijaram a cruz. Em seguida fizeram o mesmo todos os da Côrte. Terminada aquella cerimonia tradicional, seguiu o prestito, indo D. Pedro debaixo do pallio, D. Leopoldina e a Princeza D. Maria da Gloria nas cadeirinhas, percorrendo o prestito a rua chamada hoje do «Chile», o largo, que é conhecido pelo nome de do «Palacio», a rua da Misericordia, até chegar á Cathedral, onde se realisou solenne *Te Deum*. Immensa massa popular continuava acompanhando o cortejo imperial. Terminada a cerimonia religiosa, recolheram-se os Imperadores ao Paço.

A cidade continuou embandeirada durante todo o tempo em que permaneceram nella os augustos hospedes, sendo que, durante as noites, havia illuminação e outras demonstrações de regosijo popular, percebendo-se a grande satisfação dos bahianos em obsequiar os augustos hospedes. S. Salvador em peso cumulava-os de gentilezas.

«D. Leopoldina teve seus aposentos preparados na Relação; foram os mesmos ricamente decorados, eram amplos e de um rigor distincto; tinham cortinas e repositores de damasco; a mobilia era de mogno, — tudo dum luxo ameno.

«A Princeza D. Maria da Gloria, tinha os aposentos no Paçadisso, este ligava-se á Relação. Tambem foram adornados primorosamente de branco, tal como as rendas que cobriam, dando ao mesmo a maxima graça.

«Os de D. Pedro I, ficavam no proprio Paço do governo, tendo sido ornamentados a ouro, prata, damasco, velludo e brocardo». (*Paulo Setubal — Ob. cit.*).

Como já vimos, foram os Imperadores magnificamente recebidos, sendo acolhidos pelas autoridades e povo com as mais exaltadas demonstrações de amôr, apreço e enthusiasmo, durando essas manifestações de regosijo, até o dia do regresso dos mesmos para o Rio de Janeiro.

No Theatro realisou-se um grandioso espectaculo de gala, que a todos deslumbrou. Esteve o Theatro repleto, vendo-se alli, além dos Imperadores e sua comitiva, as pessôas mais gradas da Bahia. Fizeram-se em homenagem aos augustos hospedes, durante a sua

estadia na Bahia, excursões pelas ilhas e outros pontos pitorescos dos arredores da capital bahiana.

«Penhorado D. Pedro, por tão generoso acolhimento, distribuiu condecorações honoríficas entre os principaes habitantes da provincia; visitou tambem todos os estabelecimentos publicos e captivou geral sympathia com suas maneiras rasgadas, palavras francas e ares cavalheirescos.

«A agitação estava felizmente em seu começo, e as seguranças pessôaes de S. M. o Imperador, ajudadas pelas providencias do Marquez de Queluz, a esse tempo presidente da provincia, bastaram para restabelecer a paz em toda a provincia». (*Augusto de Aguiar. Obra citada*).

Depois de quasi um mez de estadia em S. Salvador, deixaram o Imperador e sua comitiva a magestosa capital bahiana, sendo o seu embarque feito com as mesmas solemnidades do seu desembarque. (1).

A esquadra deixou a majestosa bahia de Todos os Santos, debaixo do troar dos canhões e do repicar dos sinos (1). Aportando á bahia do Guanabara a 1.º de Abril do mesmo anno, effectuou-se o desembarque dos Imperadores e sua comitiva no Arsenal de Marinha, ali junto ás fraldas do morro de São Bento. (2).

(1) Na «Chronica Geral» está a descripção completa dos acontecimentos que se prendem a esta viagem de D. Pedro á Bahia. — Quando em 1919, estivemos fazendo parte das forças expedicionarias a Goyaz, de passagem pela capital da Bahia, tivemos occasião de consultar ligeiramente documentos referentes á estadia de D. Pedro e de D. Leopoldina na capital bahiana.

(2) Contam as chronicas que durante toda a viagem para a Bahia, D. Pedro não se cansou de cortejar D. Domitilia e «que quando a galeota (na Bahia) estava para largar do costado da não «D. Pedro I.» o Imperador reclamou que aquella dama devia vir para terra em companhia dos Imperadores.

Referem as chronicas que na Bahia teve D. Domitilia os seus aposentos no proprio Paço, sendo que os mesmos occupavam todo um andar inteiro.

Dizem ainda as chronicas que D. Leopoldina, desgostosa com a côrte que seu marido fazia áquella dama, na viagem de regresso, não sahiu nunca mais de seu camarote, só o fazendo já no Rio de Janeiro, quando saltou deixando definitivamente a não.

Conquanto a sua presença (de D. Pedro) não despertasse ali o enthusiasmo que se esperava, não foi inteiramente improficua; e tendo conseguido, ainda uma vez, aplacar os animos incendidos, e restaurar a ordem na Provincia, voltou sem demora o Imperador para acudir os negocios do Prata. (*Rocha Pombo — Hist. do Brasil*).

D. Pedro regressando ao Rio de Janeiro, teve que lutar immensamente com a opposição que lhe era feita especialmente pela Assembléa Legislativa, onde o que mais se guerreava era a persistencia do Imperador em querer manter a incorporação do Uruguay ao Brasil, procurando com immenso sacrificio sustentar a guerra contra os insurrectos uruguayos, guerra essa que já arastara contra nós a Republica Argentina.

E, para leval-a a cabo já estava o Brasil fazendo enormes sacrificios em dinheiro e toda a sorte de recursos.

Quanto a D. Pedro, mal chegou da Bahia, nomeou o Marquez de Barbacena para commandante em chefe do Exercito em operações contra o argentino. (1).

A morte de D. João VI — Mal tinha chegado D. Pedro ao Rio, surgiu o boato de ter fallecido em Portugal o Rei D. João VI. Essa triste noticia, dias depois foi confirmada pelos jornaes que trouxe outro navio chegado directamente de Lisbôa. Tal facto, que se deu a 10 de Março de 1826, veio influir bastante na situação politica do Brasil e Portugal.

D. João VI, presentindo a sua proxima morte, dias antes, nomeara uma regencia sob a presidencia da Infanta D. Izabel Maria (7 de Março), pedindo insistentemente a essa Regencia, que recebesse ordens de D. Pedro, no Rio de Janeiro, pois era elle seu herdeiro.

(1) Estava como Commandante em chefe no nosso Exercito em operações, o brigadeiro Damasceno Rosado, ao qual foi dada a pecha de desidiioso durante o tempo em que commandou o mesmo Exercito. (*Torres Homem — Guerras no Rio da Prata*).

De Lisbôa, mandaram então á capital do Brasil uma delegação para receber de D. Pedro, como legitimo soberano de Portugal as ordens que lhe approuvesse dar.

Esta circumstancia vinha de certo modo comprometer o Principe no animo dos brasileiros, exitando as suas desconfianças e os seus zelos pela independencia do paiz.

«Porém D. Pedro guiado nesta conjuntura, por estrella feliz, tomou a direcção que mais lhe convinha aos dois paizes, e a propria». (*Pag. 120 da Cit. «Vida do Marquez de Barbacena»*).

D. Pedro á herança do Pae ficou com o titulo de IV. de Portugal, e como rei de seu paiz, assignou os seguintes decretos: — a 25 de Abril annistiu todos os delinquentes politicos, prohibindo se lembrassem passadas discordias; — a 27 concedeu á nação lusitana uma carta constitucional modelada pela brasileira; — por um 4.º decreto, datado de 30 de Abril confirmou a sua irmã D. Izabel Maria, no cargo de Regente do Reino; e por, um 3.º datado de 29 de Abril, nomeara os membros que deviam compôr a camara dos pares; — e finalmente por um 5.º, datado de 2 de Maio de 1826, layrou D. Pedro a abdicação da corôa portugueza na pessoa de sua filha D. Maria dá Gloria, com a condição de casar com o infante D. Miguel, e de jurar este principe a carta constitucional por elle outorgada.

«Seguindo, porém, D. Pedro os conselhos da sabedoria de outrem, ou derivando-se as grandes resoluções dessa época espontaneamente da sua razão: E' o que uma verdadeira historia do reinado de D. Pedro I, algum dia resolverá, importa, porém, desde já ponderar que o Imperador teve poderosos auxiliares para confirmar no seu pensamento, supondo que fôra no sentido dessas resoluções, porque debatendo-se fortemente a questão em sessão do conselho de estado de 28 de Abril de 1826, decidiu-se afinal S. M. Imperial a abdicar a Corôa de Portugal na pessôa de sua filha D. Maria da Gloria». (*Vide Memorias do Visc. de S. Leopoldo, compiladas pelo Conselheiro Homem de Mello*).

Entre as pessoas consultadas pelo Imperador, e que não pertenciam a seu conselho, está o Marquez de Barbacena.

Vida de D. Leopoldina após a sua chegada da Bahia — Desde o regresso de sua viagem do Norte do Brasil, que a Imperatriz D. Leopoldina passava os dias encerrada no Paço; somente sahia para comparecer a alguma cerimonia religiosa, especialmente na Igreja da Gloria.

Já não mais se entregava aos seus passa-tempos predilectos. Nunca mais foi á caça, e deixou de fazer os seus costumados passeios campestres.

Seu marido porém cada vez mais se prendia á sua favorita.

Para ella mandára construir um lindo palacete, junto ao portão principal da Quinta Imperial da Bôa Vista, pois desejava tel-a mais perto para, sem ser visto, procural-a quando lhe aprouvesse, como já dissemos.

«Ahi recommendava que lhe deixasse a porta encostada e o esperasse depois das dez horas. (*Os amores de D. Pedro e a Morte da Imperatriz — por Mendes Ribeiro*).

— D. Pedro passava horas esquecidas na residencia daquella dama; tinha o Imperador, della uma filha — Izabel Maria de Alcantara Brasileira, — a futura duqueza de Goyaz. — D. Domitilia tanto fez, tanto rogou, tanto exigiu, que D. Pedro mandou legitimar aquella creança como sua filha, não obstante a opposição do virtuoso Bispo D. José Caetano, que censurando o Imperador, declarou que isso não seria feito. D. Pedro mandou então seu Secretario Particular á Matriz do Engenho Velho, onde fôra registrada ao nascer, a filha bastarda de D. Pedro I. — O nosso conhecido «CHALAÇA» chegou a essa igreja e lá autoritariamente declarou ao vigario «que elle modificasse a folha do baptisterio daquella creança». Esse sacerdote fez vêr o absurdo desse desejo do Imperador, e que não poderia attendel-o sem antes consultar seu superior Hierarchico — o Sr. Bispo. — Porém aquelle servil amigo de D. Pedro, digno emulo de um individuo, a quem, no nosso meio o Major G. T. Favilla, deu o apelido daquelle Secretario Particular do Imperador, e que no entanto é mais conhecido como «REI DO EGYPTO», declarou que o vigario cumprisse aquella ordem do Imperador. — Esse prelado assim

fez, começando porém, por um ligeiro protesto o que lhe era exigido. (1).

Depois desse attentado aos direitos da Santa Igreja Catholica Apostolica Romana, tratou D. Pedro de proteger o divorcio de D. Domitilia com o alferes Felicio Coelho, que naquella occasião era o encarregado da feitoria de PERIPERY.

Quando conseguiu aquelle divorcio, recebeu o Superintendente Geral das Quintas e Fazendas Imperiaes, Boaventura Delfim Pereira, futuro Barão de Sorocaba, cunhado de D. Domitilia, uma carta cheia de insultos e assignada pelo alferes Felicio, que ao ter noticia daquelle divorcio, escrevera essa missiva. — Essa carta, por intermedio do Secretario Particular de D. Pedro, chegou ao conhecimento do proprio monarcha. O Imperador que estava em casa de D. Domitilia, ordenou ao «Chalça» que mandasse encilhar cavallos, e no mesmo instante em companhia do seu secretario particular partiu a todo galope, debaixo do forte aguaceiro que cahia para a fazenda do Periphery. Alli chegando, mandou chamar o alferes Felicio, que mal appareceu, recebeu tremenda bofetada vibrada pela possante mão do Imperador, que montou de novo a cavallo e regressou a todo galope para a Quinta da Boa Vista. (2).

— Como dissemos, ha muito que D. Leopoldina não sentia prazer em cousa alguma.

Esta virtuosa Imperatriz, apenas se dedicava aos seus filhinhos, e raras vezes sahia para ir á missa na Gloria. Até 1825, D. Leopoldina não suspeitara dos amores de seu marido com a bella provinciana, apesar desta já ter dado á luz a pequena Izabel Maria, isso a 23. de Maio de 1824.

No ultimo trimestre de 1826— D. Pedro, já ha dois dias, não apparecia no Paço, pois que enfermara o Visconde de Castro, pae de D. Domitilia.

(1) Realmente naquella Matriz até hoje se pôde vêr aquelle documento.

(2) O Barão de Mareschal, narra esse facto em correspondencia para Metternich, em officio de 24 de Outubro de 1825.

Estava o Imperador durante todo esse tempo fazendo companhia a sua concubina, á cabeceira do pae desta, o qual lentamente agonisava, vindo por fim a fallecer no dia 5 de Novembro (de 1826).

Durante esse tempo passava D. Leopoldina momentos de angustias dolorosos; já não era aquella alegre creatura; estava agóra pallida, pois aos poucos suas faces perdiam as bellas côres que antes tinham e a sua phisionomia tornara-se tristonha, dolorosa, scismatica.

Horas e horas passava como que empolgada numa tristeza immensa. Cousa que muito a contrariava, era vêr a promiscuidade em que viviam seus filhos com a pequena Duqueza de Goyaz. Por causa da filha bastarda de D. Pedro I, se davam acaloradas discussões entre D. Leopoldina e seu marido, enchendo-se este sempre de razões pela filha natural. (1).

Dizia ella ao ministro austriaco no Rio de Janeiro, Barão de Mareschal: «Tudo posso soffrer e tenho soffrido, menos vêr essa menina a par de meus filhos e estremeço de raiva quando a vejo; é o meu maior sacrificio recebê-la». (*Alberto Rangel — Obra citada*).

Depois do nascimento do Principe D. Pedro (2 de Dezembro de 1825), a Imperatriz não mais gozou saúde.

— A 5 de Novembro mais ou menos, quem entrasse na Quinta da Boa Vista e seguisse pela alameda principal, perceberia a certas horas do dia, alguém recostado a uma das janellas do primeiro andar do Palacio Imperial.

(1) Somente a 23 de Outubro de 1826 deixou D. Leopoldina, pela primeira vez, rebentar as lagrimas, remordidas em longo e resignado silencio do coração, fazendo sciente ao ministro da Austria (Philippe Leopoldo Wenzel, barão de Mareschal), o quanto era infeliz e encarregando-o de transmittir esse afflictivo queixume ao Imperador, seu Pae.

«Corre que Francisco I, a censurou por não ter trazido mais cêdo ao conhecimento seu, os tratos de que ella amargamente se queixava; e increpou-a até mesmo de «timida e negligente» para maior afflicção sua (A Rangel — A Marquiza de Santos, pag. 154).

«Além de mais, diz com profundo espirito de observação este ultimo autor, á pag. 158, — parece que a Imperatriz experimentou pelo marido a mais cêga e violenta das inclinações».

A' proporção que se fosse aproximando daquelle edificio, reconheceria nessa pessoa a virtuosa esposa de D. Pedro I, que tinha sempre sua loura cabeça recostada a uma das mãos.

De vez em quandó ella dirigia o olhar em torno da Quinta, como procurando vêr se chegava alguém que por ella era anciosamente esperado, recahindo em seguida na mesma posição em que já antes estivera. E assim fazia muitas vezes.

— Quem era essa pessôa que a Imperatriz tão anciosamente esperava?

— Era seu marido, que já há dois dias não se via no Paço.

— Depois de um exame com a vista por todo o horizonte, ella recostava o rosto novamente á mão, recolhendo-se em seguida aos aposentos particulares onde punha-se a chorar, para novamente voltar ao seu posto de observação com o unico fim de vêr se surgia ao longe a figura de seu marido.

A's vezes pedia a sua Camareira, D. Francisca Castello Branco, que fosse vêr se o Imperador já chegara ao Paço, tendo resposta negativa por umas duas ou tres vezes.

— Pobre Imperatriz!... punha-se então a reflectir, pensando no seu passado tão risonho e tão cheio de felicidade na opulenta e culta capital austriaca, de onde viéra para o Brasil e aqui se enchera de tantas desilusões... Ella que era um modelo de virtudes... vir para tão longe de todos os que lhe eram caros, para soffrer daquella forma...

— De repente, tomou-se de uma subita resolução: «recolher-se-ia quanto antes ao 'Convento da Ajuda» até que o Pae lhe ordenasse de regressar a Austria.

— Foi então para os seus aposentos, poz-se a arrumar em malas muitas peças de seu vestiaro, e em seguida mandou chamar o Secretario Particular de D. Pedro I, ao qual lhe ordenou arrumasse immediatamente as roupas do Imperador e as levasse á casa de D. Domitilia... Como o CHALAÇA, a olhasse espantado, ella autoritariamente lhe ordenou que a obedecesse immediatamente; elle, sahindo dali, partiu quasi numa só corrida até a residencia de D. Domitilia, onde encontrou D. Pedro ao lado daquella dama, que copiosamente chorava

á cabeceira do leito onde jazia morto seu Pae, O Visconde de Cástro. Ao Imperador expôz o CHALAÇA o que se passava; D. Pedro final ouviu, partiu a toda para o Paço, onde ha dois dias não ia. Abrutalhadamente abriu a porta dos aposentos onde se achava a Imperatriz, encontrando esta ainda na arrumação das roupas nas malas. — O Imperador perguntou logo o que significava aquillo. (1).

— Calmamente respondeu a Imperatriz «que tomara a resolução de recolher-se ao Convento da Ajuda, pois que lá é que era o verdadeiro lugar de uma Imperatriz, sem marido».

D. Pedro perguntou-lhe se ella não temia o escandalo?

— D. Leopoldina ponderou-lhe que quem justamente não podia falar em escandalo era elle, que estava escandalizando tanto as Côrtes com os seus amores com D. Domitilia.

— O Imperador aos poucos ia ficando enraivecido... porém antes que elle pronunciasse mais alguma palavra a sua virtuosa esposa continuou: «que já estava cansada dessa vida de humilhações, martyrios e vexames não só por parte delle, como de sua amante... pois elle não se envergonhava de vêr que essa «mulher» estava humilhando sua esposa e seus filhos... se era para isso que elle a fôra buscar na Côrte de seu Pae, onde ella vivia tão feliz?... por isso é que ella tomára aquella resolução... «e elle que se fosse de uma vez com sua concubina».

D. Pedro que já se achava bastante encolerizado, teve um daquelles seus repentés, que alliado ao seu character violento, transformou-o numa fêra em figura de homem... deu um salto sobre a virtuosa Imperatriz e com toda sua força herculea, procurou subjugal-a e atirala ao chão...

(1) Diz Adalberto Mattos — artigo na «Leitura para Todos» Nov. 1926: — «D. Pedro, immediatamente partiu para o Palacio, completamente desnordeado pela colera; desrespeitando a pragmatica, invadiu as alcovas da Imperatriz, dirigindo os mais pesados insultos a sua mulher e accusando as criadas de espias e intrigantes».

Seguiu-se uma scena hedionda, pois D. Pedro levantou sua pesada mão para esbofetear sua esposa...

— Que monstro!!! Allí se revelava o bruto e selvagem cuja juventude se passara nas cavallariças do Paço e que ultrajava tão vergonhosamente a filha de um dos mais poderosos Imperadores do mundo, e cunhada do maior soldado que a humanidade tem produzido...

Perante aquelle gesto de seu brutal marido, D. Leopoldina ficou com a phisionomia transtornada; enraiveceu-se; porém mesmo assim estava bella na sua justa colera. Disse-lhe então: «Vamos... bate na tua esposa... na mãe de teus filhos... na Imperatriz do Brasil... na filha do Imperador da Austria...»

— D. Pedro vendo a nobre attitude de sua esposa atirou-se aos pés de D. Leopoldina e cahiu num pranto convulsivo dizendo: « Perdão...»

D. Leopoldina levantou o marido, e os dois se reconciliaram ali mesmo, chorando como duas creanças. (1).

A nobre attitude da virtuosa Imperatriz, fulminára D. Pedro...

Foi uma scena edificante a conciliação de ambos; naquelle momento D. Leopoldina esqueceu toda a série de brutalidades e humilhações que soffrera de parte de seu marido. A sua saude, porém, já estava seriamente compromettida. (2).

.
.

(1) Tem havido quem affirme que nessa occasião, D. Pedro desse um ponta-pé no ventre da esposa grávida... Não cremos em tal cousa...

(2) Conta-se que uma occasião em que D. Leopoldina estava bastante constipada, D. Pedro obrigou-a a entrar no salão onde se realizava o beija-mão, em companhia de sua concubina.

«Os amores escandalosos do Imperador com a provinciana, já era assumpto até de correspondencia dos diplomatas estrangeiros residentes no Brasil».

«Após aquella questão, tinha a Imperatriz crises de melancolia e de choro, allegando saudades da familia e de uma certa «Bóbbó» velha ama, que com ella tinha vindo para o Brasil, aqui permanecendo durante seis mezes retornando depois a Vienna».

As despedidas de D. Pedro e D. Leopoldina.

— Logo após aquella scena intima, D. Pedro tomou a resolução de partir para o Sul, afim de assumir a direcção das operações militares.

Essa resolução do Imperador causou espanto geral.

D. Pedro mandou chamar o Marquez de Paranaguá, que era o ministro da Marinha, communicando a sua ultima resolução. Este secretario d'Estado, assim como outras pessoas procuraram dissuadir o Imperador dessa viagem, porém foi inutil.

D. Pedro dizia «que motivos muito intimos o forçavam á essa viagem» e mesmo elle precisava vêr de perto como corriam as operações militares, e talvez que até com a sua presença no theatro das operações, a guerra viesse a terminar o mais depressa possivel.

D. Pedro deu ordem áquelle velho titular, para que apromptasse o mais depressa possivel as embarcações para a viagem. O Marquez de Paranaguá, declarou que estavam promptos os navios, indo o Imperador na não D. PEDRO I.

«A esquadilha composta daquella não, de uma corveta, uma fragata e 7 transportes, já estava prompta, assumindo o commando da mesma o vice-almirante. Barão de Souzel.

A 23 de Novembro a esquadilha do Imperador levantou ferro rumando ao Sul, levando a seu bordo o Imperador do Brasil, salvando em continencia, as fortalezas e demais navios surtos no porto.

— Foram bastante effusivas e commoventes as despedidas de D. Pedro e D. Leopoldina. A Imperatriz que já se achava adoentada, achou-se naquelle momento possuida por um máo presagio, e de uma immensa tristeza; dizia ella: «que tinha a certeza que era aquella a ultima vez que via seu marido, pois tinha tal presentimento».

«Uma cousa dentro de mim, — diz que isso se realizardá» — dizia ella.

D. Leopoldina derramando copiosas lagrimas, entregou a seu marido um anel symbolico de ouro cravejado de pedras, pedindo que o guardasse consigo; o mesmo era feito com dois aros sobre-postos os quaes, ao se abrirem deixava ver dois corações, tendo cada um o nome de ambos.

— D. Pedro, intrigado, perguntou o que significava aquillo.

A' sua virtuosissima esposa chorando como uma creança, respondeu-lhe: «que ella tinha a certeza que dentro em breve morreria... e aquelles que em vida, foram separados, que fossem unidos depois da morte!...»

— Foi então que ambos se abraçaram chorando como duas creanças.

Era um quadro triste... por fim D. Pedro se separou da esposa, depois de beija-la carinhosamente varias vezes... para em seguida se separarem debulhados em lagrimas.

VII

Enfermidade, morte e os solemnes funeraes da Imperatriz Leopoldina.

Já ha muito que D. Leopoldina não gosava saude perfeita pois desde o nascimento do principe D. Pedro, ella começara a se sentir mal. Quando seu marido resolveu partir para o Sul, resolução essa em que elle estava firme, era pessimo o estado de saude da virtuosa Imperatriz.

Diz Armitage em sua «Historia do Brasil»: — «Durante a ausencia do Imperador, a Imperatriz enfermou e morreu. Das noticias cautelosas, que então se publicaram a respeito desse triste acontecimento, nenhuma informação exacta se pôde colher; mas para credito de D. Pedro, a verdade é hoje muito conhecida. Antes da sua partida, tivera elle uma entrevista com a Imperatriz, de que alguma altercação resultou; a sua união ha muito tempo que era infeliz. Toda a preponderancia que deveria pertencer á Imperatriz passára a Marqueza de Santos.

.....

«A sua conducta para com a Imperatriz era a mais dura; assevera-se até que dera pancadas na precipitada altercação. Talvez seja isto exaggero, mas o que é certo, é que a desgraçada Imperatriz, que se achava nessa occasião em mui adiantado estado de gravidez, foi conduzida logo do logar da entrevista para o seu leito de dôr, e só se ergueu para uma curta peregrinação á igreja da Gloria, onde se faziam debaldes preces para sua me-

lhora». (Isso é o que em resumo diz aquelle historiador, sobre a enfermidade da imperatriz Leopoldina. (1).

19 de Novembro, D. Leopoldina, manifestou melhoras, tanto que chegou a erguer-se do seu leito de enferma, e foi presidir ao conselho de ministros, cujo presidente era Francisco Villela Barbosa, marquez de Paranaguá, então na pasta da Marinha. Pela segunda vez, estava D. Leopoldina, em consequencia á ausencia do Imperador D. Pedro I, na Regencia do governo do Brasil. Devido ao esforço feito nessa occasião, teve ella uma forte recalhida. Naquelle dia á tarde tornava-se ainda mais fortè a febre gastro-biliosa que a devorava e surgiram eclampsias, que foram combatidas com sangue-sugas e sinapismos.

Terminou o mez de Novembro e D. Leopoldina sempre de cama; No dia 1.º de Dezembro, anniversario da coroação de D. Pedro I, como Imperador do Brasil, e no seguinte, o do anniversario do principe imperial — D. Pedro, — o ultimo filho de D. Leopoldina, foi grande a surpresa, por não haver o costumeado «beija-mão».

Esperavam-se para esses dois dias grandes festejos. A principio suppoz-se que a quebra do que se costumava fazer, fosse pelo facto de se achar D. Pedro I, ausente;

(1) Diz Mendes Ribeiro: — «Não se commoveu o galanteador por occasião da partida».

Eis o que refere em seu officio de 26 de Novembro de 1826, o ministro francez, conde de Gestas: (D'um brilhante artigo publicado na «Illustração Brasileira»):

«Sa santé derangée para un commencement de grossesse a été encore plus alterée par l'impression que lui a causé le depart de son auguste époux. On m'a assuré qu'elle en avait reçu de tendres marques d'attachement les derniers jours de son séjour auprès d'elle».

«Felizmente para o seu character, confirma o ministro da Prussia no Rio de Janeiro em seu officio de 4 de Janeiro de 1827», elle (o Imperador) — se reconciliou inteiramente com a Imperatriz, antes de partir.

não obstante isso todos perguntavam curiosos qual seria o verdadeiro motivo.

— E' que enfermára sériamente a Imperatriz... Foram, primeiro, espalhados boatos sobre a sua enfermidade, depois esses boatos se confirmaram e pelos editaes medicos verificou-se a gravidade do seu estado.

A 1.º do mez de dezembro, D. Leopoldina teve uma conferencia com o ministro da Marinha; o Corpo Diplomático e o mundo official ficaram logo avisados, que, nesse como no dia seguinte, não haveria recepção no Paço.

A 2, ás 2 horas da tarde, a Imperatriz teve um aborto do sexo masculino. Logo no mesmo instante, desfechava-se forte crise puerperal. Foram seus medicos assistentes, os srs. Vicente Navarro de Andrade, futuro Barão de Inhomirim e Guimarães Peixoto, cirurgião-mór do Imperio.

Estabeleceu-se um grande reboliço no Paço.

Ao espalhar-se essa triste noticia, á Quinta da Boa Vista, correu uma verdadeira romaria de pessoas avidas em saber noticias do estado da Imperatriz; pelas immedições do Palacio, naquella Quinta, começou a estacionar enorme multidão de pessoas de todas as classes sociais, desejosas de saber noticias do estado da soberana. Todos faziam quèstão de ser vistos colhendo informações do estado de saude de D. Leopoldina... que era idolatrada. O povo soffria com ella e lamentava os seus soffrimentos Moraes devidos aos amores escandalosos de seu marido com D. Domitilia.

No Paço logo que se confirmaram as más noticias sobre o seu estado de saude, veio se installar a marquezia de Aguiar, camareira-mór, além de outras pessoas, podendo-se dizer outro tanto do Barão de Mareschal (ministro austriaco no Brasil), do bispo D. José Caetano, etc.

E assim, dia a dia a molestia ia dando cabo da bondosa Imperatriz.

A anciedade popular por noticia de D. Leopoldina era intensa.

Os boletins medicos desde o dia 30 de Novembro, começaram a ser affixados no «Diario Fluminense» e em outras partes informando a marcha da doença da Imperatriz. Os dois já citados medicos acompanhavam com vivo interesse a molestia de D. Leopoldina que como

já se disse estava atacada de uma sceptima puerperal.

A 4 de dezembro, peorando mais ainda D. Leopoldina confessou-se e recebeu das mãos do bispo capellão-mór, o SS. Sacramento da Eucharistia.

Desenrolou-se no Paço uma scena triste... todos choravam ante a resignação da virtuosa e santa Imperatriz ao receber os Sacramentos.

Depois de sacramentada, D. Leopoldina pareceu melhorar... Em estado de plena lucidez de espirito, pallida, porém ainda bella, sentou-se em seu leito e mandou chamar para perto della todas as pessoas do Paço; enquanto estas a cercavam banhadas do mais sincero pranto, pediu, se entre os presentes houvesse alguém a quem ella tivesse offendido, por palavras, ou acções, que a perdoasse pois não queria sahir deste mundo com a idéa de aqui deixar uma só pessoa com queixas suas e sem que tivesse feito todo o possivel para reparar qualquer offensa.

Durante a sua enfermidade, no Rio de Janeiro, e em varios outros logares proximos a capital, faziam-se orações publicas e particulares, nas quaes se pedia o prompto restabelecimento da virtuosa e querida Imperatriz... Essas orações se ouviam não só nos lares fidalgos como nos tectos pobres.

«Fizeram-se promessas, e as preces das 40 horas, diante das santas reliquias trazidas processionalmente para a Capella imperial. (Max Fleiss. Art. Cit.)».

«Não se fechavam as igrejas, dia e noite, repletas de fieis, que iam interceder a Deus, por seu prompto restabelecimento». (*Fernando Denys — O Brasil — Obra em 2 volumes*). E quando se perdeu de todo a esperança de salva-la, viu o povo do Rio de Janeiro, em commovido respeito, á sagrada imagem da Virgem Gloriosa, quem tantas vezes em vida, fôra D. Leopoldina visitar e implorar com fervor, sahir processionalmente da sua capella, em dia chuvoso, para pagar-lhe essa visita, transfigurando-se como em apparição celestial de além tumulo, e sorrir-lhe maternalmente por entre as nevoas da pupila já esbaciada pela agonia. (Max Fleuiss). (1).

(1) D. Leopoldina tinha por N. S. da Gloria especial devoção; era sua padroeira; a sua primeira filha, chamou-se Maria da Gloria.

A virtuosa Imperatriz porém, já se approximava do seu fim neste mundo. A febre era cada vez mais altíssima. Por fim os medicos confessaram que a sciencia falhára de todo.

Já ha dias, D. Leopoldina começára a ter visões... parecia-lhe estar sempre perseguida por «alguem», tanto que, em seus accessos, falava muito em quem fôra a causa de seus soffrimentos moraes.

Como se aggravasse seriamente o seu mal, chamou-se a ultima hora o dr. Ráu.

— O desfecho era imminente...

Um momento houve em que ella só falava na celebre concumbina de seu marido — Dizia D. Leopoldina: — «Foi ella... foi ella, quem roubou-me a felicidade... Roubou-me o amor e a affeição que meu marido me tinha...»

Então em verdadeiro delirio se atirava pela cama... Quando sua camareira, d. Francisca Castello Branco, lhe trazia os medicamentos, ella bradava que não tomava... — «Dizia: — «Foi ella quem preparou e lhe poz veneno...»

«Em delirio atirava-se pela cama e punha-se a chorar dizendo que não veria mais seu marido... pois D. Domitilia lhe roubára a affeição por meio de feitiço».

Affirmaram as chronicas que, por occasião de sua molestia, D. Leopoldina falava em feiticeiras, etc. e «que falando de seu marido, dizia que o mesmo fôra sempre muito bom para ella».

— Não passava uma segunda-feira sem que D. Leopoldina não fizesse a sua romaria ao Outeiro da Gloria, indo se ajoelhar aos pés da Santissima Virgem, e orar no altar consagrado á Assumpção da Santissima Virgem.

— A's 8 horas da manhã de 12 de Janeiro, desse mesmo anno (no qual falleceu), subira ao Outeiro da Gloria em companhia do Imperador e das filhinhas, e lá consagrára seu recém-nascido filho — o magnanimo futuro D. Pedro II, á N. S. da Gloria, pedindo então para que o tomasse sob sua graça e sob sua protecção. — Nessa occasião o capellão mór do Exercito, lançou-lhe a benção, e em seguida com toda a pompa, celebrou o santo sacrificio da missa, que apezar da torrencial chuva que cahia, foi assistida por toda a côrte, pelos altos dignatarios do Imperio, etc. Nas ladeiras do Outeiro estavam postados 2 batalhões de soldados allemães, em continencia.

— Dizia-se D. Leopoldina victima dos feitiços mandatarios de D. Domitilia, para livremente desposar D. Pedro.

Os boletins medicos continuavam a ser affixados; o de 6 de novembro dizia o seguinte:

«Com o maior sentimento ainda não podemos felicitar os nossos leitores pela suspirada melhora de S. M. a Imperatriz».

Varias vezes, d. Domitilia procurou approximar-se do leito onde estava D. Leopoldina. Foi numa dessas occasiões que a Marqueza de Aguiar, entrou na ponta dos pés nos aposentos da Imperatriz, e por meio de gestos chamou o Marquez de Paranaguá, o qual acompanhou-a até o proximo salão... Percebeu esse Secretario de Estado o que se passava, pois de pé estava uma bella dama vestida em rigoroso e elegante traje de luto... Era d. Domitilia que procurava entrar nos aposentos da Imperatriz...

O velho ministro horrorizado e lembrando-se de que, justamente por causa dessa dama, é que D. Leopoldina soffrera muito, a ponto de aggravar o seu estado de saude, bradou:

— «V. excia. não pode entrar nos aposentos da Imperatriz»...

— Como d. Domitilia retrucasse, respondendo «que ainda não fôra dimittida do cargo de primeira dama da Imperatriz», Paranaguá respondeu: — «Não admitto sua presença em frente da Imperatriz... pois seria um ultrage para tão casta creatura, como é D. Leopoldina...»

D. Domitilia retirou-se, pallida de raiva, murmurando «que Villela lhe pagaria bem caro o ultrage que acabara de fazer á sua pessoa...»

O povo do Rio de Janeiro applaudiu o acto daquelle ministro. (1).

(1)° Sobre esse incidente, disse o Ministro Francez no Rio de Janeiro.

«Une insinuation dirigée adroitement ent l'effet désiré et la marquise de Santos se retira chez elle et ne repasse plus au palais. (*Officio existente no Arch. Publico Nacional do Rio de Janeiro.*)

Eis como o historiador Assis Cintra, descreve a morte da Imperatriz Leopoldina:

Nada mais havia a fazer, e veio então o Sr. Bispo Diocesano com o sagrado viatico.

Por fim, já a Imperatriz entrava em franca agonia; e ás 10 horas da manhã de 11 de novembro D. Leopoldina exhalava o ultimo suspiro, nos braços do bispo D. José Caetano, que, piedosamente lhe cerrou as palpebras.

Foi logo affixado em todos os logares o seguinte «boletim» que tambem foi publicado no «Diario Fluminense»:

«Quando se soube que o estado de saude de Leopoldina era desesperador, todas as suas amigas, diante do *Santissimo*, exposto na Capella do Paço, iniciaram a *oração dos agonisantes*.

Após a préce fervorosa, uma das senhoras presentes, Elisa Rohan, confidente da Imperatriz, foi ao quarto da imperial amiga. E ahí se manteve até o desenlace.

Pallida e offegante, Leopoldina reconheceu desde logo a dedicada amiga, dizendo-lhe, com lagrimas nos olhos, que *ia partir da terra para uma vida melhor, pois estava certa de que Deus a acolheria porque soffrera muito neste mundo...*

«Um tremor convulsivo da doente provocava nos alvos lençóes de cambraia ondulações suaves, lembrando o dorso de uma torrente do valle quando a brisa a beija.

«Elisa Rohan, a pedido da Imperatriz, retirou do pequeno oratorio dourado uma imagem de Nossa Senhora das Dores.

«E a moribunda, nos ultimos instantes de sua vida de santa, apertou, bem perto do seu nobre coração, aquella effigie sagrada de mãe que tanto soube amar e soffrer, como em geral soffrem e amam, as mulheres que são mães.

«Depois, fixou com seus olhos azues, que se iam apagando na vitralização da morte, a amiga querida. Duas lagrimas sulcaram lentamente sua face desanuviada, e suavemente seus olhos se voltaram para a imagem de Maria Santissima.

«Beijou-a demoradamente, e, num balbuciar que mais se-melhava um gêmido de dôr, proferiu suas ultimas palavras, colhidas pela amiga e pelo capelão:

Mãe do Céu... meus filhinhos... Brasil.

«E assim morreu a primeira Imperatriz da terra de Santa Cruz, pensando nos filhos e na patria que tambem se tornara sua, pelo coração e pelo amor.»

«Pela maior das desgraças se fez publicar que a enfermidade de S. M., a Imperatriz resistira a todas as diligencias medicas, empregadas com todo o cuidado, por todos os medicos da Imperial Camara.

«Foi servido assim pelas dez horas e um quarto».

(a) *Barão de Inhomerim.*

E assim findou-se aquella dôce, meiga, bondosa e virtuosa creatura, que para felicidade de nossa patria foi a sua Primeira Imperatriz, e que pelos seus nobres sentimentos e captivantes maneiras se fez estimada por todos os brasileiros.

— *Tristes salvas de artilharia annunciaram á capital brasileira a morte da esposa de D. Pedro I.*

Os Funeraes — Foram dos mais solemnes que se tem feito no Rio de Janeiro. Sendo prohibido pelas leis luzitanas, o embalsamamento dos corpos das mulheres, foi, no abdome de D. Leopoldina, feita uma incisão e alli injectados liquidos corrosivos; prepararam o corpo com essencias, aromas e farchas de linho, tendo antes, permanecido o corpo, durante a noite do primeiro dia e todo o segundo, immerso num banho composto de uma solução de alcool e certa quantidade de cal, para que fosse produzida a rijeza dos tecidos; estavam empenhados nesse triste trabalho, o physico mór e cirurgiões. (1).

— Somente na manhã de 13, é que D. Leopoldina foi revestida de suas galas e insignias, e depois collocada sobre um rico cataphalco em forma de leito, armado numa sala contigua aos aposentos em que ella fallecera. (2).

(1) Diz Adalberto Mattos: «O corpo da infeliz Imperatriz foi embalsamado pelo Barão de Inhomerim, auxiliado por um outro medico».

(2) «Guardaram o corpo da Imperatriz ás damas: Marqueza de Itaguahy, D. Maria Francisca de Faria, e as açafatas D. Rita de Sant'Anna e outra D. Rita». «*Chronica do Imperio*» — *Mello Moraes, pae*».

O Paço da Quinta da Bôa Vista estava repleto de pessoas de todas as classes sociaes; eram os grandes dignatarios da Côrte, diplomatas, militares etc.; Os cavalleiros trajavam rigoroso lucto, como as damas, que em seus negros vestuarios não traziam joias, tendo apenas o classico enfeite de vidrilhos aos vestidos de velludo. O Paço apezar de repleto, revestia-se do mais profundo silencio. Todos esperavam a solemne hora do Beija-Mão á Imperatriz morta.

Em consequencia a rapida decomposição do corpo, não houve beija-mão publico.

A's 12 horas, o Porteiro Imperial, Valentim Maria de Souza Lobato, abriu a pesada e larga pórtta, que dava para a sala onde estava o corpo de D. Leopoldina, que como já dissemos estava num cataphalco provisório... vendo-se juncto ao mesmo, numerosas grinaldas e flôres, em contraste com a severidade do trajar luctuoso das pessoas presentes no Paço.

No aposento que fôra aberto, viu-se no cataphalco provisório e dentro do mesmo a Imperatriz estendida, em seu derradeiro somno eterno, ainda bella, mostrando em seu rosto, ligeiro e triste sorriso; sua cabeça loira repousava em duas almofadas verde-amarello.

Aberto aquelle aposento, deu-se inicio ao ultimo (beija-mão), que começou da seguinte forma:

— «Em primeiro lugar veio o principe D. Pedro, o futuro magnanimo Imperador do Brasil, de saudosa memoria; todo vestido de velludo negro, ao collo dum titular, louro como a Mãe, vinha risonho, mostrando em sua innocencia não comprehender a grande desgraça que se déra... Em seguida veio a princeza D. Maria da Gloria, que vestida de preto, debulhada em copioso pranto, atirou-se ao corpo de sua mãe, ella com seus 7 annos de idade deu provas de uma sensibilidade superior á sua idade.

Diz Fernando Denys: — «Cortava o coração, vel-a soluçar inconsolavel, e ouvir-lhe as expressões de lacinante dôr de que deu provas nesse adeus derradeiro, diante dos despojos inanimados da sua terna mãesinha, que a Rainha dos Céos levava para um outro mundo».

Em seguida veio a princeza D. Januaria, acompanhada do Visconde de Cachoeira, e que, chorando em voz alta, atirou-se tambem como uma allucinada ao cadaver da mãe.

Depois desta, veio beijar a mão de sua mãe a princeza Paula, seguida pelo general Bento Barroso Pereira, veador de S. M. Finalmente veio a princeza D. Francisca, seguida de Augusto Gomes Barroso, que tambem em doloroso pranto se abraçou ao cadaver da mãe.

Depois do principe e das princezas, ali, diante do cadaver da virtuosa Imperatriz, naquella camara tragica, extranhamente decorada de verde e ouro, começaram a desfilar, hirtos e funebres, os personagens da côrte, o Bispo D. José Caetano, que durante a enfermidade da Imperatriz não a deixára um instante até vel-a expirar em seus braços; em doce aspecto, e revestido em suas vestes escarlates de seda, beijou a mão da finada Imperatriz. E assim todos os demais personagens, diplomatas, militares, etc...

«A Senhora Marqueza de Aguiar, Camareira-Mór, com o seu pesado vestido de gorgorão, debulhada em lagrimas, ajoelhou-se e beijou pela ultima vez, a mão da saudosa Imperatriz e amiga, depois, commovido, como um menino o velho barão Mareschal, com os seus bigodões ornamentaes, com sua primorosa casaca de panno inglez, debruçou-se respeitoso sobre o leito da morta. E o plenipotenciario austriaco, amigo fiel, com a mais tocante sinceridade, deixou tombar uma grossa lagrima sentida.

D. Francisca de Castello Branco, marqueza de Itaguahy, abafando soluços que lhe borbotavam da garganta dolorosa, cabellos desordenados, dilacerada e livida, beijou a mão fria da amiga e ama.

«E o desfile continuou vagaroso, repassado de emoção, e de silencio... E' o senhor marquez de Caravellas, rijo e austero, a cabelleira branca, com o seu espadim de 1.º ministro; é o marquez de Paranaguá, impeccavel, correcto, muito pallido, com um lenço de seda negra afundado no peitilho da branca camisa; é o sr. conde de Lages, envergando o seu fardão de general, com os seus olhos priscos, irrequietos, forçando uma severidade que lhe custa; é o sr. visconde de Inhambupe, grave como um bispo; o velho Lima e Silva, aspero e secco, com sua espada tilintante e as suas esporas douradas de general; o arcado e encarquilhado visconde de Cayrú, com o seu pescoço exprimido num immenso collarinho de palmo; o conselheiro Teixeira de Aragão, o famoso intendente de policia, que saccode altosamente

a sua cabelleira impressionante, encaracollada, branca como algodão; e o respeitavel, sisudo marquez de Que-luz, com os beiços escanhoados a rigor, com a sua barba piolho, crespa e grisalha, a moldurar-lhe o rosto ver-melho e redondo.

«E solenne, repassado de emoção e do silencio, o beija-mão continua, vagaroso protocollar, tetrico... Ago-ra é o 'Corpo Diplomatico, espartilhado nas suas fardas de talhe justo, depois com as suas capas negras e com os barretes de arminho branco, os dezembargadores da Relação. Em seguida, a alta officialidade do Exercito e da Marinha. E enfim as damas de Honor, e os creados da Imperial 'Camara, e os Veadores, os reposteiros, Estri-beiros, os Guarda-Roupas e a 'Côrte inteira.

«Cahia a tarde, uma tarde esfumada e cinzenta, triste como um dobre de finados, quando terminou aquel-la cerimonia lugubre». (Paulo Setubal — Ob. 'Cit.). (1).

— Fechado o quarto onde se deu o obito, foi en-tregue a chave ao marquez de Itaguahy. Terminada a triste cerimonia de «beija-mão» foi o corpo da augus-ta senhora collocado num caixão de cedro, forrado no interior de lhama branca, e no exterior de velludo pre-to, guarnecido de galões dourados por sua vez colloca-do num outro de chumbo, cuja tampa fôra soldada, la-vrando-se da cerimonia um auto, que foi assignado pelo ministro da Justiça (José Joaquim Carneiro de Campos), pelo mordomo-mór e pela Irmã Superiora do Convento da Ajuda, este ainda encerrado dentro de um outro cai-xão de madeira, simples, e exposto em camara ardente, á Côrte e ao povo que affluio em massa á S. Christovam, a despeito dos tres quartos de legua de distancia entre a cidade e aquelle Paço.

Sómente, no dia do sahimento funebre é que o segundo caixão collocado no terceiro ataude, tambem de madeira, foi fechado a chave, e ricamente forrado de velludo negro com galões de ouro, para depois ser de-positado no Convento da Ajuda, no mesmo local em que

(1) Na magnifica obra em dois volumes sobre o Brasil, de Fernando Denys, ha a referencia de que se procedeu com o cadaver de D. Leopoldina cerimonia semelhante a que foi feita com o de D. Ignez de Castro.

tinha estado desde 21 de Maio de 1816, até a data da partida do rei D. João VI, para Portugal, em 1821, os restos mortaes da rainha D. Maria I, mãe daquelle soberano, e da tia desse ultimo D. Mariana Benedicta.

O terceiro ataude era forrado de seda branca, coberto de velludo, enfeitado de largas laminas de ouro fino, tendo uma cruz branca, que tambem era bordada a ouro, sendo que a mesma tomava todo o caixão.

Na Sala do Docel, estava armada uma sumptuosa e alta éça funebre toda preta, guarnecida de enfeites dourados e prata lavradas.

No alto da éça, recobrimdo-a toda havia um largo panno de velludo, ricamente agalado de ouro, com uma cruz de damasco branco, tambem franjado de ouro finissimo. O salão estava repleto de tapeçarias e brocardo.

Em totno da éça ardiam 22 cirios em altos castiçaes; aos pés em almofadas de velludo preto, recamados de borlas de ouro, repousavam o sceptro e a corôa.

Ao fundo do salão, estava armado o altar, em damasco circundado por 4 soberbos candelabros de prata.

— Quanto ao Solio levantado para o bispo D. José Caetano refulgia de ouro.

Junto á éça, passaram a noite, o mordomo-mór, todas as damas do Paço, e os veadores da Imperatriz, guardando compungidamente os restos mortaes de D. Leopoldina; tinham todos em suas physionomias a mais dolorosa expressão, conservando-se em plena mudez todo o tempo.

Nas varandas da Quinta da Bôa Vista que haviam outr'ora servido para as tribunas nas festas do seu 1.º anniversario de permanencia no Brasil, foi armada a éça, onde estavam dois almofadões; ahi estavam os 7 altares de lucto, com as respectivas banquetas accesas, onde 7 padres celebraram simultaneamente o santo sacrificio da missa de corpo presente. (*Dr. Max Fleuiss, art. cit.*).

O Sr. bispo D. José Caetano, acompanhado pelo Cabido, em presença da Côrte, assistiu aos officios dos mortos. Terminada as matinas, o bispo em pessoa, revestido de pluvial e dos demais paramentos, celebrou a santa missa do corpo presente.

.

Ao amanhecer do dia 14, todas as Igrejas e Mosteiros começaram a dobrar finados... é que ao anoitecer ia sahir do Paço o enterro da saudosa Imperatriz:

Desde á vespera que começou a chegar ao Paço da Quinta da Bôa Vista, uma verdadeira multidão de pessoas de todas as classes sociaes, bem como todas as Ordens, Irmandades e Confrarias da cidade do Rio de Janeiro, formando extensas filas. Fóra do palacio, pela Quinta se apinhava uma compacta multidão de gente de todas as classes sociaes.

Todos traziam lucto fechado, e estampava-se nas physionomias a mais profunda dôr pela morte da Imperatriz.

No Palacio Imperiaõ, e na Quinta, reinava um silencio sepulchral.

Cerca das 8 horas da noite, o marquez de Jacarehy, nas suas funcções de reposteiro-mór, tomou o panno de velludo que revolia a éça e entregou-o ao guarda-tapeçarias. A corôa e sceptro, entregou-os ao moço da Camara, que estava incumbido de transportal-os ao coche funebre.

Eram 8 horas da noite quando se poz em marcha o funebre cortejo.

O caixão mortuario foi levado para o coche, pelos Marquezes de Santo Amaro, de Inhambupe, que pegaram nas alças da frente; seguindo-se os de Bae-pendy e de Nazareth; depois os de Queluz e de Paranaguá; finalmente seguravam nas de traz, o de Jundiahy e o General Conde de Lages.

Precediam o caixão, a Marqueza de Itaguahy, que fazia as vezes de Camareira Mór, e que era seguida de D. Francisca da Faria Lobato; vindo depois a princeza D. Maria da Gloria, que era acompanhada do Barão de Macahé.

«D. Maria da Gloria em pranto desfeito, acompanhou o caixão até ao ultimo degráo da escadaria do Palacio da Bôa Vista». (*Moreira de Azevedo, Rio de Janeiro, Vol. I, — Pag. 111*).

«E o cortejo mortuario, pausado e silencioso, atravessou pomposamente as salas do Paço. Desceu as largas escadarias. Alcançou por fim o coche funerario; aquelle coche vestuto e aparatoso ensombrado de plumas e de crêpes, com os seus machos negros e os seus quatro

trintanarios fardados de grande lucto». (Pag. 37 da ob. cit. de Paulo Setubal).

— Eram 8,30 minutos, quando o funebre e impressionante cortejo se poz em marcha na seguinte ordem: seis porteiros da Camara a cavallo com as respectivas insignias, abriam aquelle cortejo. Seguiam-se o Tenente da Imperial Guarda, sr. Francisco Xavier Raposo; o Corregedor do Crime da Côrte e Casa; em seguida a Côrte, os camaristas, veadores e officiaes môres da Casa, todos montados a cavallo e ladeados pelos creados, vestidos de libré. Vinha depois o cabido, presidido pelo conego Manoel Antonio Netto. Proximo ao coche, seguia á direita, como mordomo-mór, o exmo. sr. Francisco de Lima e Silva, e á esquerda, como reposteiro-mór, o marquez de Jacarépaguá, e no meio o estribeiro-mór, Gonçalo Germano de Araujo. Seguia-se o coche d'Estado e, depois a Imperial Guarda de Honra commandada pelo marechal Manoel José de Moraes: Vinham depois mais dois coches, puchados a 6 cavallos, no primeiro vinha a Côroa Imperial, e no segundo o Cura da Capella, depois marchavam as tropas que formavam um conjucto de quatro brigadas de infantaria e uma de artilharia.

Em seguida vinha o Estado Maior, tendo á frente o Marechal Miguel Simões de Moraes. Seguia-se uma grande fileira de carruagens conduzindo as pessôas que acompanharam o corpo até á ultima morada, fechando o cortejo funebre seguiu-se um destacamento de cavallaria em grande uniforme.

E assim, por entre as extensas fileiras de soldados que ininterruptas, se extendiam desde a Quinta da Boa Vista, até ao Convento da Ajuda, desfilou o cortejo, que era acompanhado por uma infinidade de tochas acesas, tornando o seu aspecto ainda mais impressionante.

«O sahimento funebre realizou-se á noite á luz fumarenta de tochas, do Paço de S. Christovão, com grande pompa e todas as honras devidas aos Chefes do Estado, no exercicio de cujo mandato, fallecera D. Leopoldina».

— «As bandas de musica militares, tocavam marchas fenebres durante a marcha do cortejo.

Eis como o joven allemão Eduardo Theodoro Bösche, em seu livro descreve a morte e o enterro de D. Leopoldina — «Produziu consternação geral a noticia da sua morte. Liam-se a tristeza e mais profunda afflicção em todos os rostos, pois a bondade e brandura da fallecida conquistara-lhe todos os corações.

«Ha alguma cousa de vulgar em dotar os principes fallecidos com virtudes, que elles só conheceram de nome; lendo-se os jornaes servis tem-se a impressão que taes elogios não passam de escarneos.

«Relativamente a esta princeza (D. Leopoldina), porém o sentimento era sincero, regavam o seu esquife funereo, copiosas lagrimas de gratidão e amôr. As solemnidades foram, na verdade impressionantes.

«Todas as egrejas estavam forradas de preto, com catafalcos rodeados de innumerous candelabros. Troavam os canhões de minuto a minuto, em signal de pesar.

«No 3.º dia, foi o corpo enterrado no «Mosteiro da Ajuda». A *castrum doloris* nesta egreja tinha uma apparencia devéras solemne, mostrava-se á luz vacillante de innumerous cirios e outros symbolos pertencentes ao dominio da morte».

«A's 10,30 da noite, chegou o feretro, acompanhado por pessoas trazendo tochas, ao Convento da Ajuda, onde se achavam a postos os batalhões de granadeiros allemães, com bandeiras envolvidas em crêpe. Era um espectaculo verdadeiramente impressionante, ver estampadas nas suas rudes physionomias uma grande dôr, porém silenciosa, uma grande e immensa tristeza, porém muda.

«Toda a attitudo denunciava este sentimento solenne e profundo. Pareciam membros de uma grande familia no tumulo recente de sua mãe fallecida.

«Oito camaristas levaram o caixão, do carro á igreja, — sendo a imperial senhora enterrada após tres salvas de infantaria e dos canhões.

«Quem jamais tiver occasião de assistir tal solennidade não se esquecerá facilmente da sua impressão». (*Bösche*).

— Eram 10,30 da noite, como já dissemos, quando o cortejo funebre chegou ao Convento da Ajuda, depois de ter feito o seguinte tracto:

Ruas: S. Christovão, Mata Porcos, Catumby, do Conde, do Lavrádio, Matta Cavallos, Mangueiras, Passeio Publico, até chegar ao já referido Convento, de onde 85 annos mais tarde, foi trasladado para o de Santo Antonio, que como já referimos em outra parte deste modesto trabalho, quem estas linhas escreve tomou parte nas cerimoniaes de então, como simples soldado do 52.º Batalhão de Caçadores. (1).

Todo o interior do Convento da Ajuda, estava armado de pesados pannos de velludo negro e ouro.

Ao lado direito se achava uma grande orchestra. Na nave, desde a entrada até os primeiros degrãos do altar mór, destacavam-se 4 êças de progressiva altura e numero de degrãos, á direita e á esquerda viam-se duas mesas forradas de velludo verde, com castiças e escrivaninhas de prata, junto ás grades do côro.

Assim que o cortejo chegou, a Irmandade da Misericordia veio incorporada retirar o caixão do coche e collocar-o sobre a primeira êça com um degrão e 6 tocheiros, muito simples e quasi rente ao chão (especie de canapé) na phrase de Fernando Denys.

Para esse effeito, o marquez de Jacarehy (Francisco Gordilho Barbuda), retirando o panno que forrava o ataúde, entregou-o áquella irmandade. (Moreira da Silva, obra citada).

«Nessa occasião a officialidade mór da Secretaria do Imperio, que se achava a uma das mesas junto, á

(1) Sobre os funeraes da nossa saudosa Imperatriz Leopoldina, fizeram commoventes descripções, o drs. Hermeto Lima, em seu artigo publicado no «Correio da Manhã» — «A Rua do Riachuelo», Max Fleuiss, no artigo «A paladina da nossa Independencia»; Odecio Bueno Camargo, no «A Morte da Imperatriz»; os historiadores Taunay, Fernando Denys, o «Diario Fluminense», de 1 de Dezembro de 1826, noticia transcripta por Henry Raffard, no seu livro «Pessôas e cousas do Brasil», o tenente allemão Carlos Seidler, o joven allemão Eduardo Theodoro Bösche, em seu livro «Quadros alternados de viagens terrestres e maritimas, aventuras, acontecimentos politicos, descripções de usos e costumes de povos durante uma viagem no Brasil, de 1824 a 1834». Debet, Moreira da Silva, e outros tambem fizeram identicas descripções.

porta, assignou ali uma copia de fechamento do caixão de chumbo a que se procedera no Paço e destinado a ficar em poder da abadessa do Convento; bem como a clausula da entrega á primeira requisição official que a Superiora firmou a seu lado, á outra mesa.

«Devido ao grande peso do caixão, fizeram-se a um tempo as 3 encommendações; a primeira pela Irmandade da Misericordia, a segunda pelo Capellão do Convento, clerigos e adjunctos; a terceira pelo sr. Bispo e conegos, cantando o officio dos mortos em missa coral.

«Os irmãos da Misericordia passaram então o ataúde para a segunda éça, mais alta, com dois degrãos e 10 toucheiros, em torno da qual formava o Senado da Camara do Rio de Janeiro, encarregando-se de officiar ali o cléro parochial. Em seguida os membros do Corpo Municipal carregaram o esquife para a terceira éça, com 3 degrãos e 12 toucheiros, mais sumptuosos que a segunda e junto a esta officiou, de pontifical, o bispo capellão-mór, cabendo á nobreza transportar o corpo para a quarta éça, a mais rica de todas. No côro, ouviam-se então os musicos da capella, casando-se ao canto chão dos padres.

«Finalmente, transportada a grade, foi o esquife levado ao catafalco definitivo, collocando-se a corôa de ouro sobre o panno mortuario que o envolvia.

«Feito isto, a porta do côro fechou-se e o encerramento das cerimoniaes funebres foi annunciado ao povo por successivas descargas do parque de artilharia, que acompanhava o cortejo, repetidas pelas fortalezas da barra. Eram 2 horas da madrugada...

«Toda a cerimonia durara 6 horas, das quaes 2 gastas com o itinerario do prestito e 4 no interior do claustro, acceso, forrado de alto a baixo, de pesados pannos de velludo preto, apinhado de gente, sob o acabrunhador de uma noite de verão no antigo Rio de Janeiro.

«O catafalco da Imperatriz Leopoldina, nos foi descripto por Debret, como uma obra prima de marcenaria; todo de ebano, com incrustações de fios de cobre dourado, tendo embutidas as armas do Imperio. Foi adoptado para esse fim a que anteriormente se construira para os funeraes de D. Maria I, fallecida no Rio, em 1816.

«As portas de ingresso para o recinto desse catafalco ficaram abertas durante 8 dias, após o que, sómente se descerraram na data commemorativa, mantendo sempre as religiosas uma lampada bruxuleante no interior da Capella».

Sobre a verdadeira enfermidade da Imperatriz, escreveu o brilhante historiador patricio dr. Hermetto de Lima: «Nesse dia (14 de Novembro de 1826), todos perguntavam de que molestia morrera a Imperatriz? Diziam os inimigos politicos de D. Pedro I, que fôra devido a um ponta-pé que o Imperador lhe applicara no ventre. Pura invencionice. A Imperatriz fallecera de complicações que antecederam ao parto. O seu medico assistente, dr. Torres Homem, (barão de Inhomérin), affirma que a molestia da real senhora começára por uma constipação, sobrevindo depois dôres nos braços e na direcção do nervo cyatico e, finalmente, uma serie de padecimentos diversos, que se succederam uns aos outros, com differente apparencia, mas sendo, na realidade de uma causa commum: o estado de gravidez.

Em consequencia do fallecimento da Imperatriz D. Leopoldina, fecharam-se os tribunaes por 8 dias, e decretou-se luto nacional por 6 mezes. No dia de seu fallecimento, os navios e fortalezas içaram os pavilhões á meia-haste, deram salvas de dez em dez minutos.

Falleceu D. Leopoldina com 30 annos de idade incompletos.

Na mesma noite em que se sepultou a Imperatriz começou a se espalhar que ella tinha sido envenenada, motivando com isso, a residencia de D. Domitilia ser assaltada e apedrejada, pois que os populares estavam convencidos que a envenenadora fôra a concubina de D. Pedro (1).

(1) No livro do tenente allemão Seidler, que nessa occasião estava no Rio de Janeiro, affirma que a Imperatriz fôra envenenada. Tambem o consul da Prussia, Barão de Olfers, narrou que D. Domitilia, escrevera ao Imperador, que estava no Sul, contando-lhe o perigo em que se achou exposta em vista «de uma população que não cessava de se incitar contra ella».

Sobre essa ultima dama transcrevemos neste capitulo umas notas ineditas do sr. Flavio Heleno (pseudonymo do sr. dr. Tacito Salgado), sob a epigraphe:

A Marqueza de Santos e a Imperatriz moribunda.

«Porque não consentiram que a Marqueza de Santos penetrasse no aposento onde agonisava a Imperatriz Leopoldina?

Receiaram acaso que a favorita de D. Pedro I [pretendesse infligir mais uma humilhação á imperial moribunda, ou que a esta fosse odiosa a presença daquella em seu quarto, junto ao seu leito de morte?

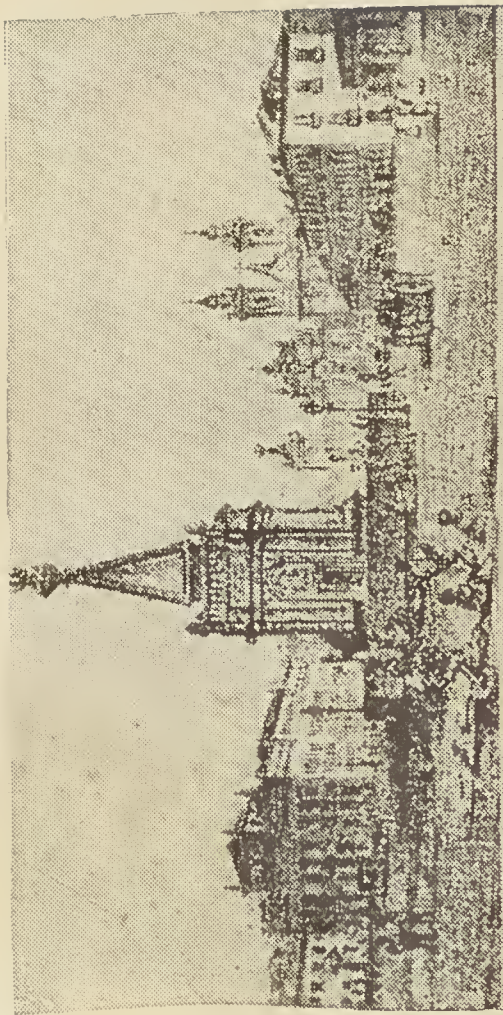
Para mim nenhuma dessas razões constituem motivo para que assim se procedesse.

Nunca me poderei convencer que a formosa paulista, cujas fraquezas do coração (quantos não as tem tido) devem ser julgadas com menos severidade, desejasse num tão angustioso e solemne momento offender a desgraçada agonizante que nunca lhe fizera mal algum e que, rudemente expirava, o ter acceito em má hora, ser esposa do violento filho de Carlota Joaquina.

Quem não respeita a apparição do anjo da morte? Os mais crueis, os mais duros tremem deante delle; porque D. Domitilia haveria de afrontal-o e desrespeital-o; julgar capaz disso um coração feminino, só porque fraquejou deante do amor ou da vaidade, é uma vilania.

A Marqueza de Santos creio, e isto tenho certo, insistindo em se approximar da Imperatriz moribunda queria, affirma-me inabalavel o coração, prostrar-se aos pés daquella cujos dias encherá de amargura e rogar-lhe o perdão que se tivesse conseguido talvez a levasse a procurar na paz de um claustro ou em outro qualquer refugio, a solidão necessaria para chorar o remorso pungente de ter feito soffrer tanto a desventurada nóra de D. João VI.

Tambem jámais poderei crer que o coração da Imperatriz Leopoldina, abrigo de tantas virtudes, sentisse odio pela favorita, mormente num momento daquelles. Este sentimento nunca habitou o coração das princezas da casa d'Austria. A historia nos ensina em paginas commoventes, que a bella e infeliz Rainha Maria Antonietta em sua carta testamento, escripta horas antes



Carro do Paço, Palacio Savella Imperial e Carmo

O "Paço" da cidade no tempo da Imperatriz D. Leopoldina.

de subir ao cadafalso, pedia ao filho que não odiasse os seus algozes e ella propria só sentia por elles compaixão e desprezo.

A Imperatriz tambem era muito digna filha da casa d'Austria, muito nobre descendente dos Cesares de Habsburgo e sobretudo muito fervorosa serva de Jesus para odiar quem, como os algozes da esposa de Luiz XVI, só lhe merecia compaixão e desprezo.

E talvez que desejasse vêr ao pé de si nos ultimos momentos a Marqueza para lhe dizer o quanto se apiedava della e sinceramente a perdoava pelo mal que lhe fizera...

Entre essas duas mulheres, uma descendente de Cesares, outra de burguezes, uma nascida num throno, outra num modesto lar, uma coroada pela gerarchia, outra pelo escandaloso amor de um monarcha imprudente, não podia haver odio, talvez resentimento, mas este desappareceria numa hora tão angustiosa para ambas, numa hora em que uma fugia para um reino onde a felicidade é curta, suprema e eterna e a outra ficava cá por este mundo, onde a menor ventura se paga com o maior e mais douradouro dos soffrimentos».

VIII

D. Pedro I parte para o Sul — A morte da Imperatriz — O regresso do Imperador para o Rio — A demissão do Ministro da Marinha — Epilogo.

D. Pedro I, por fim, em 1826, resolveu fazer uma viagem ao Sul, com o fito de animar com sua presença o povo rio-grandense.

A 24 de Novembro daquelle anno, o Imperador partiu do Rio de Janeiro, afim de assumir o commando do Exercito. Era elle um homem tenaz, destemido e de genio imperioso e arbitrario, amante da gloria e possuia grandes qualidades e não pequenos defeitos.

D. Pedro contava no proprio seio da Patria com muito energica opposição mas estava convencido da grande conveniencia politica de ser mantida a união da

Banda Oriental do Brasil, baseando-se para isso, sobretudo, no voto dado em Julho de 1821, pelo Congresso dos Representantes de todo o Estado Oriental, a favor da incorporação ao Imperio e nos votos de todos os Calildos da Campanha, que subsequentemente o aclamaram seu Imperador. Por isso, era surdo á grita opposicionista. (Pag. 163, I vol. Hist. General Osorio, por Fernando Osorio).

Apezar de enormes e crescentes despezas e dos amplos recursos acumulados — a campanha cisplatina prolongava-se além de toda a espectativa.

D. Pedro I desejava vêr pessoalmente as condições em que se achava o Exercito, que ha tanto tempo se organizava e disciplinava quasi em frente ao inimigo; desejava vêr em pessoa as necessidades das tropas, e julgava que sua presença no theatro das operações, daria fórte impulso á campanha.

— A 23 de Novembro o Imperador, em companhia do Visconde de S. Leopoldo, embarcou na náu «D. Pedro I», que largou na manhã de 24 do porto do Rio de Janeiro. (1).

No dia seguinte (25) seguiu ás aguas da esquadilha imperial, a corveta «Duqueza de Goyaz», transportando o marechal Braun, em companhia de sua familia; esse havia sido contractado na Europa para chefe do Estado-Maior do Exercito, em operações no Sul.

A 29 do mesmo mez, a esquadra chegou a Santa Catharina; dahi D. Pedro ás 4 horas da tarde do dia seguinte, seguiu por terra para Porto Alegre. Nesta cidade embarcou novamente para o Rio Grande. Sendo

(1) Faziam parte da esquadilha imperial além daquella náu, a fragata «Isabel» e 7 transportes; tendo o vice-almirante conde de Souzel, sua insignia na «D. Pedro I». A bordo dos transportes seguiram o batalhão 27.º (de caçadores) composto de allemães, officiaes e soldados da Bahia e Pernambuco, formando um total de 800 homens. No 4.º dia de viagem surgiram no meio da esquadilha os corsarios «Sarandy» e «Chacabuco», estando num delles o proprio almirante Brown. Sobre esse facto, faço referencia minuciosa no meu livro «A guerra entre o Brasil e a Republica Argentina em 1827».

contrariado pelos ventos, tomou caminho por terra; de S. Caetano á Villa de S. José do Norte; passou pela cidade do Rio Grande onde chegou a 8 de Dezembro; ahí recebeu a noticia da morte de D. Leopoldina, e então, sem perda de tempo, resolveu voltar á Côrte, o que fez. (1)

Na villa de S. José do Norte, de regresso, tão inquieto e frenetico andava que, assistindo ao serviço dos peões encarregados de atrellar os cavallos ao carro que o devia conduzir a S. Caetano, incommodou-se com um desses peões de nome Guerreiro, por lhe parecer vagozoso, e pessoalmente castigou-o com o pequeno chicote que trazia comsigo. O infeliz humilhou-se, mas o procedimento de D. Pedro produziu indignação nos circumstantes. (2).

«Esse acto do Imperador, não indo se pôr á frente das operações, diminuiu muito o seu prestigio, a ponto de obrigar seus amigos, zelosos de sua gloria, a desejarem que antes não apprehendesse semelhante viagem». (Visconde de S. Leopoldo — Memorias publicadas na Revista do Instituto Historico do Rio de Janeiro).

Houve até quem chegasse a pôr em duvida a coragem de D. Pedro, visto não se ter ido collocar á testa do Exercito. (3).

(1) O Barão do Rio Branco contesta ter sido a morte da Imperatriz D. Leopoldina o motivo do repentino regresso de D. Pedro; este, a 16 de Dezembro, lançava no Rio Grande uma proclamação em que fazia vêr a necessidade de seu regresso ao Rio de Janeiro, e que nessa data ainda não se sabia da morte de sua esposa, noticia que só foi trazida á cidade do Rio Grande pelo brigue norte-americano «Emma», que sahira do Rio de Janeiro a 13 do mesmo mez. (EpheMERIDES BRASILEIRAS. Pag. 584 — Barão do Rio Branco).

(2) Informações do sr. José de Campos, xarqueador da cidade de Pelotas, testemunha presencial. (Hist. do General Osorio, cit.).

(3) Quanto ao facto de ser D. Pedro corajoso e valente, é incontestavel, disso elle varias vezes deu provas; principalmente quando tomou parte nos bombardeios, combates, etc., durante o cerco do Porto, de 1832 a 1834.

D. Pedro estava de regresso a Santa Catharina. Ali chegara depois de uma viagem apressadissima.

No seu regresso, D. Pedro, naquella Provincia, tão ansioso estava de partir o mais depressa possível para o Rio de Janeiro, que nem esperou que um navio que chegara naquella mesma occasião, refrescasse e recebesse mantimentos, dando ordem para que o mesmo se apromptasse para seguir rumo á capital do Imperio no mesmo dia. Resultou essa embarcação fazer uma viagem atri- bulada, tendo sua tripulação soffrido fome e sêde.

Chegando D. Pedro ao Rio de Janeiro, desembarcou a 15 de Janeiro de 1827, no Arsenal de Marinha, sem apparatus algum, sendo recebido pelo ministro da Marinha e mais alguns titulares.

Mal chegou ao Paço, o Imperador escreveu ao ministro da Marinha um memorandum, no qual lhe concedia a demissão. (1).

A 15 de Janeiro de 1827, mudava-se a situação politica com a retirada brusca do gabinete Paranaguá.

Em seguida trancou-se D. Pedro I oito dias no Paço, para depois, chorar sua viuvez nos braços da sua «Titilia». (*Os amores de D. Pedro e a morte da Imperatriz. R. Mendes Ribeiro*).

Mas se assim fez, logo depois recomeçou a vida de aventuras amorosas que antes da sua partida para o Sul levava, isto é, quanto á sua paixão por D. Domitilia.

Quanto ao facto de ter D. Pedro sentido ou não a morte da Imperatriz, ha quem ponha duvida, assim como ha quem affirme que elle sentiu.

D. Pedro I ainda se achava no Sul, quando recebeu do Bispo Diocesano do Rio de Janeiro segundo uns, e do Frei Arrabida segundo outros, uma carta na qual narra o triste acontecimento, terminando a mesma assim: «Até a penna se recusa a escrever...

A virtuosa Imperatriz já não existe».

(1) Affirmam as chronicas que o motivo da demissão de Paranaguá foi causado pelo incidente entre o mesmo e D. Domitilia, por occasião da enfermidade de D. Leopoldina.

O remorso devia ter-lhe povoado o cerebro, ao lembrar-se das suas brutalidades para com a sua meiga e virtuosa esposa.

«Apezar de mau marido, chorou o Imperador a morte de D. Leopoldina». (Pag. 182 *Hist. do Brasil* — Dr. Mario da Veiga Cabral).

E' da lavra de D. Pedro I, o seguinte soneto sobre o triste desenlace da sua esposa:

*«A' sempre para mim sentida morte
da minha adorada esposa — a Imperatriz.*

Deus eterno, porque me arrebataste
A minha muito amada Imperatriz?
Tua divina vontade assim o quiz?
Sabe que o meu coração dilaceraste.

Tu de certo contra mim te iraste
Eu não sei o motivo nem que fiz
E co'aquelle direi, que sempre diz:
Tu m'a deste, Senhor, tu m'a tiraste!

Ella me amava c'o maior amor,
E eu nella admirava a honestidade:
Sinto o meu coração quebrar de dôr.

O mundo não verá mais noutra idade
Modelo mais perfeito nem melhor
D'honra e candura, amor e caridade.

Ainda sobre «a morte da Imperatriz», diz o nosso illustre patricio Dr. Hermetto de Lima: «A Imperatriz no seu leito de dôres, não cessára de dizer «que D. Pedro a estimára sempre, e que só o verdor de seus annos o haviam excitado a commetter acções que ella perdoava, sentindo não o ter a seu lado nos seus ultimos momentos. Vendo que ia morrer, despediu-se de todos, pedindo-lhes que perdoassem qualquer resentimento que porventura ella lhes tivesse causado. (*Notas citadas*).

— Referem as chronicas, que pouco depois da sua chegada ao Sul, mandou D. Pedro I, dar um banquete no Palacio Imperial da Quinta da Bôa Vista, o qual foi

acompanhado de danças, sendo que o Imperador e a Baroneza de Sorocaba, formando um par abriram o baile. (1).

No momento em que começara o banquete, reparou D. Pedro que o mesmo estava se realizando na sala onde estivera armado o cataphalco da Imperatriz Leopoldina, e ainda mais que por uma coincidência singular elle se sentara mesmo em frente ao retrato a oleo da sua fallecida esposa, que, nelle, parecia censurar-lhe, por estar tomando parte naquelle banquete. Era esse retrato em ponto grande, e estava sorrindo. Affirma-se que por mais que D. Pedro quizesse retirar os olhos daquelle retrato, não o podia fazer, pois uma força magnetica, o attrahia para o mesmo.

Sentindo-se incommodado, retirou-se D. Pedro para os seus aposentos, onde teve um ataque epilectico.

Ao mesmo banquete haviam comparecido pessôas da mais alta linhagem.

Foi logo após esse banquete que chegou do Sul, o marechal marquez de Barbacena.

Esse illustre militar mal aportou ao Rio de Janeiro, foi incumbido de fazer uma viagem á Europa com a dupla missão, de acompanhar a princeza D. Maria da Gloria, que deveria ser aclamada rainha de Portugal, e de arranjar uma noiva para o Imperador. (2).

Em 1827, chegando o marquez de Barbacena do Sul, teve da parte de D. Pedro I, a incumbencia de se-

(1) Conforme rezam as chronicas, D. Domitilia estava presente a essa festa, e encheu-se de ciumes, vendo D. Pedro iniciar as danças formando par com a Baroneza de Sorocaba. Pouco depois aconteceu soffrer esta ultima um attentado, no qual quasi perdeu a vida; foi accusada D. Domitilia como a mandante directa desse attentado.

(2) Barbacena luctou com difficuldade para arranjar noiva para D. Pedro, pois um dos obstaculos era o facto de D. Domitilia de Castro residir na capital do Imperio. Foi por isso D. Pedro forçado a despachar essa dama para S. Paulo. Quanto a D. Maria da Gloria teve que voltar para o Brasil, em vista de seu tio D. Miguel ter usurpado o throno de Portugal.

guir para a Europa, tendo entre outras missões, a de arranjar umá noiva para aquelle Imperador.

Não foi feliz aquelle marquez em sua missão, pois tendo percorrido algumas côrtes europeas sem conseguir uma princeza para esposa de D. Pedro I, regressou ao Brasil.

Como é sabido, nesse mesmo anno (1827), D. Miguel chegou no dia 22 de Fevereiro em Lisbôa, assumindo no dia 29 a regencia do paiz, jurando a «Carta Constitucional». Porém, a 14 de Março, por ordem d'elle, são dissolvidas as Camaras, e é decretado a prohibição do hymno da «Carta». A 25 de Abril, D. Miguel é aclamado Rei Absoluto de Portugal.

! E assim é usurpado o throno que por direito legitimo pertencia a D. Maria da Gloria. — a primogenita de D. Pedro I e D. Leopoldina.

Começa então Portugal a passar por uma crise tremenda isto é, o paiz fica dahi sujeito a uma série de pronunciamentos, insurreições, e finalmente a grande guerra civil, correndo a jorros o sangue lusitano, até que se deu a victoria naval do Cabo de S. Vicente, onde a esquadra liberal, commandada pelo almirante inglez Napier, derrota a miguelista; esta victoria foi decisiva para que o throno fosse entregue a D. Maria da Gloria. (1).

D. Miguel, tendo usurpado o throno, repelliu a proposta de casamento com sua sobrinha D. Maria da Gloria, que acompanhara o marquez de Barbacena em uma segunda viagem á Europa, vindo este titular com a dupla missão: arranjar uma noiva para D. Pedro I, e acompanhar a primogenita de D. Leopoldina e D. Pedro á Europa.

Mais uma vez lutou Barbacena bastante, em sua missão de arranjar uma noiva para D. Pedro, até que conseguiu na pessoa da joven princeza bavara D. Amelia de Leuchtemberg.

(1) D. Miguel instituiu no paiz o terror, de 1828 a 1834, subiram ao patibulo 115 pessoas, que foram enforcadas; grande numero de pessoas foram presas ou deportadas.

Em vista da repulsa de D. Miguel em casar-se com sua sobrinha D. Maria da Gloria, esta regressou ao Brasil, vindo em companhia de D. Amelia Leuchtemberg, desembarcando no Rio de Janeiro a 17 de Outubro de 1830, sendo celebrada com grandes pompas, a cerimonia do casamento dessa princeza com D. Pedro I, apezar da chuva torrencial que durante todo o dia cahiu.

— Já estava aquelle Imperador na mais franca impopularidade, sendo-lhe feita tremenda opposição, principalmente pela imprensa. Resolveu D. Pedro visitar Minas Geraes, que era a provincia que mais hostil se lhe mostrava, afim de vêr se acalmava os animos.

Partiu o Imperador acompanhado da Imperatriz D. Amelia a 30 de Dezembro de 1830, rumo a Ouro Preto, então capital daquella provincia. Ahi foi recebido apenas pelo elemento official, podendo D. Pedro ouvir em diversas localidades dobres de sino a pretexto de exequias por alma do jornalista e medico liberal italiano, redactor do «Observador Constitucional» João Baptista Libero Badaró, assassinado em S. Paulo, e celebradas intencionalmente no dia da chegada de D. Pedro I.

Na capital mineira, a 22 de Fevereiro de 1831, publicou D. Pedro uma proclamação em que exprojava os excessos da imprensa e, pouco depois regressava ao Rio, excessivamente desgostoso, chegando áquella capital a 11 de Março daquelle anno. Quizeram os portuguezes festejar a chegada do Imperador, dando isso motivo a manifestações em contrario da parte dos brasileiros, nas noites de 11, 12 e 13, principalmente na ultima, que é conhecida por «Noite das garrafadas», visto os portuguezes terem aggreddido aos brasileiros com garrafas.

Foi então que se reuniram 23 deputados e o senador Vergueiro, em casa do padre José Custodio Dias, deputado por Minas, ahi redigiram directamente ao Imperador uma representação energica, exigindo uma representação do governo e o castigo dos portuguezes envolvidos no facto. Essa representação foi publicada nos jornaes, o que accendeu ainda mais os animos contra o Imperador. Este, tendo a 25 de Março comparecido sem ser convidado a um «Te Deum» mandado celebrar pelos liberaes, na Igreja S. Francisco de Paula, foi recebido hostilmente pelo povo.

A 5 de Abril D. Pedro demittiu o ministerio, substituindo por um outro que era antipathico ao povo. Este, no dia seguinte, reunido á tropa, ás 2 horas da tarde no Campo de Sant'Anna, mandou ás 6 horas a S. Christovam, uma deputação de tres juizes de paz, pedindo a restituição do antigo ministerio. D. Pedro negou-se a demittir o ministerio antipathico.

A' causa popular ia tendo adhesões; inclusive os homens mais eminentes, como os tres irmãos Lima e Silva; o proprio Batalhão do Imperador aquartelado em S. Christovam fez causa commum com os revoltosos, aos quaes se reuniu ás 11 horas da noite de 6. Por fim tambem se reuniu aos mesmos o Regimento de Artilharia Montada.

A' meia noite, foi ao Palacio Imperial o major Miguel de Frias e Vasconcellos, encarregado de fazer ver a D. Pedro a gravidade da situação. A esse, o Imperador respondeu: *«Certamente não nomearei o ministerio que querem; a minha honra e a Constituição m'o não permitem; prefiro antes abdicar, ou morrer, do que fazer uma tal nomeação»*.

Finalmente, ás 2 horas da manhã de 7, sem ouvir conselho de ninguém, nem mesmo informar o ministerio, escreveu o seu acto de abdicação, com os seguintes termos: *«Usando do direito que a Constituição me concede, declaro que hei mui voluntariamente abdicado na pessoa de meu mui amado e prezado filho, o sr. D. Pedro de Alcantara. — Bôa Vista, 7 de Abril de 1831, decimo da Independencia e do Imperio»*.

Em seguida entregou esse documento ao major Frias, e com os olhos razos de lagrimas disse D. Pedro: *«Aqui têm a minha abdicação; estimarei que sejam felizes. Retiro-me para a Europa e deixo um paiz que sêmpre amei e que amo ainda»*.

Ainda côm data de 6 de Abril, decretara para tutor de seus filhos, o principe D. Pedro e as princezas Francisca, Januaria e Paula, a José Bonifácio, escrevendo a esse, naquelle sentido, uma carta amistosa.

D. Pedro, com uma parte de sua familia, partiu para bordo da fragata ingleza *«Warspite»*, commandada pelo capitão Tolbot onde se conservou 6 dias, findo os

quaes se passou para a fragata tambem ingleza «*Voyage*», commandada por Lord Colchester, na qual partiu a 13 para a Europa. Sua filha D. Maria da Gloria e sua comitiva seguiram a bordo da fragata franceza «*La Seine*».

Chegando a Cherburgo, D. Pedro alli se demorou pouco tempo, seguindo depois com D. Maria da Gloria para a Inglaterra, onde estavam numerosos emigrados liberaes. Em Londres, organisou D. Pedro com seus partidarios emigrados e mercenarios inglezes, francezes, belgas e allemães, uma expedição que partiu para Belle-Isle, e dahi, a 10 de Fevereiro de 1832, para a Terceira, indo D. Pedro numa das náos para S. Miguel, e o resto da expedição para a Terceira; chegando nesta ilha, D. Pedro, a 3 de Março assumiu ahi, a regencia.

De 20 para 22 de Junho, as forças liberaes, os «*celebres 7.500 constitucionaes*», embarcaram em 50 navios e transportes, que depois de 5 dias de espera deixaram o porto a 27 de Junho, desembarcando a 9 de Julho na praia de Mindello, onde não encontraram resistencia por parte de uma força destacada da divisão do general Santa Martha, e que era commandada pelo commandante Cardoso. No mesmo dia (9), D. Pedro á frente dos liberaes entrou no Porto, que é evacuada por Santa Martha. Este pôe logo em sitio essa cidade, que resistiu heroicamente a força muito mais numerosas, durante quasi dois annos.

Essa longa e sanguinolenta lucta fraticida terminou pela *Convenção de Evora-Monte* a 24 de Abril de 1834, assignada pelos marechaes duques de Saldanha e da Terceira, por parte dos liberaes, e pelo general Lemos pelos absolutistas.

D. Pedro decretou a amnistia e as estipulações daquella Convenção.

D. Maria da Gloria começára a reinar a 20 de Setembro; a 24 desse mesmo mez D. Pedro IV falleceu nos braços de D. Amelia de Leutchtemberg.

— Durante aquella guerra civil, D. Pedro, portou-se, mal grado algumas vezes mostrar-se bastante desanimado, com coragem e valentia admiraveis; assistia sempre aos combates e bombardeios, sem temer sua vida.

Elle, que recebera pessima educação no Paço de S. Christovám, era possuidor de grande intelligencia, e algumas vezes teve rasgos que attenuaram os seus multiplos defeitos.

Muitos erros commetteu, porém, devemos-lhe, gratidão, pois que, se bem que por um acto repentino o brado do Ypiranga é obra sua.

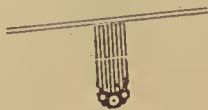
A sua conducta para com sua primeira esposa — a Impératriz D. Leopoldina, *é que não podemos lhe perdoar.*

— «No acto da abdicação a 7 de Abril de 1831, «procedeu D. Pedro com criterio, pois não querendo attender os reclamos da opinião era este o unico alvitre a tomar». (*Do Hist. do 1.º Regt. de Cavallaria*).





ANNEXOS





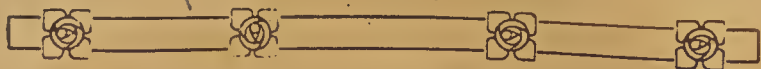
MARQUEZ DE BARBACENA.

Marquez de Barbacena, o comandante em chefe do Exército Brasileiro, na Batalha de Ituzaingó.



Jose Feliciano Fernandes
Pinheiro, visconde de S. Leopoldo,
homem d'estado e historiador
conselheiro. (1774-1836)

Visconde de S. Leopoldo (1774-1836), estadista paulista que acompanhou D. Pedro I ao Sul em 1827.



Annexos

Minhas recordações sobre a transladação dos restos mortaes da Imperatriz D. Leopoldina, do Convento da Ajuda para o dito de Santo Antonio.

A 5 de Novembro de 1911, fui scientificado pelo sargenteante da minha companhia — «a 3.^a do 52.^o Batalhão de Caçadores» — que estava escalado para fazer parte de uma turma de soldados daquelle nosso batalhão, que ia tomar parte na transladação dos restos funebres da nossa Primeira Imperatriz, D. Leopoldina, do Convento da Ajuda para o dito de Santo Antonio.

Trajando o vistoso 3.^o uniforme, formamos sob o commando do 3.^o sargento A. Klier (hoje 1.^o tenente medico), seguindo depois a turma, que se compunha de 50 soldados, para o secular convento, que, apesar das suas tradições ia ser demolido, porque o «Progresso» assim exigia.

Dalli, por iniciativa do então coronel Raymundo Agostinho Gomes de Castro, seria organizado o cortejo funebre.

Além daquelle militar patriota e republicano, viam-se diversos monarchistas illustres, como o marquez de Paranaguá, Visconde de Ouro Preto, Dr. Carlos de Laet, conde Affonso Celso, etc.

— Em momentos rapidos estive carregando o ataúde onde repousam os despojos da nossa primeira Imperatriz, sendo por fim designado para mim e mais 3 soldados da 2.^a companhia, um pequeno caixão de listras douradas e vermelhas, no qual repousavam os restos mortaes de uma das princezas falecida com mezes de idade. A outra princeza era adulta.

O prestito funebre percorreu a avenida Rio Branco, rua e largo da Carioca, até chegar ao morro de Santo Antonio, onde, no Convento do mesmo nome, ficaram depositados aquelles despojos.

POUCAS MISSÕES HONRAR-ME-HÃO TANTO COMO ESSA.

.
.
.

Nos ultimos dias de Outubro o Convento da Ajuda foi franqueado á visita do publico, pois o mesmo ia ser demolido, porque, como acima dissemos, «O Progresso» assim exigia.

Estivemos em visita ao velho edificio, já sem as religiosas que lá habitavam em doce e santa paz, e que tinham ido para um convento provisorio á rua Conde de Bom Fim, na Tijuca, de onde depois sahiram para, no mesmo, se estabelecerem os frades capuchinhos que haviam deixado o seu tradicional convento do Morro do Castello, que ia ser tambem arrasado.

A 24 de Novembro de 1826, D. Pedro partiu para o Sul, afim de pessoalmente commandar o nosso Exercito em operações contra a Argentina.

Os padecimentos physicos da nossa Imperatriz D. Leopoldina aggravaram-se vindo a fallecer nos braços do Bispo do Rio de Janeiro, em 11 de Dezembro.

Quando sentiu-se ás portas da morte, mandou chamar todas as pessoas do palacio, inclusivé os ultimos creados, aos quaes pediu-lhes que perdoassem-lhe qualquer acto seu que os tivesse magoado.

Todos choravam... pois era adorada por todos essa virtuosa Imperatriz.

Os seus funeraes foram dos mais solemnes que se tem visto no Rio de Janeiro.

O seu attaué foi carregado do Palacio Imperial para o coche funebre por camaristas do Palacio, formando para prestar-lhe as honras funebres, toda a guarda da cidade, inclusivé o 28.º de Caçadores, o 2.º e o 3.º de Granadeiros, formados estes corpos de soldados allemães — *para 85 annos depois ser carregado*

de onde ficara, para o Convento de Santo Antonio por soldados do 52 B. C. o garboso, mais disciplinado e instruido corpo do nosso Exercito daquelle tempo, sendo um daquelles soldados, quem estas linhas escreve.

São Paulo, 3 de Maio de 1922.

(Artigo publicado no «Diario Popular»).

Cartas ineditas da Imperatriz D. Leopoldina a José Bonifacio

«Tão grande, frequentemente ainda, é a insufficiencia de documentação impressa acerca dos factos e das figuras maximas de nossa historia, que tal ausencia de provas põe os historiadores em embaraço para formarem juizo a respeito de homens e coisas, sobretudo quando controvertidas se mostram as opiniões. Tal é o caso da Imperatriz D. Leopoldina. A corrente predominante a seu respeito, comprehendendo a immensa maioria das opiniões, é que essa illustre princeza prestou os mais relevantes serviços á causa da independencia brasileira. Assim, desde longa data, proclamaram as vozes autorizadas de Drumond e de Varnhagen, entre tantas mais, sem contar a «vox Dei», de origem popular. Ha, porém, um certo numero de rebeldes a este modo de pensar. Dizem alguns que o seu papel foi apagado, no conjuncto dos acontecimentos de 1822; chegam outros, até, a affirmar que se mostrou infensa á nossa causa nacional.

Valiosissima dadiva, que ás colleções do Museu Paulista acaba de fazer o dr. Paulo de Souza Queiroz, de grande parte do archivo do Patriarcha da Independencia — passado ás mãos do primeiro Martim Francisco e destas ás de José Bonifacio, o Moço, e ás da filha deste, a exma. sra. d. Narcisa Andrada de Souza Queiroz, esposa do generoso doador — permite-me percorrer uma série de onze cartas e bilhetes intimos de Leopoldina de Habsburgo, então ainda princeza real, a José Bonifacio. São interessantes, apezar do laconismo e, creio que, em geral, provas testemunhaes importantes, de quanto não assiste razão aos que contrariam a versão,

quasi universalmente acceita, de que a primeira imperatriz do Brasil haja sido uma grande amiga e fatora de nossa liberdade.

Para uma estrangeira, e para o tempo, as cartas de D. Leopoldina se apresentam bem escriptas, quanto á orthographia e syntaxe portuguezas. O marido, por exemplo, escrevia peor do que ella.

Singelas, traçadas com toda e despreocupação, reflectem a lealdade de sua autora, e a confiança completa que depositava no illustre correspondente, por quem como é sabido, professava grande admiração.

Como tudo, era, então, mais simples! pasmosamente menos complicado! Que côrte desataviada essa do Brasil, em que a regente recebia cartas das mãos de pretos e mandava saber do destino de umas encomendasinhas do seu «Adorado Esposo», e assim por deante.

Infelizmente, nenhuma das missivas é datada, mas, todas, evidentemente, procedem do periodo de janeiro a agosto de 1822, havendo a maioria sido escripta durante as viagens de d. Pedro a Minas e São Paulo.

Em todas que se referem aos acontecimentos do dia, se nota quanto é firme o desejo da archiduzequa em cooperar na independencia do Brasil e quanto fundamentalmente aborrece o partido portuguez e recolonizador.

Assim intervém numa questão do convento de Santo Antonio, onde havia brigas entre «bicudos» e brasileiros:

«O Padre Mestre San'Paio me pede de falar-lhe em este requerimento aqui incluso, depois do Aviso que foi aos rebeldes do Convento, fizerão mais successos que nunca, athé ameaçar os Mestres de morte, e fallando contra o systema d'agora; que eu acho que he preciso mandar outro avizo; dizem elles ser preciso as 2 horas da tarde, temendo que os criminosos fugem, (sic), e dando authoridade ao Guardião de castigalos ao rigor.

Esteja persuadido de toda a amizade e estima Desta Sua Ama

Princeza».

Avisa depois a José Bonifacio da presença, no Rio de Janeiro, de um espião das Côrtes:

«Tive agora a noticia bem desagradavel, para meu modo de pensar e ver, q. a tropa de 600 homens de Lisboa tem entrada (sic) na Bahia e que não se sabe

nada da nossa Esquadra; se he por falta della hum bem rigoroso castigo mereceu.

Fallei hontem co o «Verissimo»; dei-lhe hun Vomitorio o q. pôde (sic) tirar delle foi q. sahio de Lisboa faz 3 mezes, tocou somente nos Estados Unidos, em negocios da facciosas Cortes, e por ordem dellas; fica cá mais não me quiz dizer — mas q. se segue se pode julgar coiza boa não he.

Tenha certeza da minha inalteravel Amizade e Estima

Desta Sua Ama Princeza».

Falla-lhe, depois, de outro espião:

«Augusto Brandt dizem ser spia (sic) de Lisboa, disse na casa do Mallet e em outras que mtº. estimaria que chegassem as naus de Lisboa para insignar-lhe (sic) donde havião d'attacar a erruinar o Brasil».

Previne ao grande Andrada da inconveniencia de uma nomeação, para o governo de Santa Catharina, de um inimigo do Brasil:

«Acho meu dever, como eu dezejo certamente muito vivamente a honora (sic) e felicidade de nosso amado Brasil dizer-lhe que o Governador que vai para Sta. Catharina, não he capaz, foi (sic) avisado hoje para muitos Amigos verdadeiros e sinceros de nossa causa que Soares he muito pé de chumbo, sua conducta em Pernambuco tem sido pessima e aqui foi muito fallador a favor das Côrtes de Lisboa, veja que se ha de fazer é melhor tardar em a ida de tal subjectinio (sic) athé a vinda de meu adorado Esposo. Esteja persuadido de toda a minha Amizade e Estima Desta Sua Ama

Princeza».

Indigna-se com o atrevimento de inimigos da causa brasileira e conta que a um delles deu energica resposta ás insolencias:

«Creio que he o melhor receber os dois Francezes, amanhã, a 1 hora, depois do Despacho; fallei ao Capitão do Correio, q. tem sido tão disavergonhado (sic) de dizer-me em Lisboa todo (sic) esta socegado q. aqui em pouco todo (sic) andarã em inquietação, de modo que eu lhe respondi que nós não tememos ninguem (sic) e estamos promptos a insignar (sic) Marottos.

Esteja persuadido de toda a Amizade e Estima
Desta Sua Ama

Princeza».

Refere incidentes relativos a questões entre partidarios da independencia e da sujeição a Portugal, alvitando medidas de prudencia e paciência:

«Depois de eu mandar-lhe fallar pelo Antonio Telles (o Marquez de Rezende, provavelmente) ao Frei Jozé que foi hontem na sua partida da Gloria, complimentado (sic) por Bicudo, o qual nome muito bem merece, lembrei-me que he mais prudente esperar a resposta (sic) do meu adorado Esposo a quem eu escrevi hoje e lhe fallei em este negocio.

Esteja persuadido de toda a Amizade e Estima Desta Sua Ama

Princeza».

E faz ao seu ministro a mais categorica declaração de quanto a apaixonava a independencia brasileira, pedindo energicas providencias policiaes contra as manobras de um club secreto, inimigo da causa nacional. Declara estar prompta a sacrificar a vida pelo bem da nação brasileira. Julga-se felicissima a ella pertencendo:

«Tenho muitas esperanças que eu acha (sic) o Flach e que a manhã eu o poderei mandar a sua presença (sic); foi hum Preto e outro Criado d'elle a sua busca assim espero reparar a minha impaciência que eu sentia dobrada sendo pronta a desciar (sic) a minha vida para o bem publico e da nação brasileira a que eu m'estimo felicissima de pertencer.

Peço-lhe de estar persuadido de toda a minha Amizade e Estima particular Desta Sua Ama

Princeza».

P. S. Vem este instante o Barão de Mareschal, Secretario de Legação austriaca, contar que o «Club» era na fabrica de polvora e que antes d'hontem vi (sic) passar muita gente de lá para cá ás onze horas da noite.

Curiosos são dois bilhetes referentes á viagem do futuro Pedro I a S. Paulo, em vespervas de 7 de setembro:

«Em este instante recebo huma carta de meu adorado Esposo, de Taubaté (sic) elle está bom e lhe remetto estes officios para metter do mesmo modo q. os outros na Gazetta, tambem o Portador m'entregou estas Cartas, q. eu lhe remetti.

Esteja persuadido de minha Amizade e Estima Desta Sua Ama Princeza».

«Co muitã satisfação remetto-lhe esta carta de meu muito amado Esposo que hum Preto vem em este instante intregár-me; elle mē diz que todos estavão em perfeita saude viajando ao vaghar tendo as bestas muito cansadas.

Peço-lhe, se vai huma occasião, de mandar esta Carta inclusa ao Principe e ser persuadida de minha estima e Amizade.

Desta Sua Ama

Princeza».

P. S. Peço-lhe se não impedem os negocios, desejo falar-lhe esta tarde-vindo ás 4 horas até as 5».

Interessantes, pela sua singeleza, vem a ser estas linhas:

«O Principe, na sua Carta, disse que me tinha escrito o dia antecedente e mandado algumas encommendas, mas ambas não parecem peço-lhe de mandar procurar para elas e no mesmo tempo dar um passaporte a Mr. Pline Capbreiro (?) a quem o Principe deu a licença ha mezes para ir donde quizesse. Athé agora não appareceu o homem ne risposta (sic) mas vai continuando a fazer-se as diligencias. Peço-lhe de estar persuadido de minha Amizade e Estima particular

Desta Sua Ama e Amiga

Princeza».

Enorme valor evocativo têm as poucas linhas seguintes:

«O Portador desta he Paulo Bregaro, homem de confiança e que pode ser portador destes officios e da minha Carta».

Paulo Bregaro foi, realmente, o correio de confiança da jornada de 7 de Setembro.

Ao lhe entregar José Bonifacio os papeis cuja leitura levou D. Pedro a bradar «Independencia ou Morte!» expressivamente lhe disse, como tanto é sabido:

«Se não arrebentares uma duzia de cavallos nunca mais serás correio».

Parece-nos que com a publicação destas singelas cartas da Imperatriz, mais se reforça o clamor das vozes que a consagraram paladina de nossa independencia.

Criatura de eleição, pelo espirito a cultura e os sentimentos, á infeliz, primeira soberana do Brasil-nação, couberam sempre as attitudes nobres e as iniciativas generosas.

(a) *Affonso de E. Taunay*

No «O Jornal», do Rio.

Alguns dados sobre a segunda Imperatriz do Brasil

Quando D. Maria II regressou da Inglaterra, para onde fôra a mandado de D. Pedro I, em companhia do marquez de Barbacena, isto, logo depois de ter D. Miguel se proclamado rei absoluto de Portugal, trouxe em sua companhia a princeza D. Amelia de Leuchtemberg, escolhida para segunda esposa do Imperador do Brasil, que, em 1826, enviudara de D. Leopoldinã.

D. Amelia de Leuchtemberg, cuja belleza era já conhecida e causava sensação nas côrtes europeas, ao chegar ao Rio de Janeiro, tinha apenas 17 annos de idade.

A juvenil e imperial noiva, que nascera no palacio real de Munich, a 31 de Julho de 1812, era filha do principe Eugenio de Beauharnais e da princeza D. Augusta Amelia.

Seus avós maternos eram o rei Maximiliano I da Baviera e a rainha D. Maria, princeza de Hessen-Darmstadt; e os paternos, o general visconde de Beauharnais e a famosa Josephina Tascher de la Pagerie, viscondessa de Beauharnais, mulher celebre pela formosura, e elegancia e que, enquanto o marido morria no cadafalso, expiava numa masmorra, em companhia das não menos celebres duqueza d'Aiguillon e Thereza Cabarrus, o crime de pertencer á mais elevada gerarchia social.

A avó paterna de D. Amelia, a viscondessa de Beauharnais, casou em segundas nupcias com Napoleão Bonaparte, tendo sido depois coroada, com seu esposo, na cathedral de Notre-Dame.

Dos enteados de Napoleão I, era o principe Eugenio o mais estimado pelo padrasto.

A náu que trazia D. Maria II e D. Amelia chegou ao Rio de Janeiro, em outubro de 1829, e a princeza de-

sembarcou com um lindo vestido de seda e gaze, enfeitado de rosas; tão admiravelmente bella estava assim, que D. Pedro I, para nunca esquecer esse dia creou, em homenagem á nova esposa, a Ordem da Rosa, por decreto de 17 de Outubro de 1829, assignado por José Clemente Pereira.

A sua chegada ao Brasil foi o derrocar do prestigio e influencia omnipotentes que a favorita, marquez de Santos, gozava junto ao Imperador. Pouco depois, era esta afastada da cõrte e D. Pedro absorvia-se na grande paixão que lhe inspirou sua segunda esposa.

D. Amelia, porém, não foi feliz no Brasil. Os quinze mezes e dias que passou no Rio de Janeiro, foram cheios de sobresaltos, pois já o povo se desagradara das loucuras e das ideias absolutistas do proclamador da independencia brasileira. Eram continuos os ataques aos actos de D. Pedro, actos esses que alienando-lhe as sympathias, motivavam revoltas.

Abrigada no palacio da Boa Vista e quasi só cercada pela cõrte, a Imperatriz, nesse pouco tempo que aqui esteve, não poud fazer-se conhecer e amar pelo povo como merecia, motivo por que deixou tão poucas lembranças no Brasil. Foi, porém, estimadissima por todos os que com ella lidaram ou conviveram. Os criados foram-lhe dedicadissimos e choraram sinceramente, quando a viram deixar definitivamente o Brasil.

Por occasião das tocantes scenas da vespera e madrugada da abdicação de D. Pedro I, só Deus e os que della conheciam a dedicação pelo esposo, puderam avaliar a coragem que incutiu no animo do imperador, no meio de tantas provações. Foi o regaço dessa Imperatriz de dezenove annos que recebeu as lagrimas de D. Pedro I, lagrimas que começaram a deslizar pela imperial face, quando o monarcha entregou ao major Frias a folha de papel em que havia scripto e assignado a sua abdicação e, depois, foram se misturar ás da esposa, em seus aposentos particulares.

E, quando D. Pedro voltou á sala, desta vez com a Imperatriz (que tanto o aconselhara a dissolver o ministerio antipathico ao povo e a organizar um novo que lhe salvaguardasse o throno e restituísse a confiança dos brasileiros), enquanto elle manifestava serenidade, ella, depois de tanta resignação e coragem ter

incutido no animo d'elle, já não podendo resistir ao pranto, mostrava-se mulher e vinha debulhada em lagrimas.

Tristes lagrimas no coração de uma Imperatriz tão joven...

E, como diz Pereira da Silva, no «Segundo periodo do reinado de D. Pedro I, no Brasil», se não pôde o pincel pintar quanto mais a penna descrever as commoções por que D. Pedro e D. Amelia passaram o resto da noite!... Constituem scenas que apenas se advi-nham pelo pensamento!»

D. Amelia deixou o Brasil com o Imperador, na manhã de 7 de Abril de 1831, acompanhando-os a rainha D. Maria II, (trouxe-a D. Amelia e com ella voltou para Europa) o duque de Leuchtemberg, o duque e a duquesa de Loulé, muitos amigos fieis e servos dilectos, seguindo todos em carruagens até o caes de S. Christovão (ultimo pedaço da terra brasileira pisado pela Imperatriz). Dahi, os levaram para bordo da náu *Warspite* os escaleres britannicos e todos se acolheram á protecção da bandeira ingleza.

Já no exilio, em Paris, aonde se installara á espera dos acontecimentos que prendiam D. Pedro em Portugal, D. Amelia deu á luz uma menina que se chamou Maria Amelia.

Vencido e exilado D. Miguel, e coroada D. Maria II, D. Pedro e D. Amelia ficaram residindo em Lisbôa: mas o filho primogenito de D. João VI, pouco tempo sobreviveu á victoria de seus exercitos e, a 29 de Setembro de 1834, morreu nos braços da esposa que ainda não completara vinte annos.

Desde então D. Amelia se dedicou toda á sua filha que lhe foi, por alguns annos, o consolo do exilio e viuvez. Mas o destino não contente em a ter tanto attribulado, resolvera, mais uma vez, feril-a, agora porém na pessoa de sua adorada filha. Uma implacavel molestia abateu a mocidade da princeza D. Maria Amelia e levou-a ao tumulo depois de zombar de todos os recursos da sciencia. E, D. Amelia de Leuchtemberg, desolada pela dor, soffreu o rude golpe de ver morrer em seus braços essa filha querida e unica, na formosa idade de vinte e dois annos, na ilha da Madeira, onde em companhia da mãe, se refugiara em busca de cura ou allivio aos seus padecimentos.

Morta a filha, D. Amelia voltou a Lisboa e foi residir no palacio das Janellas Verdes, onde a installara sua enteada, a rainha de Portugal. Alli, viveu muitos annos, amargurada pela perda da filha, sem nunca poder esquecer-a «passeando, ás vezes, horas inteiras, com o pensamento fixo na filha que a deixara...»

Completamente entregue ás suas orações e obras pias, isolada em seu palacio, levando vida afastada do brilho do mundo, a segunda Imperatriz do Brasil falleceu a 26 de Janeiro de 1873, na idade de 61 annos, nunca abandonada da sua grande belleza, dessa grande belleza que os desgostos e as lagrimas não conseguiram empanar nem destruir... E, como disse um illustre diplomata que a conheceu em Paris: «D. Amelia de Leuchtemberg era digna de um melhor throno e maior destino».

Hoje, escrevendo estas linhas sobre a vida dessa mulher que, além da corôa da belleza, teve a de Imperatriz do Brasil, vejo, quanto o seu destino se assemelha ao dessa outra que, como ella, foi uma das mais brilhantes figuras do seculo passado. Eugenia de Guzman, Imperatriz da França e da belleza, como D. Amelia de Leuchtemberg, a mais bella das imperatrizes do Brasil, teve tambem o seu destino influenciado pela má estrella que tanto perseguiu Josephina de Beauharnais durante a sua vida. Avó da primeira e ligada pela afinidade á segunda, a primeira esposa de Napoleão Bonaparte legou-lhes involuntariamente as lagrimas que lhes sulcaram, copiosas, as faces.

D. Amelia, como Eugenia de Guzman, foi Imperatriz omnipotente pela graça e pela belleza e gozou de immensa influencia no coração de seu esposo. Como a esposa de Napoleão III, a filha do principe Eugenio soffreu duros annos de exilio e perdeu o marido depois de perder o throno. Ambas, viuvias, concretizaram seus carinhos no amor que dedicaram aos filhos unicos e unicos consolos. Uma e outra viram essas creanças adoradas morrerem-lhes nos braços e apagarem com seu ultimo suspiro a derradeira chamma que lhes aquecia os corações na fria solidão em que se extinguiram suas vidas...

Mas Eugenia de Guzman até hoje é lembrada e sinceramente chorada em França, emquanto de D. Amelia de Leuchtemberg não ficou no Brasil senão um vago

perfume da sua belleza que foi a melhor vingança de uma morta contra uma favorita.

Quanto ao palácio das Janellas Verdes, residencia em Lisbôa da Imperatriz D. Amelia, foi transformado no museu de arte que até hoje é.

Carta de D. Amelia de Leuchtemberg a D. Pedro II

“Entre os documentos da nossa historia sentimental, nenhum é mais interessante do que a carta de adeus, escripta pela segunda Imperatriz ao seu enteado que ficava dono de um throno, sem saber ainda o que fazer delle. Dona Amelia, antes de ir para bordo da náu *Warspite*, na qual sahiu do Brasil, deixou estas palavras a D. Pedro II” :

«Adeus, menino querido, delicias de minha alma, alegria de meus olhos, filho que meu coração tinha adoptado! Adeus, para sempre, adeus! Quanto és formoso neste teu repouso! Meus olhos chorosos não se podem faltar de te contemplar! A majestade de uma corôa, a debilidade da infancia, a innocencia dos anjos kingem tua engraçadissima fronte de um esplendor mysterioso que fascina a mente. Eis o espectáculo mais tocante que a terra póde offerecer! Quanta grandeza e quanta fraqueza a humanidade encerra, representada em uma criança! Uma corôa e um brinco, um throno e um berço! A purpura ainda não serve senão de estofo, e aquelle que commanda exercitos e rege um Imperio carece de todos os desvelos de uma mãe! Ah! querido menino, se eu fosse tua verdadeira mãe; se minhas entranhas te tivessem concebido, nenhum poder conseguiria separar-me de ti! Nenhuma força te arrancaria dos meus braços! Prostrada aos pés daquelles mesmos que abandonaram meu esposo, eu lhes diria entre lagrimas: «Não vêdes mais em mim a Imperatriz; mas uma mãe desesperada! Permitti que eu vigie o nosso thesouro! Vós o quereis bem seguro e bem tratado; e quem o haveria de guardar e cuidar com maior devoção? Se não posso ficar a título de mãe, eu serei a sua creada ou

a sua escrava! «Mas tu, anjo de innocencia e de formosura, não me pertences senão pelo amor que dediquei a teu augusto pae; um dever sagrado me obriga a acompanhal-o em seu exilio, através dos mares, a terras estranhas! Adeus, pois, para sempre, adeus! Mães brasileiras, vós que sois meigas e afagadoras dos vossos filhinhos, a par das rôlas e dos beija-flores das campinas floridas, suppri minhas vezes; adoptae o orphão coroadado; dae-lhe todas um lugar na vossa familia e no vosso coração. Ornai o seu leito com as folhas do arbusto constitucional; embalsamai-a com as mais ricas flores de vossa eterna primavera; entrançai o jasmim, a baunilha, a rosa, a angelica, o cinnamomo, para coroar a mimosa testa quando o diadema do ouro a tiver machucado! Alimentai com a ambrosia das mais saborosas frutas; a ata, o ananaz, a canna melliflua; acalentai á suave toada das voßsas maviosas modinhas! Afugentai para longe de seu berço as aves de rapina, as subtis viboras, as crueis jararacas, e tambem os vis aduladores, que envenenam o ar que se respira nas côrtes. Se a maldade e a traição lhe prepararem ciladas, vós mesmas armai em sua defesa vossos esposos com as espadas, os mosquetes e as baionetas. Ensinai á sua voz terna as palavras de misericordia que consolam o infortunio, as palavras de patriotismo que exaltam as almas generosas, e, de vez em quando, sussurrai ao seu ouvido o nome de sua mãe de adopção!

Mães brasileiras, eu vos confio este preciosissimo penhor da felicidade de vosso paiz e de vosso povo. Eil-o tão bello e puro como o primogenito de Eva no paraiso. Eu vol-o entrego. Agora sinto minhas lagrimas correr com menos amargura. Eil-o adormecido. Brasileiros! Eu vos supplico que não o acordeis antes que me retire. A boquinha molhada do meu pranto ri, á semelhança do botão de rosa ensopado do orvalho matutino. Elle sorri, e o pae e a mãe o abandonam para sempre! Adeus, orphão imperador, victima de tua grandeza antes que a saibas conhecer! Adeus, anjo de innocencia e de formosura! Adeus! Toma este beijo! e este... e este ultimo! adeus, para sempre adeus!...»

D. Thereza Christina Maria de Bourbon

(Ao Conde Carios de Laet)

Foi Thereza Christina Maria de Bourbon, a terceira Imperatriz do Brasil; era filha do rei D. Fernando das Duas Sicilias e da Infanta de Hespanha, D. Izabel, filha de Carlos IV; nasceu a 24 de Março de 1822, e morreu na cidade de Porto, a 28 de Dezembro de 1889. Casou-se com o Imperador do Brasil D. Pedro II em 1843, tendo sido assignado o contracto do casamento em 23 de Janeiro de 1842.

Em Março de 1843 partiu do Rio de Janeiro, uma divisão naval, sob o commando do contra-almirante Eleodoro Beaurepaire Rohan, que tinha o seu pavilhão na fragata «Constituição», que era commandada pelo capitão J. J. Maia; além daquelle navio faziam parte da mesma divisão as corvetas «Dois de Julho», do commando do capitão Pedro Ferreira de Oliveira e «Euterpe», do capitão João Maria Wandenkok.

A esquadra chegou a Napoles no dia 21 de Abril, levando a seu bordo José Alexandre Carneiro Leão, visconde de S. Salvador de Campos, embaixador de D. Pedro II.

Tambem ia fazendo parte da comitiva o naturalista e abalariado botânico brasileiro dr. Freire Allemão, como medico da mesma.

A 30 de Maio effectuou-se na Capella Palatina a cerimonia religiosa dos esponsaes, sendo nella representado o Imperador do Brasil pelo Principe de Syracuse. Só a 30 de Julho partiu a Imperatriz D. Thereza Christina na divisão naval brasileira, que veio escoltada por uma divisão naval napolitana, composta da não «Vesuvio», e das fragatas «Amelia», «Elizabeth» e «Parthenope», e chegou ao Rio de Janeiro ás 17 hs. de 30 de Setembro. A corveta «Euterpe» precedera-a de algumas horas para dar o aviso da chegada.

No dia seguinte verificou-se com todas as honras e ceremonias o desembarque da Imperatriz effectuando-se em acto successivo a solemnidade das benções nupcias na Capella Imperial.

Era D. Thereza Christina, senhora de grandes virtudes, viveu sempre isolada de qualquer movimento po-

lítico, estimada por toda a gente, que lhe rendia as mais sinceras homenagens. Teve dois filhos, que falleceram depois de nascidos: D. Affonso e D. Pedro, e duas filhas, as princezas D. Leopoldina e D. Izabel Christina (1), condessa d'Eu.

Destituída do throno em consequencia á revolução de 1889, deixou o Brasil onde permanecera uns 50 annos, que foram os mais felizes de sua vida. Do seu Palacio onde tão nobremente dominou por suas qualidades e suas virtudes domesticas sob a dolorosa impressão de vêr uma revolução triumphante e sob noite fria embarcou na corveta «Parnahyba», baldeando depois com toda a familia impérial para o vapor «Alagôas», que a conduziu para o exilio, sendo este comboiado pelo couraçado «Riachuelo». Chegou a Lisbôa a 7 de Dezembro, fallecendo logo em seguida (28 do mesmo mez) no Porto. Naturalmente pelas emoções porque acabára de passar se aggravou o mal que soffria — «uma lesão cardiaca» — a sua morte foi rapida, tendo então exclamado: «O' Brasil... minha terra tão linda que me não deixam lá voltar!...» Seis dias depois foi o seu cadaver transportado para o Pantheon de Lisbôa, de onde somente em 1923 é que em consequencia á revogação ao decreto de «banimento» da Familia Imperial, assim como o de seu esposo, — o magnanimo Imperador brasileiro, que durante um periodo tão feliz para a nossa Patria governou-a, veio finalmente repousar em terra brasileira, pois que foi trazido de onde se achava, pelo nosso dreadnought «São Paulo».

(1) — D. Izabel foi por duas vezes Regente do Imperio, durante o tempo em que seu Augusto Pae, o Imperador D. Pedro II, esteve afastado do paiz, em visita a paizes estrangeiros; foi numa dessas occasiões, que essa excelsa princeza do Brasil, assignou a Lei Aurea, assim chamada, que punha um fim a escravidão no Brasil. Falleceu essa princeza em 1922, sem ainda ter tornado ao Brasil, tendo no entanto sido recente a Lei que abolia o decreto de banimento da Familia Imperial Brasileira.

A Imperatriz D. Leopoldina

O 99.º anniversario de sua morte

(Ao dr. Max Fleiuss)

No dia 11 do corrente, passou-se o 99.º anniversario da morte da nossa virtuosa Imperatriz D. Leopoldina — de saudosa memoria.

Foi ella a esposa de D. Pedro I, era filha de Francisco I, Imperador da Austria, e irmã de D. Maria Luiza, a indigna esposa do grande Imperador e soldado — Napoleão.

No Convento de Sto. Antonio (Rio de Janeiro), foi prestada commovente e significativa homenagem á memoria da Paladina da nossa Independencia.

A «Commissão de Propaganda Republicana» depositou ao lado do ataúde de D. Leopoldina, uma grande cesta de flôres naturaes, com a seguinte legenda em fitas verde-amarello: — «A' Padroeira da Independencia» — homenagem da Commissão de Propaganda Republicana». O mesmo ataúde foi envolvido numa grande bandeira da Republica.

Em seguida o dr. Manoel Miranda leu um longo e significativo discurso, no qual, entre outras cousas, recordou a nobre acção que teve D. Leopoldina, para que o Brasil ficasse independente.

Falou depois, em nome da mocidade republicana, o dr. Ruy Barbosa dos Santos e a seguir, o dr. Generino dos Santos, leu um soneto dedicado á nossa querida Imperatriz D. Leopoldina.

Entre as homenagens á nossa 1.ª Imperatriz, o «Correio da Manhã» publicou um longo e magnifico trabalho sobre a mesma, o qual tinha a epigraphe: «A Paladina da nossa Independencia» — da autoria do exmo. sr. dr. Max Fleiuss, illustre patriota e homem de letras eminente.

Esse trabalho termina lembrando como se passou a tocante cerimonia de 9 de Novembro de 1911, na transladação dos ataúdes de D. Leopoldina e mais duas

princezas, do Convento da Ajuda; para o dito de Sto. Antonio.

As ultimas palavras do mesmo, evocaram-me um tempo para mim bastante feliz, porém ao mesmo tempo encheu-me de tristeza, pois pareceu-me que aquelle illustrado patriota, desconhece que o obscuro e modesto autor destas linhas, vem desde 1920 publicando pela imprensa, algo sobre a imperatriz D. Leopoldina.

O mesmo, em seu trabalho, publicado em 11 e 12 no «Correio da Manhã», lembra que as carretas que conduziam os ataúdes de D. Leopoldina e mais duas princezas, eram puxados por marinheiros...

Em notas por mim publicadas a 16 de Abril de 1921, no «Diario Popular», e sobre a epigraphe «A imperatriz D. Leopoldina», lembro que tomaram parte na transladação dos ataúdes de D. Leopoldina e das duas princezas, 50 soldados do 52.º Batalhão de Caçadores, sendo um destes soldados, o hoje modesto official do Exercito e que estas linhas subscreve...

«Realmente... para mim, poucas missões honrar-me-hão tanto, como essa».

Franca, 15-12-1925.

D. Pedro II na Rendição de Uruguayana

A' memoria do Visconde de Ouro Preto

O Imperador D. Pedro II, cujo 1.º centenario de seu nascimento se commemora a 2 de Dezembro, tem sido apontado como o maior dos brasileiros, no que estamos em pleno accordo, apezar de termos nascido e nos termos creado sob o dominio republicano e nesses ideaes.

Nasci num estado onde tudo é grande, e no qual a liberdade foi sempre a aspiração de todos os seus filhos. Foi com a alma dos republicanos que nasci, e no entanto orgulho-me em deixar saber que, na minha opinião, foi o monarcha D. Pedro II quem até hoje melhor e com mais sentimentos nobres e patrioticos governou o Brasil.

Esse nosso Imperador tornou-se ante os olhos dos brasileiros, maior ainda, quando ao romper da guerra contra Solano Lopez, immediatamente, manifestou desejo de marchar para o theatro da guerra, e como lhe fizessem vêr que isso não era possível, elle respondeu: «Mas ninguem me impedirá, que eu abdique o throno e siga para a guerra como simples voluntario».

D. Pedro, partindo por mar do Rio de Janeiro, desembarcou na cidade do Rio Grande, e dahi, a cavallo, seguiu rumo a Uruguayana, onde chegou a 11 de Setembro de 1865, acompanhado de seus dois genros, do ministro da guerra, — conselheiro Angelo Muniz da Silva Ferraz, além de varios generaes.

Vinha o magnanimo Imperador compartilhar da sorte dos soldados nos rudes trabalhos da guerra, e castigar o invasor que ultrajára o solo de nossa Patria.

A 17 de Setembro, realizou-se uma conferencia entre os generaes alliados, que decidiram o ataque para o dia 18.

Nesse dia, o Barão de Porto Alegre fez a ultima intimação aos paraguayos para que, no prazo de duas horas, se rendessem.

Estigarribia não resistiu, accitou as condições impostas pelos alliados, entregou sua espada ao ministro Ferraz, e, em seguida, toda a columna inimiga, em numero de 5.131 soldados e 59 officiaes, se entregou prisioneira de guerra.

— Por ordem de S. M. o Imperador D. Pedro II, tratou-se todos os prisioneiros sob os principios de humanidade.

A partir desse momento D. Pedro foi obrigado, a contra-gosto, a deixar as tropas e regressar ao Rio de Janeiro, porque a constituição brasileira lhe prohibia passar á fronteira do Imperio sem licença do Congresso.

Achava-se D. Pedro II, ainda em frente de Uruguayana, quando recebeu Mr. Thorton, que vinha, como embaixador inglez, reatar as relações diplomaticas entre o seu paiz e o Brasil, rôtas desde 1861, devido ao «Caso Christie». Durante essa questão, D. Pedro II, ainda bastante moço, portou-se dignamente, perante ás affrontas e injustiças da poderosa «Albion» para com o nosso paiz.

Segundo um diplomata argentino — «Foi D. Pedro II, o maior estadista sul-americano». —

Batataes, 23-11-1925.

D. Pedro II e D. Thereza Christina

A belleza moral dessas duas illustres figuras enobrecce as paginas activas e gloriosas da historia do nosso segundo imperio.

D. Pedro II, que herdara da imperatriz Leopoldina, sua mãe, a formosura physica, a grandeza da intelligencia, as primoras virtudes, e aprendera, com seus mestres, a ser justo e magnanimo, teve a felicidade de se unir a uma mulher que, virtuosa como elle, se não dispunha da mesma cultura intellectual vastissima, possuia um coração cheio de nobres qualidades e uma alma forte e generosa.

D. Thereza Christina, filha do rei das Duas Sicilias, ao pisar o nosso sólo já trazia captivos todos os corações que a tinham acompanhado na sua viagem para o Brasil, onde se fez amar tanto pelo povo que em pouco tempo mereceu ser consagrada com o invejavel titulo de «Mãe dos Brasileiros».

Raras vezes, num mesmo destino, se encontraram dois caracteres tão identificados e sentaram-se, num mesmo throno, dois exemplos tão edificantes de piedade, perfeição e bondade.

Cincoenta e oito annos reinaram os nossos ultimos monarchas e nunca, nesse longo tempo, o Brasil deixou de avançar na senda do progresso, jamais se afastou um só instante das suas gloriosas tradições e, em momento algum, deixou de acompanhar o evoluir da civilisação nem de religiosamente zelar o governo imperial pela defesa, pela dignidade e pela honra da Nação brasileira.

D. Pedro II e D. Thereza Christina foram os amigos mais sinceros e os paes mais dedicados e carinhosos que até hoje teve o povo brasileiro. Tudo elles fizeram pelo nosso bem e pela nossa ventura. Até hoje o paiz ainda não teve dias tão tranquilllos, tão prosperos e brilhantes como durante o segundo imperio.

Esses dois illustres monarchas cujos nomes não podemos pronunciar sem profundo respeito e profunda veneração, foram desthronados e exilados por aquelles que mais haviam sido bafejados pelos seus beneficios e protecção.

Todas as vicissitudes por que vimos passando, desde o proclamar da Republica, não têm sido mais que o castigo pela immensa ingratição e cruel impiedade para com os velhos imperadores, ou melhor, para com um sabio e para com uma santa.

(a) *Tacito Salgado dos Santos*

Reminiscencias

O conde d'Eu em visita ao 4.º Batalhão de Caçadores

(Ao General João Heliodoro de Miranda)

Depois de pouco mais de 30 annos de ausencia, voltou ao Brasil o Conde d'Eu ex-marechal do nosso Exercito e commandante em chefe na ultima phase da campanha contra o Paraguay.

Após alguma demora no Rio, S. Alteza veiu a São Paulo, onde chegou a 26 de Janeiro de 1921. Na visita que fez ao Quartel General da Região, foi recebido pelo saudoso general Celestino Alves Bastos, então commandante, tendo percorrido todas as dependencias do Quartel General, em companhia do citado general, do principe D. Pedro, seu filho primogenito, e do coronel Christiano Klingelhofer.

Contemplando demoradamente os retratos dos nossos heróes, citou, com notavel memoria, diversos episodios daquela terrivel campanha, lembrando até um simples facto occorrido com o irmão do Duque de Caxias, a quem pedira, durante a campanha, para guardar um relógio, que o depositario, apezar de todo o cuidado, acabou perdendo. Parando em frente ao retrato do Barão do Triumpho, fixou-o exclamando rapidamente: «O Andrade Neves».

Do Quartel General dirigiu-se para o 4.º Batalhão de Caçadores. O Commandante do batalhão coronel João

Heliodoro de Miranda e toda a officialidade lhe fizeram condigna recepção. Sua Alteza percorreu todas as dependencias do quartel, examinando com minuciosidade tudo o que lhe foi mostrado, principalmente os alojamentos e cosinha.

No casino dos officiaes ao terminar o lunch que lhe foi offerecido, felicitou em breves palavras o coronel commandante, elogiando a ordem e disciplina que observou reinar no Corpo.

Agradeceu, ao terminar, a maneira carinhosa com que foi recebido no 4.º B. C.

A' noite, o coronel Heliodoro e seus officiaes compareceram á estação da Sorocabana, onde se realizou o embarque do conde d'Eu e de seu filho, com destino a Curityba.

S. Alteza que já estava em sua cabine, mostrou-se muito penhorado, dizendo:

— «Mas quanta bondade tiveram os senhores officiaes do Exercito, vindo de tão longe ao nosso embarque».

A' partida do comboio foram erguidos varios vivas por um grupo de distinctas familias da melhor sociedade, ao conde d'Eu, ao Exercito brasileiro, tendo correspondido o nosso coronel com um «hurrah!» ao povo paulista e ao seu progressista Estado.

— No livro historico do 4.º B. C. foram inscriptas, no mesmo dia, por ordem do coronel Heliodoro, as seguintes palavras:

«Hoje, acompanhado pelo sr. general de divisão Celestino Alves Bastos, cmt. da 2.ª região, visitaram o batalhão S. S. A. A. o sr. conde d'Eu e o principe d. Pedro. S. Alteza o conde d'Eu louvou as bellezas da situação do quartel, o estado geral do mesmo, o conforto e hygiene dos alojamentos, manifestando tambem sua grande satisfação por se encontrar de novo no meio da officialidade brasileira do Exercito, sem duvida, dignos successores daquelles que tivera a grata satisfação de commandar e conduzir á victoria, quando exerceu o commando supremo do Exercito em operações contra o governo do Paraguay.

«Soldados que somos, não ignorando o que foram esses sombrios e inesqueciveis dias e entre os quaes se contam as victorias alcançadas sob o commando do illustre visitante: o acerrimo combate de Peribuy e a memoravel batalha de Campo Grande.

«Representantes da casa reinante do nosso paiz no antigo regimen, continuam hoje, por seu passado, pelos serviços prestados á nação na paz como na guerra, a ser credores do nosso profundo respeito e admiração. (1).

S. Paulo, 26-1-1924. (2).

(1) Publicado n'«O Combate» de São Paulo.

(2) Aproveito a oportunidade da sahida deste meu livro para fazer a seguinte declaração já feita em carta ao Sr. General Abilio Noronha :

«Exmo. Sr. General Abilio.

«Meus respeitózos cumprimentos.

«Sómente agora, pela leitura da ultima parte do vosso livro «*O Resto da Verdade*, é que vim ter conhecimento de ter um coronel, «declarado ter-lhe eu dito em Maio de 1924, estar prestes a rebentar «um movimento revolucionario, isso foi declarado pelo mesmo ao «Sr. Juiz Federal deste Estado, por occasião do Summario de Culpa «pelo Dr. Procurador Criminal.

«Cumpre-me por meio desta, vos declarar que jamais fiz tal «declaração, e por isso vos peço a publicação desta nas proximas «edições do livro acima.»

S. Paulo, 10 de Julho de 1925.

Amilcar Salgado dos Santos



INDICE

Breves Palavras	Pag.	7
-----------------------	------	---

I

Os antecedentes de D. Leopoldina.....	Pag.	11
---------------------------------------	------	----

II

A Infancia de D. Leopoldina. — O Marquez de Marialva. — Seu noivado. — Razões politicas do casamento do Principe D. Pedro. — Sua viagem ao Brasil	Pag.	14
---	------	----

III

A chegada da archiduqueza D. Leopoldina ao Rio de Janeiro. — Beneficio que trouxe a vinda de D. Leopoldina ao Brasil. — A sua primeira filha. — O Duque de Luxemburgo. — As festas e recepções no Rio de Janeiro. — O celebre baile offerecido pelo general Avilez Zurarte. — Vantagens que teve o Brasil com a vinda de D. Leopoldina	Pag.	45
--	------	----

IV

A partida de D. João VI para Portugal. — O “Fico” — D. Leopoldina trabalha com afinco para que seu marido fique no Brasil e faça de nossa patria uma nação independente. — Viagem de D. Pedro a Minas Geraes e São Paulo. — O 7 de Setembro em São Paulo. — A aclamação e a coroação de D. Pedro como Imperador do Brasil. — D. Leopoldina Imperatriz do Brasil	Pag.	70
---	------	----

V

A situação politica no Rio de Janeiro, de 1822 a 1824 — A maçonaria em scena. — A demissão de José Bonifacio O caso do boticario Pamplona. — Graves acontecimentos em consequencia a esse caso. — A noite d'Agonia. — Degredo de José Bonifacio e outros brasileiros illustres. — A Imperatriz D. Leopoldina	Pag.	105
--	------	-----

VI

A viagem de D. Pedro e D. Leopoldina á Bahia. — A morte de D. João VI. — D. Leopoldina e sua triste vida conjugal. — D. Pedro segue para o Sul	Pag.	121
--	------	-----

VII

Enfermidade, morte e os sollemnes funeraes da Imperatriz D. Leopoldina	Pag.	138
--	------	-----

VIII

D. Pedro parte para o Sul. — A morte da Imperatriz. — O regresso do Imperador para o Rio. — A Demissão do Ministro da Marinha — Epilogo	Pag.	157
---	------	-----

Annexos

a) Minhas recordações sobre a trasladação dos restos mortaes da Imperatriz D. Leopoldina, do Convento da Ajúda para o dito de Santo Antonio	Pag.	171
b) Cartas ineditas da Imperatriz D. Leopoldina a José Bonifacio	Pag.	173
c) Alguns dados sobre a segunda Imperatriz.....	Pag.	178
d) Carta de D. Amelia, a D. Pedro II	Pag.	182
e) Thereza Christina de Bourbon	Pag.	184
f) A Imperatriz D. Leopoldina (O 99.º anniversario de sua morte)	Pag.	186
g) D. Pedro II, na Rendição de Uruguayana	Pag.	187
h) D. Pedro II e D. Thereza Christina	Pag.	189
i) "Reminiscencia" O Conde d'Eu, visita o 4.º Batalhão de Caçadores	Pag.	190

Gravuras

A Imperatriz Leopoldina	Pag.	7
O Castello de Schönbrum e o Palacio da Quinta da Bôa Vista	Pag.	15
O Marquez de Marialva.	Pag.	38
O desembarque de D. Leopoldina no Rio de Janeiro em 1817.....	Pag.	51
A Fazenda Real de Santa Cruz	Pag.	79
A aclamação e a Coroação de D. Pedro I	Pag.	105
D. Pedro I, passa revista ás tropas no Campo de S. Christovão a 7 de Setembro de 1823	Pag.	121
O Largo do Paço no tempo de D. Leopoldina....	Pag.	157
O Marquez de Barbacena e o Visconde de S. Leopoldo	Pag.	171